

FABRÍCIO CÉSAR DE OLIVEIRA

DIÁLOGOS NO SIGNO “AMÉRICA LATINA” - DA
LINGÜÍSTICA À FILOSOFIA POLÍTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA
FEVEREIRO DE 2007

FABRÍCIO CÉSAR DE OLIVEIRA

DIÁLOGOS NO SIGNO “AMÉRICA LATINA” - DA
LINGÜÍSTICA À FILOSOFIA POLÍTICA

Dissertação apresentada conforme exigência curricular para obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-graduação em Lingüística pela Universidade Federal de São de Carlos – UFSCar - com a orientação do Prof. Dr. Valdemir Miotello.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

FEVEREIRO DE 2007

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

O48ds

Oliveira, Fabrício César de.

Diálogos no signo "América Latina" : da Lingüística à
Filosofia Política / Fabrício César de Oliveira. -- São Carlos :
UFSCar, 2007.

139 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2007.

1. Linguagem - filosofia. 2. Signos e símbolos. 3. América
Latina. 4. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975.
I. Título.

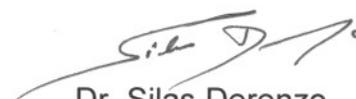
CDD: 401.4 (20ª)

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO DE **GUSTAVO DIAS MAIA**, APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA QUÍMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS EM 20 DE SETEMBRO DE 2007.

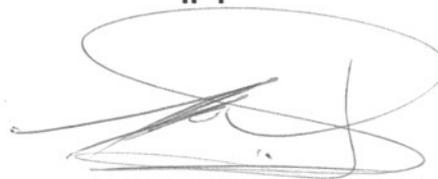
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. José Renato Coury
Presidente, PPG-EQ/UFSCar



Dr. Silas Derenzo
IPT



Dr. Wagner Aldeia
IPT



Prof. Dr. Luiz Fernando de Moura
DEQ/UFSCar



Dr.ª Ana Beatriz Neves Brito
DEQ/UFSCar

*À minha família e conviveres por suas alteridades
irredutíveis e por todo litigioso respeito humano.*

Verão de 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço à família de amigos, comparsas, parceiros e inimigos leais que me deram o privilégio do convívio e o calor de embates amistosos.

Aos meus irmãos (Altair, Gerusa, Débora, Andréia e Silvana), que me criaram com o zelo necessário para que eu me tornasse humano em minhas relações cotidianas.

À minha mãe que me ensina diariamente a levar um sorriso cordial na bagagem da vida ao enfrentar o mundo, mesmo que ele nos amedronte.

Aos membros do GEGE - Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - pelas centelhas triboluminescentes provocadas nas tardes intensas abaixo do abacateiro, da praça do Departamento de Letras na Universidade Federal de São Carlos.

À Banca, João Wnaderley Geraldi e Sandoval Nonato Gomes Santos, pela grande contribuição na qualificação e pelo ímpeto voraz das críticas na defesa desta dissertação.

À João Bosco, Marly e Ricardo por respeitarem o tempo gasto com esta dissertação.

Aos meus sobrinhos (Thiago, Lucas, Matheus, Felipe, Luiza, Lívia, Laura, Lídia, Gabriel, Esther, Carlos, Marília e Ricardo), pela crença no tio mais novo.

À Renata e João Pedro por serem a minha casa, erguida com tijolos de respeito, leveza, trabalho e fé.

À Valdemir Miotello, Maria Isabel de Moura, Aline Pacífico Manfrim e André Luiz Covre pela hospitalidade, orientação e companheirismo.

*“O poeta deve
compreender que a sua
poesia tem culpa pela
prosa trivial da vida
[...]”.*

Mikhail Bakhtin

*“O herdeiro não é apenas alguém que
recebe, é alguém que escolhe”.*
Jacques Derrida

Sumário

Apresentação	7
Resumo	10
Introdução	11
Capítulo primeiro – [AL]ter-História a partir de Galeano.	24
Capítulo segundo - Contribuição Bakhtiniana: Dialogia e Signo.	41
Capítulo terceiro - Arena de diálogo com Rancière: Dissenso.	70
Capítulo Quarto - O Marxismo da atu(AL)idade de Hardt & Negri: Império.	89
Capítulo Último – A Litigiosidade da dialogia atu(AL).	115
Conclusão	128
Bibliografia	131

APRESENTAÇÃO

“O próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho?
Fazemo-lo juntos com a respiração.
E com uma desenvoltura de toureiro na arena.”

Clarice Lispector

Como cada pergunta está prenhe de respostas todo ser humano vive grávido de futuro. Os signos brotam das atividades humanas com uma brutalidade de touro na arena. Os olhos mais atentos os lêem com uma desenvoltura de toureiro. Basta colocarmo-nos no mundo para que a máquina da interação seja ligada, e com ela o verbo entre no humano da gente, alimentando-nos de sonhos e ideologias. Toda a história da humanidade que conhecemos se sustenta por palavras; por um lado, se sustenta na falibilidade frágil de cada signo verbal, na textura tênue e eterna de diálogos provisórios do cotidiano; e por outro lado, se sustenta na herança que os registros humanos nos deixam como escolha, para o presente e para o futuro.

O signo verbal é paradoxal, como o próprio homem: frágil fortaleza. Por um lado é frágil: por pertencer a olhares *cronotopicamente* distintos; por pertencer a cada horizonte

social; a cada respiração conjunta entre o Eu e o Outro na interação verbal. E, paradoxalmente, por outro lado é fortaleza: por sustentar toda história também no signo; ao registrar em simbologias e materiais históricos toda a completude incompleta do humano do homem. O signo verbal é sutil, arguto, fecundo, prostituto e ubíquo. É a centelha que ilumina e cega os caminhos do homem. A palavra é nossa morada provisória, por isso, nossa frágil fortaleza.

Toda esta dissertação se sustenta nos paradoxos que são a palavra e o humano, por eles decidi erguer uma leitura possível da realidade em torno do signo “América Latina”. À palavra dedico toda a possibilidade de se construir história ao contá-la, de se registrar resistência ao escrever. Ao humano dedico versos em prosa acadêmica, decerto um cântico para o futuro e de resistência.

RESUMO

Vivemos um tempo propício para pensarmos o signo “América Latina”. Fazê-lo dialogar com teorias da filosofia política, da política da globalização e da filosofia da linguagem ajuda a pensar os movimentos e os litígios recorrentes no signo na atualidade política. Rancière (1996 e 1999), Bakhtin (1929 e 1979) e Hardt & Negri (2004) dialogam em suas teorias sobre a estreita relação do signo com a materialidade sócio-histórica e ideológica, apontando respectivamente como Dissenso, Ação Lingüística e Signo Ideológico os acontecimentos discursivos de uma América Latina diversa, múltipla em busca de sua alteridade. A alteridade na América Latina surge como geratriz das relações. Não se pode mais pensar o signo “América Latina” como lugar fechado em uma categoria de identidade, mas deve ser pensado pela dialogia da alteridade (Ponzio, 1998). Entendo o signo no nível do discurso como a materialização lingüística dos litígios da realidade. A realidade atual da América Latina se apresenta dissensual e multicolorida, rompendo com a história linear pós-colombiana anterior às teorias de Ponzio, Bakhtin, Rancière, Hardt & Negri. As vozes de resistência outrora ocultadas pela força da constituição das “cidades das letras” (Rama, 1984), agora forçam o diálogo com a escrita e o poder. Antes a história latino-americana aparecia pelas mãos dos letrados, hoje, nos tempos de mídia se espalha no cotidiano, está menos hegemônica e dependente. As relações de poder espraiam o próprio poder e a América Latina vem se destacando nesse tempo propício de interdependências e economia globalizada. Os discursos circulantes na *Folha de São Paulo* e na agência *Carta Maior* nos anos de 2005 e 2006, que enunciaram o signo “América Latina” formam um segundo corpus analisado, já que o primeiro se faz do diálogo conceitual entre as teorias de Bakhtin, Rancière e Hardt & Negri. Nesses dois *corpora* busquei a heterogeneidade discursiva e as aparições dissensuais que movem o materialismo histórico de forma dialógica; e transformam o signo em uma arena de luta de classes.

INTRODUÇÃO

“O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados”.

[Bakhtin, 1929, p.16]

Gêmeas: história e língua. Nasceram juntas, mas uma em cada instante, cada uma descobriu o sopro e a respiração em seu respectivo tempo, porém em tempos próximos, em tempos também gêmeos. A ponto de tornar-se claro que não há história sem língua, como não há texto (escrito ou oral) sem contexto, não há signo ideológico sem território preciso ou, interação verbal sem grupo socialmente organizado.

Contudo, em meio à história e a língua o único ser que vive em diálogo com ambas é o ser humano. Aristóteles foi mais além, dizendo: “*Único entre todos os animais, o homem possui a palavra*” (Aristóteles, no Livro I da Política). Mesmo que a invenção do alfabeto tenha sido e continua sendo uma das maiores criações da humanidade, não é o alfabeto que simplesmente coloca o homem como único; mas sim a posse da palavra (interativa, ideológica, valorativa e sígnica), pois antes da normatização do registro o homem já se manifestava de maneira ímpar no mundo (já haviam, antes do alfabeto ou mesmo da escrita, variadas manifestações de língua, distintivos grupos sociais e disputas ideológicas pelo valor dos signos). Entretanto, não se nega que a invenção da escrita surgiu para afirmar a posição de destaque do *Homo-sapiens* na escala evolutiva dentre os seres vivos. Podendo o ser humano, então, ver-se capaz de produzir história, registrar memórias, construir heranças, erguer sociedades heterogêneas em regiões (a)diversas com apenas uma centelha triboluminescente: o signo.

No topo da escala evolutiva e com os textos em mãos, o homem, segue criando as duas irmãs gêmeas - história e língua - muitas vezes confundidas, porém sempre distintas e complementares. Pois ao longo dos caminhos da humanidade (con)fundi-se as duas a uma unidade – em torno de um *logos europeu ocidental* – porém, são elas distintas e complementares como o Eu e o Outro em cada diálogo; como Aricoute e Tamendonare na mitologia Tupi, que cooperam entre si, contudo são (des)semelhantes e desunidos; como Sol e Lua, na mitologia ameríndia, são alteridades ímpares e indispensáveis uma para a outra.

Como os gêmeos tupis, os ‘gêmeos’ craôs se opõem continuamente. O mesmo pode ser observado em muitos outros mitos ameríndios, em que dois personagens ‘candidatos à união’, como diz Lévi-Strauss, são, ao contrário, reiteradamente afastados. O pensamento ameríndio se recusa a emparelhá-los, e é a oposição, o afastamento, a diferença, o fundamento de tudo o que fazem e, conseqüentemente, do mundo em que vivem os humanos[...] A terra onde vivem os humanos, intermediária, resulta do choque entre os dois: o do alto, do céu, empurrava para baixo, enquanto o de baixo, subterrâneo, empurrava para cima. Por isso o patamar humano, as valências se invertem: as montanhas são ligadas ao ‘de baixo’, e a bacia fluvial onde vivem os matsiguengas, ao ‘de cima’. O jogo entre esses princípios fez o mundo, e continua a movê-lo. (Perrone-Moisés, 2006, p.249)

História e língua apareceram também na mitologia como um *constructo* das relações humanas, em suas formas de ciência, tecnologia, política e linguagem, em seus modos mais subjetivos de construir humanidade. São irmãs na arte de construir heterogeneidade e pluralidade a cada espaço e tempo que habitam, deixam traços tangíveis de sua temporalidade específica e *irrepetibilidade cronotópica* a cada acontecimento, enunciação ou interação. Ao mergulhar na filosofia e nas teorias da linguagem, encontramos-nos com

uma reciprocidade histórica entre as duas irmãs gêmeas nascidas de uma mãe de fértil temporalidade¹: a humanidade nascida com o *homo-sapiens*.

O acontecimento inaugural da escrita causou um impacto *primevo* e eterno no humano do homem. Depois dos primeiros escritos o homem dificilmente voltaria ser apenas *homo-erectus*, pois ao longo do tempo veio desconstruindo-se até as modernas formas *sapiens economicus*, *sapiens sapiens* e a contemporânea denominação *homo sapiens-demens* do filósofo Edgar Morin (1997).

Proponho estudar a discursividade dialógica de acontecimentos mais modestos do que o da invenção da escrita, porém não menos sintomáticos para a completude histórica. Andar pelo viés da língua e suas interações em torno do signo, “América Latina”, é buscar fazer história como tentativa de compreender os acontecimentos humanos ao contá-los. Acreditando assim, que fazer história é constituir por um método uma temporalidade que se espelha na língua, no discurso, no texto de modo sensivelmente orgânico à situação dada, porque a língua é histórica. E qual o método? O método está associado a uma perspectiva teórica bakhtiniana (trago neste trabalho um todo permeado de diálogos da lingüística com a filosofia política baseado em um possível método e uma perspectiva teórica de Bakhtin, para analisar os estudos da linguagem e do discurso). Entretanto, é fundamental dizer, que por vermos costumeiramente o todo sob influências de uma noção de espírito de época – sob uma *vontade de verdade*, como preferiu dizer Nietzsche –

¹ Interessante pensar que a cada acontecimento, fato, ou invenção histórica o tempo e o contexto social se movimentem com uma temporalidade nova. O impacto do acontecimento da escrita na história da humanidade abriu outras margens para a própria história. Chegando a *modalizar* as temporalidades de cada um de seus descendentes humanos. Naquele instante histórico o tempo abriu-se para uma *nova temporalidade humana* de imensa capacidade produtiva. “A questão da história é encontrar o modo de impacto do presente sobre a temporalidade humana. O acontecimento é o que produz, numa ordem específica, uma temporalidade própria. Constitui um presente, um passado e um futuro. Ou seja, o acontecimento não se dá no tempo, ele constitui uma temporalidade pela qual ele significa” (Guimarães, 2004, p.12).

temos, por isso, que descortiná-la, na busca da noção de que o todo é apenas parte, e não realmente o real. Vemos o todo como verdade, e esta, sabemos, não é sinônimo pleno de realidade. Na busca de uma noção histórica que tenha a “história vista de baixo”, resistindo aos ditames do dinheiro que institui verdades-lineares, para, sim, contar história pela força humana que *interlocuta* com a realidade-não-linear.

Para ler o signo “América Latina” hoje, temos que descortinar a linearidade histórica com Bakhtin. Rompê-la com uma “nova história” que fez discípulos em Rancière e Hardt & Negri (teóricos de uma filosofia política global para os tempos chamados neoliberais e globalizados), direcionando-a assim para a não-linearidade. Contudo para montar uma leitura descontínua é preciso desconstruir noções. Foucault (1969) catalogou quatro (4) noções históricas que precisavam ser desfeitas para se observar a realidade; desobstruindo os caminhos para as ciências históricas buscarem aproximar-se mais do real da história e desfazer idealismos e dogmatismos:

- a) Segundo Foucault, seria preciso reler a noção de desenvolvimento e evolução da história, para que não se apaguem as saídas e entradas de discursos transversos e *multidirecionais* (*para não dizer dialógicos*), já que com esses apagamentos de uma linha de pensamento progressista e evolutivo podem iludir o homem de que caminha para a perfeição. E conseqüentemente, se aceitarmos a noção evolutiva, não consideraremos outros modos históricos, como o desvio, a regressão, revolução, as instabilidades e os litígios – Foucault (1969) chamou esta primeira de: *noção de coerência axiomática*. Para uma História não-linear que o signo

“América Latina” vem propondo contar a noção de coerência axiomática não passa de uma ilusão. Ilusão que deve ser desfeita, por releituras.

- b) Ainda segundo Foucault (1969), seria preciso também desfazer a noção de mentalidade ou espírito – conhecida como consciência coletiva, que prende a diversidade interior de qualquer coletividade a uma unidade (massificadora e generalizadora), transformando o que é múltiplo em unidade, e o que é diverso em igual, ou o que é peculiar em geral - para Foucault (1969) esta segunda ilusão histórica que devemos reler se chama: *noção de consciência coletiva*.
- c) A terceira noção a ser novamente lida é a de tradição e de influência. Para que não apenas o passado contado seja defendido, mas também atacado e questionado. Historicamente, os modos oficiais de tradição histórica estão vinculados a nichos políticos e intelectuais (centros de poder), por isso precisam ser re-visitados e contestados. Já que os nichos políticos e intelectuais de um tempo geram a noção histórica de espírito de época; e esta noção é apenas um modo de contar da elite para manter-se – Foucault (1969) denomina esta terceira de: *noção de espírito de época*.

- d) A quarta e última noção que precisaríamos desfazer é a de uniformidade², que prende a noção a uma *mimesis*, a uma reprodução, que não abre caminhos para que o real seja observado em seus fatos. A noção de uniformidade prende a história a um padrão romântico-idealista, transformando a história em dogmatismo. Esta noção precisa ser totalmente desfeita para que o signo “América Latina” rompa com uma visão que o identifica como unidade e não por suas diferenças – Foucault (1969) aponta esta quarta e última com o nome de: *noção de uniformidade e mimesis*.

Desconstruindo-se essas noções de tradição; de evolução; espírito de época; consciência coletiva; e uniformidade aproximamo-nos de um método científico e uma de elaboração de perspectivas teóricas materialistas históricas, cronotópicas e dialógicas (em Bakhtin, Rancière, Hardt & Negri e Ponzio) de nossas realidades discursivas. Para ficar com a nitidez, talvez provisória, de que o social é irreduzível aos indivíduos, ainda que estes sejam numerosos.

Um possível método bakhtiniano torna-se um gesto de leitura mais verossímil sobre a realidade latino-americana³. Por que o possível método bakhtiniano inaugura na filosofia

² Um exemplar texto de Maria Cristina Leandro Ferreira dialoga conosco sobre a fragilidade de se crer na história como um dogma, linear, uniforme e evolutivo, nos dando exemplos de noções que romperam com verdades dogmáticas através de pensamentos científicos surpreendentes e cada dia mais próximo da condição do humano do homem: “Com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do universo. Com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal. Com Marx, o homem deixou de ser o centro da história, [que, aliás, não possui um centro] e finalmente com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo e percebeu que ele próprio é constituído por uma estrutura – a estrutura da linguagem.” (Maria Cristina Leandro Ferreira- Na mira de um observatório Foucaultiano do Discurso). O filósofo Edgar Morin vai mais além, ao denominar o homem pós-moderno de *homo sapiens-demens* [sábio-louco, em uma dialógica em que nenhum elemento destrói o outro], por descobrir-se em uma situação de perdição em meio às teorias de Copérnico a Freud: “[...] estamos perdidos num planeta suburbano, de um sol suburbano, de uma galáxia periférica, de um mundo desprovido de centro.” [Edgar Morin. Amor, Poesia, Sabedoria, 2005, p.41]

³ Arriscar-se a falar de um método bakhtiniano tornou-se tarefa de muitos teóricos, que leram e releeram a obra de Bakhtin, mas até então não há um método estabelecido. Mesmo Bakhtin não quis para si e para a ciência uma catalogação específica. Bakhtin não é apenas lingüista, é também um excelente crítico de literatura

da linguagem e na lingüística a perspectiva teórica de uma dialética dialógica, baseada em um humanismo da alteridade (Ponzio, 1998), da diferença e não da unidade e identidade estruturalista. E esta é a melhor semente que o pensamento bakhtiniano nos deu para observarmos uma realidade de como o signo, “América Latina”, significa no nível do discurso. Sem esquecer que debaixo deste signo há um lugar, com histórias, culturas e identidades dessemelhantes. O pensamento bakhtiniano nos legou a dialogia da alteridade que sempre serviu de alimento aos povos enraizados ao signo “América Latina”, mas que outrora fora repetidas vezes silenciada por monologias discursivas.

En Augusto Ponzio la monología de la Indentidad se sustituye con la dia-logía de la Alteridad. En esta nueva ‘razón dialógica’ no existe la síntesis como sucedía, en cambio, tanto en la ‘razón pura’ como en la ‘razón dialéctica’, porque los elementos que la componen (Yo/Otro) permanecen separados, diferentes, irreconciliables, inasimilables. En la filosofía bajtiniana y ponziana la polifonía sustuye a la síntesis y el Yo deja de ser individual para existir como Yo/Otro, lo que significa ‘comunicar dialógicamente’. La irrupción del Otro en la esfera del Yo proporciona a este último la posibilidad de crecer, en vez de permanecer estático, la posibilidad de contradecirse y de vivir en sus variantes, borrar sus fronteras para convertirlo en un Yo que vive de sus relaciones, un Yo donde resuenan las voces y las valoraciones éticas del Otro (su mismo cuerpo, la cultura que ha heredado, el mundo en donde vive, etc.) (Mercedes Arriaga Flórez, 1998).

Bakhtin (1929) traz a perspectiva dialógica - dialogia da alteridade - para dentro das ciências da linguagem ao estudar a interação e não apenas o funcionamento do sistema – espécie científica de monologia da identidade, objeto de obsessão saussureana no início dos estudos lingüísticos nas primeiras décadas do século XX. Trouxe para os estudos da

Russa e Francesa (para ficarmos apenas em dois textos fundamentais sobre Dostoievski e Rabelais), além de um exímio sociólogo pós-Marx (“Marxismos e Filosofia da Linguagem- problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, de 1929). Mas Bakhtin, se fossemos localizá-lo teríamos de colocá-lo em lugar de livre trânsito na filosofia da linguagem. Talvez em suma, Bakhtin seja um estudioso da linguagem.

linguagem o que mais tarde, através de Pêcheux, Foucault, Benveniste e Authier-Revuz se conceituaria de modos bem produtivos e reconhecidamente inovadores para lingüística francesa e mundial: a enunciação, a microfísica do poder, a polifonia e a heterogeneidade. Teóricos que com seus exímios trabalhos nos deram margens para atestar a necessidade de se estudar com toda a dedicação a obra de Bakhtin em filosofia da linguagem.

O possível método bakhtiniano além de nos dar perspectivas, pontos de vistas dialógicos, nos encaminha para um método conciliador (porém sem promover a *síntese idealista hegeliana*, mas a *dialogia da alteridade*) em meio aos embates de palavras e contrapalavras, sendo um método que vê na leitura seus gestos como parte e como todo, nos dando gestos de leitura, não descartando as condições materiais de produção e os modos de observar o objeto de análise, como em uma interação sempre aberta ao diálogo refratário e reflexível. Não comportaria, portanto, aos estudos em moldes bakhtinianos analisar o signo como algo isolado ou mesmo transparente, pois nele as relações cronotópicas e sociais se manifestam materialmente, em fenômenos externos e internos ao homem. O signo dialoga no homem com uma incomparável e potencial ubiquidade social. Sendo que fatos supostamente isolados estariam sempre em diálogos, com o não-dito, o memorável, o interdiscurso, ou pressupostos. Ainda mais se o signo que tentamos analisar tratar-se de uma região político-geográfica heterogênea e preche de abortos históricos, como é a América Latina.

Em busca da diversidade de relações e da dialogia dissensual manifestas em enunciados selecionei alguns fatos discursivos díspares (publicados no jornal *Folha de São Paulo- FSP* - e na página da *web* da agência *Carta Maior – CM* – nos anos de 2005 e 2006); e não apenas um fato discursivo ou acontecimento isolado, pois entendo que a montagem da dissertação e sua estruturação são já gestos de leitura. Mesmo Tratando-se de

uma leitura fragmentária, descontínua, polifônica e dialógica, que procura fotografar a realidade de vários ângulos discursivos – montando um específico caleidoscópio de indícios textuais em torno do signo “América Latina”.

Estabelecer o trajeto da pesquisa em fatos díspares não é tarefa comum na academia, mas é o modo mais preciso para discutir a dialogia litigiosa da atualidade discursiva sobre a América Latina. Esse olhar atento nas movimentações discursivas, dão forma ao gesto de minha leitura da realidade, conseqüentemente, os fatos discursivos escolhidos buscam a heterogeneidade discursiva latino-americana reveladas em notícias de jornal.

Espero que com tal gesto de leitura possa questionar uma visão monológica e tradicional da história. Procuo olhar a atualidade de dissensos discursivos pelas lentes ópticas da *dialogia da alteridade* (Ponzio,1998), que rompa com a monologia da identidade – que rompa com esta usual maneira eurocêntrica como foi vista a multiplicidade latino-americana durante mais de quinhentos (500) anos de registros.

A América Latina é múltipla, e os olhos que se dirigem para ela podem ter visões muito diferentes. Para decifrar esses olhares, é preciso antes de tudo entender de onde a América Latina é olhada (Sader, 2006, p.188).

De onde olho a América Latina? Olho também com os olhos de outros. Em um olhar dialógico, que chama para uma conversa conceitual quatro teóricos da atualidade política e de estudos da linguagem. Bakhtin (1929 e 1979) e sua filosofia da linguagem que põe o signo como arena de luta de classes (signo ideológico); Rancière (1996 e 1999) e sua filosofia política que rompe com a racionalidade política ao dizer que o dissenso é a natureza política; e Hardt & Negri (2004) que propõe pensar a atualidade política global em um conceito biopolítico e dialógico, chamado Império. O diálogo desses olhares

teóricos com os fatos discursivos diversos e heterogêneos sobre América Latina (na *FSP* e na página da web agência *Carta Maior*, nos anos de 2005 e 2006), constrói o gesto de leitura através de um materialismo histórico dialógico; tornando a dialética em dialogia; que revoluciona o marxismo, pois compreende o mundo em um modo *sócio-interacionista*, estabelecendo jogos sociais variáveis e múltiplos de acordo com o contexto, conteúdo temático, estilo verbal, construção composicional, relação locutor e interlocutor; em suma, marcas de interação em atividades reciprocamente *responsivas-ativas* (Bakhtin, 1979).

Para pensar a realidade através de um materialismo histórico dialógico temos como principais bases metodológicas três tópicos bakhtinianos:

- 1) “*Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da ‘consciência’ ou qualquer outra esfera fugidia e indefinível.*” (Bakhtin, 1929, p.44)

Dessa forma, importa construir uma leitura histórica da sociedade nos seus aspectos mais amplos, uma vez que a base material implantada nesse grupo organizado é que vai se encarregar de ditar os caminhos possíveis de instalação dos signos, enquanto material concreto de elaboração do humano do homem e de sua consciência;

- 2) “*Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social organizada entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora desse sistema, a não ser como objeto físico*”. (Ibid., p. 44).

Resultou dessa regra a necessidade de afunilar a leitura da realidade para um conjunto comunicativo, como o da América Latina, para o período dos anos de 2005 e

2006 em seus fatos discursivos (sejam políticos-econômicos - em que *impeachment*, moratórias e governos de centro-esquerda, populistas, nos principais e maiores países latino-americanos; sejam culturais e efeitos de fatos históricos: colonização, dependência, informalismo, violência, miséria, questões agrárias e ameríndias) com base nas leituras das atividades discursivas.

Pois bem, somente em um período estabelecido em um *território preciso* e em um *grupo socialmente organizado*, em que, girando a vida material em torno de *construtos simbólicos específicos* e estabelecendo relação comunicativa mais direta e eficiente pode-se produzir material ideológico e dessa forma constituir subjetividades bem definidas discursivamente. Circula um discurso formador desse grupo social e ele recebe sua energia ideológica da realidade material, ventilando-a na sociedade pelas relações comunicativas estabelecidas (Miotello, 2001).

3) E como terceira regra metodológica, “*Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura)*” (Bakhtin, 1929, p. 44).

Nesse caso, se há um discurso hegemônico circulante, é preciso buscar sua ‘força espiritual’, no dizer de Marx, na infra-estrutura daquela sociedade, no modo como ela estabelece sua produção material, e não nas vontades subjetivas ou nas construções dadas ao acaso. Esses discursos são captados, incensados, festejados e ampliados pelos meios midiáticos, que se encarregam não só em divulgar notícias e instalar consumo, mas *modelizam* e constituem acontecimentos e subjetividades (Miotello, 2001).

O diálogo entre as teorias de Bakhtin, Rancière e Hardt & Negri com as movimentações de nossa passagem de eras políticas, blocos econômicos (MERCOSUL, ALBA, ALCA, União Européia) e conflitos litigiosos e dissensuais nessa nossa entrada de século XXI, servem para discutir como os discursos heterogêneos, divergentes e

convergentes da América Latina se interpenetram e são constitutivos um do outro no jogo social.

Os fatos discursivos latino-americanos estão interligados –*dialogizados*– contudo, estranhamente, pela força e poder do discurso hegemônico e monológico não parecem ser representativos e perturbadores para o cidadão (sujeito) brasileiro, quiçá latino-americano, de um mundo globalizado. E os efeitos do distanciamento do brasileiro com a América Latina são claros, estão postos em nossa realidade discursiva e cultural; como salienta Sader (2006) ao criticar as atitudes discursivas do brasileiro.

Vista do Brasil, a América Latina não existe. Existe a Argentina, existe o México, Existe Cuba e, principalmente, existem os Estados Unidos, como entorno geral de todos esses países e do nosso em particular. [...] Em nossa identidade não se inclui ser um país ‘latino-americano’. (Latino-americanos são os ‘outros’, quase ‘è a mãe’; numa recente transmissão de jogo pela televisão, o narrador se referia à forma de os uruguaios jogarem, dizendo: ‘os sul-americanos são catimbeiros’.) Nossas referências identitárias apontam para a Europa – Portugal e França - e para nossas origens na mestiçagem – índios e negros (Sader – Encontros e desencontros. In: Oito Visões da América Latina. 2006, p.177).

Nos discursos da mídia brasileira até um passado bem próximo, uma mais real e heteróclita América Latina, nutrida pela dialogia e pela alteridade não nos era apresentada. A AL foge desde suas raízes da monologia pretendida dos discursos eurocêtricos, baseados em um *logos ocidental*. Porém, ficou apagada por discursos hegemônicos. Talvez o momento esteja mudando, pois diariamente circulam na mídia discursos envolvendo política e mercado latino-americano; pode ser esta a abertura para maior integração cultural nunca antes contada pela história da AL.

Torna-se interessante analisar os apagamentos e silenciamentos das múltiplas vozes – o apagamento das polifonias - constituidoras da América Latina, tais apagamentos que promovem a destruição e a (des)construção da história das subjetividades. Bakhtin (1929) nos dá bases teóricas para romper com os discursos unívocos e monopolizantes, que circulam pelos meios de poder discursivo e formadores de opinião, de forma dialógica.

Mas para analisar como a mídia vem tratando signo “América Latina”, vale recortar um corpus de textos para servir de base de diálogo para as teorias (Bakhtin, Rancière e Hardt & Negri), que discutem a atualidade por um materialismo histórico dialógico e dissensual. Dois veículos de notícia influentes no Brasil foram escolhidos para apresentar os dados e os fatos discursivos sobre AL. Dois veículos com posicionamentos diversos sobre o signo “América Latina”, mas que tenham em comum o papel de influentes meios de divulgação. O primeiro, é o jornal de maior circulação no Brasil, localizado na privilegiada elite geográfica brasileira, pois financeira; na maior e mais populosa megalópole latino-americana – São Paulo, capital do estado. A *Folha de São Paulo* nos cedeu parte do corpus de análise – de fatos discursivos em dois anos, nos anos de 2005 e 2006. Mas por outro lado, dialogicamente, é preciso ver os litígios e as contrapalavras a tais discursos em outro meio de mídia, por isso foi escolhida a página na web da agência *Carta Maior*, que reúne um grande número de teóricos e militantes renomados; pois caberia recorrer a outros discursos que, de algum modo, desestabilizam os efeitos de evidência produzidos pelo discurso “oficial” da *FSP*. Para a dialogia ser vista é necessário ler o “não-oficial”, que está também vivo nas páginas da agência *Carta Maior*. Porém, vale ressaltar que as *esferas discursivas* (em seus modos de produção, recepção e circulação) de ambos meios de mídia – *FSP* e *CM* - não compreendem a totalidade dos

discursos no Brasil sobre o signo “América Latina”, mas auxiliam e servem de amostra do modo como as duas esferas discursivas trabalham o signo em questão.

Entretanto, o corpus nos valerá se colocado em diálogo com as teorias de Bakhtin (1929 e 1979), Rancière (1996 e 1999) e Hardt & Negri (2004) pensando pela óptica da dialogia da alteridade o signo “América Latina”.

Capítulo Primeiro

[AL]ter-História a partir de Galeano

1.1 Lendo a História Latino-americana a partir de um enunciado.

“[...] até perdemos o direito de chamarmo-nos americanos”

(Eduardo Galeano, 1970, p.13)

No Brasil, em meados dos anos 70, pela primeira vez é publicado o livro de Eduardo Galeano – “Veias Abertas da América Latina” (1970) - já com inúmeras edições pelo mundo⁴. Chegou a ser publicado em todos os países de língua espanhola do continente e foi traduzido em italiano, alemão, holandês antes de chegar a tradução em português em meados dos anos 70. O Brasil na década de setenta já era reconhecidamente o maior mercado editorial da América Latina, porém traços no mínimo culturais distanciaram o livro de Galeano das prateleiras desse nosso maior mercado editorial. Chegado o livro ao Brasil, as veias abriram lugar na luta por uma resistência à opressão histórica. Bastou um livro para que as vozes do continente começassem a ressuscitar parte das esperanças em meio a tanta exploração. E mais, basta um enunciado para reconhecermos o que nos identifica como latino-americanos e o que nos desune: a força dos discursos hegemônicos. Basta um enunciado para que o latino americano se reconheça como um desapropriado⁵.

⁴ “Veias abertas da América Latina” do uruguaio Eduardo Galeano foi publicado no final do ano de 1970, em Montevideu. Em pleno ambiente histórico de ditaduras militares espalhadas pelo continente latino americano. Desde o primeiro momento de publicação, o livro de Galeano vem sendo referência de um discurso “outro” da história, reconhecidamente um dos primeiros livros que contam a “história vista de baixo” na América Latina, nos meios oficiais. Galeano abre com seu livro uma outra história latino-americana (o que chamo aqui de *Alter-História*).

⁵ Enunciado, na concepção bakhtiniana difere de oração. O enunciado é uma unidade real de comunicação discursiva, aponta para fora de si, para o contexto, para a situação real imediatamente fora e contida em si. A oração é uma unidade da língua, que tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade, sendo um pensamento relativamente acabado, pronto enquanto estrutura. Já o enunciado é concreto (ideológico) e vivo (por ser de natureza ativamente responsiva). O enunciado de Galeano está vivo e é um elo da corrente de transmissão entre a História da sociedade e a História da linguagem, já que é um enunciado complexamente ligado à organização de outros enunciados. A história e a língua estão indissociadas dentro do enunciado concreto bakhtiniano, uma centelha verbal pode, portanto, remontar a história.

Historicamente fomos expropriados de nosso próprio nome; o enunciado de Galeano (1970) abre as veias latino-americanas na busca do real histórico. O “até” que abre a oração fere como uma arma branca, utilizada por Galeano para fazer escorrer o sangue dessas veias. O ferimento torna mais profundo o efeito de expropriação se relacionado às causas de apropriação do nome “americanos”, por parte dos estadunidenses.

As causas históricas das expropriações sofridas pelos latino-americanos são inumeráveis (direitos, terras, liberdade, moral etc), seus efeitos ainda mais⁶. Porém o que se propõe nesta dissertação é analisar no âmbito dos discursos o modo como o signo “América Latina” significa nestes primeiros anos do Século XXI em textos do gênero notícia em dois veículos de mídia brasileiros, após tantos desmandos e tantas histórias de colonialismo, dependência, exploração e capitalismo dentro do continente americano. Não é nosso foco, portanto, estudar detalhadamente os dados históricos, mas sim deixá-los, ao menos, à flor da pele da tessitura de nossas análises discursivas do signo em questão. Sendo assim, os lugares geográficos, históricos, políticos, econômicos e culturais da América Latina saltam ao nível da análise lingüística e do questionamento filosófico da linguagem.

Na interlocução com os discursos e em suas análises em torno do signo “América Latina” veremos a força daquilo que nos desune e também das forças discursivas que nos unem por baixo dos ditames da hegemonia dos discursos oficiais que sempre defendem

⁶ Não seria com Galeano que a história latino-americana apareceria para o mundo, mas é por ele que uma óptica mais favorável e receptiva se desenvolve no século XX. O livro de Galeano não é muito valorizado nos meios acadêmicos e muito menos está vinculado aos grandes mercados. É um bom exemplo de ruptura das fronteiras dos mercados, da ideologia oficial e também da história linear presa aos *letrados*, que defendem apenas os interesses de sua classe, ou bolsão de consumo. A maioria das críticas feitas ao livro de Galeano da academia procuram dismantelar as essências do próprio livro, já que ele procura contar a história por uma outra óptica, a óptica da exploração vivida pelo latino americano explorado. Entretanto, esse tipo de história e de relatos não é novo no continente latino-americano, em muitas ocasiões surgiram vozes e registros reclamando por localização social e reconhecimento mínimo nos veículos de mídia em diferentes tempos históricos. Mas a aquilo que Galeano nos trouxe e nos faz conversar nesta dissertação será indispensável para analisar as novas e emergentes vozes da história da América Latina.

interesses e tendem a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classes, transformando a história em simulacro. No contra-pé dos ditames hegemônicos, Aduino Novaes (2006) faz gritar nossas diferenças identitárias, e clama por reconhecimento da América Latina como protagonista e interlocutora de sua própria história:

Pode-se dizer tudo, ou quase tudo, sobre a América Latina, a partir de três palavras apenas: colonialismo, modernidade, capitalismo. O trabalho de pensamento tem o poder de desdobrá-las em outras imagens e idéias: com elas, através delas, pode-se meditar sobre astúcias, violência, espoliação, massacres, dominação, globalização – todas as controvérsias da vida cultural e política. Mas, muito além das controvérsias e aproximações possíveis, nada disso se compara ao legado imposto aos latino-americanos: **desconhecimento de si, desprezo, desconfiança e desdém pelo Outro – em síntese, o esquecimento das origens comuns e a permanente construção de uma antipatia ‘essencial’**. A América Latina nunca esteve no centro das nossas interrogações políticas. As ‘relações’ entre os povos já nasceram, pois, corrompidas pela oposição dos que chegaram para dominar (Aduino Novaes, 2006, p.9 – os grifo são meus).

Dificilmente os discursos de latino-americanos ganharam no passado respaldo nos meios oficiais de divulgação dos acontecimentos históricos. Durante décadas, muitos séculos, tiranias discursivas das classes dominantes corromperam o modo de ler a realidade. Afinal, quanto de nosso desdém pelo outro e desconhecimento das próprias origens de nosso povo sob o signo “América Latina” não são *corrompimentos* promovidos pelos discursos dos que chegaram para dominar? Só não são todos de responsabilidade dos dominantes, pois os dominados no dialogismo das relações ajudaram a construir nossa atualidade, mesmo que tenham lutado para resistir à dominação, o que ficou conhecido foi o que determinada classe social contou. A história conta boa parte dessas resistências, mas

segundo os discursos oficiais da tirania hegemônica, essas resistências eram precárias. Angel Rama (1984) nos conta capítulos importantes da história latino-americana, que servem de respostas para esta dita “precariedade de resistências”. Já que Rama, nos dá dados que comprovam a intrínseca relação da posse das letras, das ciências, do conhecimento com o lugar de poder. Neste lugar de poder viviam os chamados *letrados*, viviam e ainda vivem na “cidade das letras”, que teriam interesse em estagnar o signo, para que este não sofra revoluções diárias dentro do regime de governo gerido pelos letrados. O dado fundamental que surge do pensamento de Rama é a comprovada relação de poder que a escrita exerce na montagem da história, colocando as resistências à margem das *ciudades das letras*.

Em “A cidade das letras” (1984), Rama configura uma América Latina nevrálgica para o modo de produção capitalista, a primeira realização material de um sonho que começava a sonhar uma nova época do mundo. E a configuração que Rama faz da formação arquitetônica das cidades latino-americanas dialoga claramente com as ideologias dos colonizadores, já que as urbes latino-americanas vieram nascendo não organicamente como nasceram as cidades européias em função dos burgos, mas projetadas na terra nova, segundo uma concepção cartesiana de mundo, estabelecendo uma lógica de hierarquia social, em que o poder saía do centro e era imposto sobre a periferia, uma imposição que necessariamente passava pelo círculo de intelectuais que se formava entre esses dois pólos, círculo esse denominado de *cidade das letras*. A sistemática proposta por Rama nos permite compreender melhor como se deu a produção de contra-palavras no passado recente da América Latina, e como estas foram ou não abafadas pela constituição

hierárquica dessas sociedades, onde os letrados tiveram papel central e brutal: estagnar o signo.⁷

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter inatingível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente (Bakhtin, 1929, p. 47).

Mas, hoje no início do século XXI, entre os discursos circulantes já é possível observar uma grande revolução no modo de divulgação das resistências discursivas de povos latino-americanos. No Século XIX as vozes sob o signo “América Latina” já estavam menos enfraquecidas com as construções das primeiras repúblicas do continente, porém o século XX trouxe o signo para o centro, como interlocutor necessário para as discussões de organização social, local e global. As resistências históricas de Tupac Amaru, Símon Bolívar, San Martín, José Martí ou Bartolomeu de las Casas⁸ de séculos

⁷ Estagnar o signo, aqui, conota pejorativamente o modo como poucos delimitam o imaginário de muitos, podando os significados outrora possíveis para os signos. Porém, unificar a heteróclita multiplicidade das “coisas-a-saber” em uma estrutura é uma “urgência humana”, diria Michel Pêcheux. Estabilizar o termo se tornaria, portanto, necessário, embora muitas vezes utilizado para a manutenção do poder. Não podemos deixar de identificar uma pequena contradição entre o lugar no qual estão colocados os intelectuais da mídia e da economia por Hardt & Negri no livro “Império”, diversificando, portanto, “o onde” se situa o poder: os centro de poder, e o lugar no qual estão situados os intelectuais letrados no livro de Angel Rama: uma cidade que se constrói em volta do centro de poder para dele desfrutar e para com ele contribuir. De qualquer maneira, é preciso ressaltar que tanto para Angel Rama como para Hardt & Negri – mesmo que estes estejam falando de uma visão do mundo posterior ao retratado por Angel Rama –, o poder passa necessariamente pelo trabalho com a linguagem.

⁸ A história da América guarda vozes de resistência por toda parte, mas não havia uma real disposição e espaços sociais para divulgação das opressões sofridas pelo povo latino-americano. Poucos chegaram a conseguir divulgar as opressões por meio dos veículos oficiais, ou quando chegavam estavam enfeitados pelo espírito de época e formas de contar a história muito próximos aos ditames tradicionais de se contar história, como é caso de Bartolomeu de Las Casas: *“No primeiro século depois que os europeus desembarcaram na América Espanhola, Bartolomé de las Casas testemunhou, horrorizado, a barbárie dos conquistadores e colonizadores, e a escravização e o genocídio dos ameríndios. A maioria dos militares, administradores e colonizadores espanhóis, famintos de ouro e de poder, viu os ocupantes desse novo mundo irrevogavelmente como o Outro, abaixo dos seres humanos, ou pelo menos naturalmente subordinados aos europeus – e Las Casas nos conta que os recém-chegados os trataram pior do que se fossem animais. Nesse contexto é admirável que Las Casas, participante da missão espanhola, pudesse afastar-se o suficiente da corrente de opinião geral para insistir na humanidade dos ameríndios e contestar a brutalidade dos dominadores espanhóis. Seu protesto nasce de um princípio simples: a humanidade é uma e a mesma.*

atrás não são mais ilhas solitárias anti-opressão. Ganham força com os posicionamentos teóricos de latino-americanos, do século XX e XXI, como Rama (1984), Galeano (1970), Novaes (2006), Sader (2006), Perrone-Moisés (2006) e com o dialogismo dos discursos proferidos pelos meios de mídia que estudamos nesta dissertação – os da *FSP* e os da agência *CM*.

Vale ressaltar neste ponto, que não são só vozes da academia latino-americana que estão apontando em nossa realidade resistências discursivas dos povos latino-americanos. Os teóricos latino-americanos da segunda metade do século XX citados acima são algumas antenas teóricas e humanas da iminência dos litígios discursivos que estão ocorrendo por toda a América Latina (como as eleições nestes primeiros anos do século XXI de governos mais ligados à ideologia “não-oficial”, governantes de linha popular e de esquerda). Neste ponto, portanto, é preciso dizer que há uma sensação de movimento das forças populares sentida através dos textos teóricos, mas também na realidade imediata das vidas em jogo no cotidiano. Não, são só textos acadêmicos que estão propiciando este movimento, mas sim as manifestações e resistências da população, através de seus movimentos por direitos e re-apropriações inumeráveis que o latino-americano está cobrando (MST no Brasil, EZLN no México, cocaleiros na Bolívia, os grupos paramilitares na Colômbia etc).

Deve-se reconhecer ao mesmo tempo, entretanto, que uma vocação missionária está intrinsecamente vinculada ao projeto humanitário do bom bispo de Chiapas. De fato, Las Casas só pode pensar nos seus iguais em termos de uniformidade. Os ameríndios são semelhantes aos europeus em natureza apenas na medida em que estes são potencialmente europeus, ou, na verdade, potencialmente cristãos: ‘a natureza do homem é mesma, e todos são chamados por Cristo da mesma maneira.’ Las Casas não pode enxergar além da visão eurocêntrica da América, na qual o ponto mais alto da generosidade e da caridade seria colocar os ameríndios sob o controle e tutela da verdadeira religião e de sua cultura. Os nativos são europeus subdesenvolvidos em potencial. Neste sentido, Las Casas pertence ao discurso que se estende até bem dentro do século XX, sobre a perfectibilidade dos selvagens. Para os ameríndios, assim como para os judeus na Espanha do século XVI, o caminho para libertar-se da perseguição passa primeiro pela conversão cristã. Na verdade, Las Casas não está muito distante da Inquisição. Ele reconhece que a humanidade é uma, mas não consegue ver que ela é, ao mesmo tempo, diversa” (Hardt & Negri, 2004, p.133).

Na América Latina de hoje, a história pesa, mas as relações de poder que hoje se fazem estão tratando de temas diversos com uma perspectiva mais aberta e promissora para a AL, que as idéias de dependência. Os fatos discursivos que estão correndo o mundo sobre a AL aparecem na dinâmica das forças que movem o hoje. Por exemplo, na notícia da *FSP*:

Caracas vê até 80% das terras 'improdutivas'⁹

"Antes do final deste ano, teremos entre 40 e 50 fazendas [desapropriadas]", disse Hugo Chávez. No início do ano, o governo do presidente Hugo Chávez lançou uma ofensiva para implementar a chamada Lei de Terras, de 2001, com o objetivo de "eliminar de forma progressiva o latifúndio nas zonas rurais". "Se o governo quer nos colocar de joelhos, não vai conseguir", afirmou (um diretor do sindicato dos fazendeiros da Venezuela - Fedenaga). A Fedenaga entrou com uma ação judicial para bloquear as expropriações.

Chávez sustenta, porém, que o direito de propriedade está sendo respeitado no processo de reforma agrária e que uma compensação será paga nos casos de expropriação.

"Ninguém está sofrendo abuso aqui", disse Chávez em discurso proferido anteontem. "Sempre dissemos que a expropriação na Venezuela é um último recurso, quando já não há outro. Sempre vamos buscar um acordo." Segundo órgão encarregado pela reforma agrária, até 50 grandes propriedades serão desapropriadas neste ano.

O movimento discursivo que se faz na notícia é extremamente atual, e revela uma problemática histórica: a questão agrária na AL. Já que a questão das terras na AL é um ponto traumático em toda a história pós-colombiana em todos os países latino-americanos. Não há um país na AL que não precise ou ao menos buscou em sua história um tipo de reforma agrária menos desigual. A desigualdade na distribuição de terras é um ponto que nos une como latino-americanos. Unindo a história e a atualidade discursivas em um

⁹ 07/10/05. Título da reportagem: Caracas vê até 80% das terras 'improdutivas'. Origem do texto: *FSP*.

ponto: os litígios discursivos na questão agrária estão cobrando novas atitudes e medidas políticas.

1.2 Como ler o enunciado de Galeano hoje¹⁰?

Há dois centros *desterritorializados* de poder no globo hoje: o poder da mídia e o poder do capital, segundo Hardt & Negri (2004); muitas vezes aliados tornam-se ferramentas das hegemônias de ditaduras de discursos únicos. Ditaduras ou *re-neocolonizações* erguidas através da força do contar, do narrar, do registrar história e da força dos discursos. Essa teoria não é muito distinta daquilo que Rama (1984) nos demonstrara, pois para ele o poder das letras estava, desde as origens das civilizações pós-colombianas na América Latina, ligada ao modo de narrar, de contar história pelos letrados com um filtro bem parcial.

A mídia também é o lugar dos letrados, mas hoje é um lugar muito mais democrático que nos primeiros séculos da história do continente americano. Mas ainda, por razões óbvias do regime vigente em que vivemos, o capital e seu poder continuam a conduzir boa parte dos discursos oficiais da mídia “oficial”. Mas quando a história é conduzida por interesses de uma única classe, acabam-se perdendo riquezas inimagináveis. Como por exemplo, a problemática que coloca o brasileiro em um distanciamento de seu outro imediato no continente, desconhecendo as semelhanças de suas origens com os outros povos da América Latina¹¹. Muito desse desconhecimento se dá pelo modo de narrar que os letrados, anteriormente, a mídia e o capital, mais recentemente, se propuseram a

¹⁰ O enunciado estuda o hoje, dialoga com a atual realidade imediata (globalização do início do século XXI) e o contexto socialmente organizado e preciso (Brasil, país latino-americano) em torno de uma unidade de língua (língua portuguesa em sua variação brasileira).

¹¹ De vários modos as forças não-oficiais do cotidiano fizeram a história oficial se mover, para aceitar assim alguns passos da democratização dos discursos, da mídia, dos letrados, próximos aos centros do capital. Fazendo com que a problemática do distanciamento ficasse ao menos visível nos discursos. Bakhtin contribui muito para vermos que o discurso oficial se alimenta do não-oficial, e vice e versa. A dialogia desta relação dos discursos na dinâmica do século XX fez com que houvesse uma melhora na democratização dos meios de mídia e conduzissem a história a uma não-linearidade.

registrar como história. Não nos serve mais de desculpa para esse distanciamento o fato da língua, barreira herdada pela colonização de Portugal (no Brasil) e Espanha (na América Central, Caribe e nos outros países da América do Sul). Sendo assim nossa distância com a América Latina não estaria apenas no campo lingüístico, já que nosso distanciamento não se pauta em apenas aparatos fonéticos, sintáticos ou de qualquer ordem funcional das relações português/espanhol; se assim fosse nas regiões fronteiriças não haveria o mínimo entendimento?! Os sistemas de ambas as línguas não são a causa de nosso maior distanciamento, mas sim efeitos. E onde os efeitos transparecem mais é na interação, na falta de convívio, nas falhas de reconhecimento do que nos identifica (a diferença) e nos equívocos em torno de uma leitura do signo.

Para observar a problemática do distanciamento, os estudos da linguagem devem estudar como os enunciados concretos entram na vida, e vice e versa, em forma de cultura, política e discursos e como o estudo da interação faz o signo tornar-se dinâmico. Ressalta-se que, a interação é inteiramente recoberta pelos efeitos do material lingüístico e das consciências dos interlocutores. Estudar apenas o sistema como forma estagnada e morta de manifestação não nos revelaria a natureza dos distanciamentos do brasileiro em relação à América Latina, ou de seus *silenciamentos* e apagamentos discursivos e culturais. Portanto, necessário se faz olhar a dialogia que nasce das relações de luta pelo interior de cada signo, na interação¹².

¹² O entremeio, a interação do Eu com o Outro, a comunicação entre as consciências individuais com as sociais através de uma unidade provisória de comunicação (língua), devidamente localizada em um território preciso e uma realidade imediata. Pois quando tratamos de consciência em Bakhtin, falamos de fatos sócio-ideológicos. Fatos pertencentes ao mundo exterior, à territórios precisos e realidade imediata, em uma espécie de *terreno interindividual*, por isso são fenômenos do mundo exterior. Tanto é, que as consciências estão carregadas de signos adquiridos na interação, e vão se embecendo do material simbólico e semiótico da língua. “*Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social*” (Bakhtin, 1929, p. 34).

Entretanto, neste momento, torna-se de crucial pertinência olhar para o estudo do signo mergulhado na dialogia das interações. Se olharmos para o signo apenas como símbolo parcial de interesses de uma classe, corre-se o risco de o *monologizarmos*, transformando-o literalmente em sinal. Isto é contrário ao que está proposto aqui, já que os fenômenos ideológicos passeiam com desenvoltura pelos regimes políticos, mudando de uniforme a cada novo posto. Se estamos em busca da dialogia que visita as mídias e os centros de poder, é preciso ir além para colocar-se na completude incompleta do observador/observado. É necessário vislumbrar que mesmo sob a imperiosa presença da força dos discursos midiáticos e econômicos da atualidade há uma superestrutura ideológica trabalhando a vida além dos limites de um regime político, ou leis sociais e econômicas de uma época (Hardt & Negri, 2004); esse jogo ideológico de forças se dá no cotidiano, que é o nascedouro de todo processo humano de linguagem. Por isso, é importante ressaltar que a realidade dos fenômenos ideológicos está acima da realidade dos ditames econômicos.

A realidade fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos (Bakhtin, 1929, p.36).

Se voltarmos ao enunciado de Galeano, veremos a aplicação e o diálogo dos conceitos de Bakhtin com o signo “América Latina”. Veremos que a realidade dos fenômenos ideológicos emerge como uma ilha no enunciado, outrora submersa pelas águas

opacas das leis sociais e econômicas ao longo da história latino-americana de dependência, colonização, capitalismo e globalização. A opacidade do enunciado “até perdemos o direito de chamarmo-nos americanos” é declarada e sua transparência litigiosa (Rancière, 1996), já que está aí instaurada expropriação da posse de um, e apropriada por opressão ao outro.

As múltiplas vozes – polifonia e heteroglossia - que emergem de dentro do enunciado nos delegam responsabilidades, como em tantos outros enunciados e enunciações que precisam localizar seus sujeitos e interlocutores para se constituírem como enunciação. Como em toda interação e enunciação o litígio dos termos está posto, nos reclamando posicionamento (Rancière, 1999). Vemo-nos ilhados em um único enunciado “até perdemos o direito de chamarmo-nos americanos”, tentando *contrapalavrar* o que os horizontes tornam opacos através dos verbos - “perder” (verbo central) e “chamar”- e seus complementos verbais. Nota-se que o verbo central chama para si a responsabilidade de conduzir seus complementos verbais, sendo que o verbo “chamar” é também complemento verbal de “perder”.

Sendo que no objeto de “perder” está o predicado de “nós”, e “nós” está correlacionado ao que vem antes no texto. O sujeito está determinado por uma desinência verbal implícita, que faz referência a elementos antecedentes. Observemos: i) “até perdemos o direito de [nós] chamarmo-nos americanos”; ii) [Nós] \Leftarrow “perder o direito de” [nós]. O sujeito da oração [nós], aponta para o contexto imediato fora da oração subordinada: iii) “até perdemos [nós = Latino-americanos] o direito de chamarmo-nos americanos”.

Sintaticamente nos localizamos, mas o que remonta a monstrosidade do enunciado, e por que ele pode ser uma leitura tão sintomática de identidade latino-

americana? O sistema não dá conta, não nos informa, nem preenche as lacunas deixadas pela sintaxe no entendimento. Análise da superfície do enunciado demonstra relevos e fissuras; seria preciso a leitura profunda do enunciado correlacionado com a enunciação ou acontecimento (ou melhor, à realidade imediata em que o enunciado concreto significa). Pensando movimentos, o verbo “perder” na língua portuguesa tornou-se extremamente versátil. As tecnologias (as condições específicas de produção aliadas à vontade de verdade) contaminam a palavra em uma atividade tão reciprocamente ativa (responsividade) que as palavras consubstanciadas pelo contexto tornam-se outras, mesmo que se preserve a grafia e a fonética. Por isso, “perder” já carrega em si todo o espírito competitivo acirrado ainda mais nos tempos modernos, a partir do *homo oeconomicus*, o verbo infiltrou-se nas subjetividades e condiciona com mãos ora suaves, ora severas o *homo sapiens-demens*. Afinal, existem verbos que espelhem tão bem o espírito capitalista que “perder” e “ganhar”? Talvez, o resultado dos verbos, expresso no verbo “lucrar”. Porém, se analisarmos “perder” gramaticalmente na língua portuguesa de variante brasileira veremos sua versatilidade, por poder variar de transitivo direto e indireto, e também aparecer na forma pronominal¹³ nas inúmeras manifestações de sua conjugação durante as atividades humanas.

¹³ Para ilustração vejamos o que diz um dicionário sobre o verbo “perder; segundo os valores semânticos do dicionário o verbo pode expressar: Ficar sem a posse de; falir; deixar ficar (algo) em algum lugar, por esquecimento ou distração, perdendo sua posse; deixar de ter (habilidade, sapiência); fazer mau uso de; desperdiçar; ter mau êxito, malograr; sofrer derrota; deixar escapar; deixar tomar, invadir, ocupar; dar cabo de, arruinar; não chegar a tempo; deixar de usufruir (vantagens, privilégios etc.); deixar cair no esquecimento; deixar de ver ou de ouvir; ficar sem dormir; tornar-se mais magro; sofrer desgaste ou diminuição de; ver a morte de; não conseguir dar à luz; não mais sentir; deixar arrefecer; deixar de estar visível; sumir; tornar-se extinto; desaparecer, cessar; tornar-se desorientado; confundir-se, atrapalhar-se; deixar cair o padrão, o nível em que antes se apresentava; livrar-se, desfazer-se de; perder valor, baixar de cotação; tornar(-se) pervertido, corrompido; levar à ou cair em perdição ou em desgraça; cair em estado de desamparo, de desorientação; tornar-se abortivo, ser tomado por devaneios; e prostituir-se. [Dicionário Eletrônico Houaiss, Editora Objetiva, 2005]. Mas o real uso do verbo dentro do enunciado concreto extrapola as designações lexicológicas.

“Até perdemos o direito de chamarmo-nos americanos”, multiplica-se por entre as definições, designações e nomeações. A concretude das leituras mais possíveis do enunciado nos leva a fatos da história latino-americana em que deixar de ter direito, de usufruir o direito, desperdiçar o direito, ver a morte do direito, não mais poder sentir o direito, livrar-se do direito, e não possuir o direito de chamarmo-nos americanos centra boa parte das significações do signo América Latina. O enunciado é concreto, opaco e também transparente, por isso riquíssimo em materialidade histórica e discursiva, por isso analisá-lo requer buscar como ele diz o que diz.

Para tanto, podemos ver que o enunciado se aprofunda mais. Eduardo Galeano (1970) já havia escancarado todo o “outro lado da história” para o mundo, com o “perdemos o direito de chamarmo-nos americanos”, abrindo margem para interpretações descortinadas da linearidade histórica do *logos* europeu ou norte-americano (estadunidense). Foi mais além, ao colocar uma partícula que, adicionada, alargou o horizonte de possibilidades de significações do enunciado. Um pequeno advérbio, iniciando a oração, *exponencia* o verbo central “perdemos”, para “até perdemos”, ocasionando leituras como “além de perdermos aquilo, perdemos também isso”, ou “ainda perdemos” e “inclusive perdemos o direito de chamarmo-nos americanos”. Abrindo nossos olhos para leituras e questionamentos: 1) sobre qual o real da história latino-americana? 2) Como ela nos foi contada? 3) o que mais perderemos? 4) Quem nos havia contado a história tinha pretensões tão monstruosas de dizimar culturas em detrimento da própria? 5) Por que não nos declaramos americanos, ou ao menos latino-americanos como signo de resistência?

O livro de Galeano é um dos primeiros escritos da segunda metade o século XX que mais abrem margens para construir uma dialogia para a América Latina. Na fala retirada

de Eduardo Galeano, indico a reconstrução de todo um histórico que não valorizou as vozes da América Latina. E a reconstrução da história se fará pela dialogia dos discursos e pelas lutas incessantes e podendo chegar até a democratização da mídia. A leitura de Galeano (1970) não é uma leitura tão atual como as de Rancière (1996 e 1999) no capítulo terceiro, Hardt & Negri (2004) no capítulo quarto, por isso pode ser vista como destoante. Mas, a visão de Galeano é complementar às teorias, apresenta assim um primeiro ponto chave, pois fala de um modelo de exploração imperialista e colonialista (seguindo, o modelo marxista) que se perpetuou nos discursos na parte latina do continente americano. E um segundo ponto, Galeano é justamente aquele que faz emergir as vozes silenciadas em um discurso que sai de dentro de um momento histórico brutal de ditaduras e repressões políticas. Galeano faz o signo “América Latina” ganhar fôlego e novos horizontes. Que agora, mais de três décadas após a publicação do livro podemos recolher tais vozes e filhos de tais vozes com maior nitidez. As vozes outrora oprimidas, ganharam a mídia [FSP e agência CM]. Ou melhor, forçam o diálogo e a dialogia social de teorias que investigam a produção sógnica nascida das relações de luta.

As vozes que hoje falam nas mídias fazem ecoar a história latino-americana, as relações de luta se apresentam no interior das notícias:

As "surpresas" da América Latina¹⁴

Para quem não conhece e não acompanha, a América Latina traz sempre “surpresas” (O livro que estou escrevendo se chamará “A nova toupeira”, para designar esse fenômeno). **O que acontece na Venezuela, na Bolívia, no Equador pega desprevenida a direita**, que detesta a América Latina e que revela particular ignorância sobre o tema. (Noriega confundido com Daniel Ortega; afirmação de que a Bolívia seria o único país andino que não teria assinado tratado de livre comércio com os EUA, desconhecendo que foi tema central das grandes mobilizações de abril de 2006 no

¹⁴ 22/01/2007. As "surpresas" da América Latina. Agência Carta Maior. Autor: Emir Sader.

Equador, que desembocaram na vitória de Rafael Correa, que se propõe a ingressar no Mercosul: estas todas por conta de uma editora da FSP, entre tantas outras demonstrações de ignorância).

Passada a histeria antichavista – depois de terem sido pautados a semana inteira por Hugo Chávez -, a ressaca leva ao reconhecimento de que **“algo de importante mudou na América Latina”**. Não sabem o quê, como não entenderam porque Lula ganhou as eleições do ano passado e porque Cuba e a Venezuela são os dois únicos países do continente que, conforme a Unesco, terminaram com o analfabetismo.

Como é impossível pensar a América Latina sem a colonização e a escravidão que o capitalismo nos impôs – e portanto, sem pensar o capitalismo – e, atualmente, sem incluir o imperialismo estadunidense, a direita não consegue pensar a América Latina. Como não consegue pensar o nosso continente, tenta descaracterizá-lo: não haveria uma América Latina, como se as distâncias entre o Equador e o Haiti, o México e a Argentina, a Guatemala e o Brasil, fossem maiores das que existem entre a Bélgica e a Itália, Portugal e a Alemanha, a Espanha e a Grécia.

Como querem entender a América Latina e o mundo se desconhecem o fenômeno mais abrangente e determinante do nosso tempo – o imperialismo -, não conseguem captar a atualidade do nacionalismo e sua dimensão integradora no continente. Como não querem resistir ao neoliberalismo, ao contrário dos povos do continente, que reiteradamente têm votado contra os candidatos que pregam esse modelo – tal qual no Brasil -, não entendem o papel do Estado como regulador da economia, como garantia de direitos sociais, como afirmador da soberania, como instrumento da integração latino-americana.

Aconteceram, então, duas reuniões na semana passada no Rio: a que realmente houve e a que foi noticiada pela imprensa oligárquica. **Assim como também há duas Américas Latinas: a real**, a de Hugo Chávez, de Evo Morales, de Fidel, de Krichner, de Lula, de Tabaré Vazquez, de Rafael Correa, de Daniel Ortega e dos povos que os elegeram e reelegeram, **e a outra, a da direita, com a grande mídia incluída**. Logo podem viver novas surpresas, com o Paraguai.

É um continente que não se deixa aprisionar pelos esquemas liberais e eurocentristas, que se rebela, que constrói e reconstrói suas alternativas de novas maneiras, aprendendo das experiências passadas e refazendo sua história presente. Promovendo as surpresas que fazem da América Latina a nova toupeira do século XXI.

Os modos de resistências na América Latina estão se multiplicando. O momento é propício para manifestações de confronto a um pensamento de categoria de identidade (Ponzio,

1998), pois o que se configura na atualidade discursiva das notícias é a verdadeira inter-relação de vozes históricas e vozes do presente, que no artigo acima de Sader o inspiram a um otimismo sem precedentes. Os textos hoje trabalham a sensação de que o tempo atual é muito propício para uma reviravolta histórica da AL. Um dos caminhos que estão causando esse clima otimista está associado à utilização da mídia. Hoje a *FSP*, não consegue abafar ações como a da *CM*. Será que a direita vem declinando mesmo na AL? Não são só derrotas nas urnas em suas eleições democráticas de votos obrigatórios que a América Latina está fazendo a direita perder? Que essas perdas estão acontecendo não há como negar, mas não se pode afirmar convictamente. Embora, seja nítida que manifestações estão demonstrando a força dos discursos múltiplos da AL que aparecem agora com maior frequência.

Capítulo Segundo

Contribuição Bakhtiniana: Dialogia e Signo.

“A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”.

(Mikhail Bakhtin)

2.1. A potência do signo, em Bakhtin.

“Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”.
(Bakhtin, 1929, p. 33)

No complexo jogo social, a palavra, com suas imensas capacidades de circulação, infiltração e poder, ocupa lugar de destaque. Podendo calcular horizontes apreciativos diversos, medir temperaturas relativas de cada contexto social, gênero discursivo, e direcionar políticas presentes e futuras, ou seja, a palavra como “signo por excelência” tem uma capacidade de ubiquidade social imensurável. Ao analisá-la, conseqüentemente, estabelecem-se relações entre linguagem, ideologia e sociedade¹⁵.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (Bakhtin, 1929, p. 41).

Em Bakhtin, re-descobrimos a força bruta que tem a palavra, pela brutalidade ontológica pela qual se apresenta como signo e fenômeno ideológicos por excelência, podendo ela ser “o modo mais puro e sensível de relação social” (Bakhtin, 1929, p. 36);

¹⁵ As contribuições de Bakhtin se farão sentidas no caminhar da discussão sobre as intermitências dos litígios discursivos sobre o signo “América Latina”, a dialogia ajudará a visualizar o jogo das relações sociais se dando; e o estudo do signo ajudará a compreender os embates no interior dessas relações. Tais contribuições bakhtinianas para o campo da filosofia da linguagem vão migrar em diálogos para a filosofia política, na tentativa de vislumbrar um aspecto global do presente em que esteja inserida a América Latina atualmente, aí que entram as teorias de Rancière (1996 e 1999) e de Hardt & Negri (2004) chamados ao diálogo respectivamente nos capítulos 3 e 4 desta dissertação.

por isso estudá-la distante de seus modos de manifestação e de constituição torna a ciência lingüística praticamente irrealizável. É necessário associá-la dialogicamente a seu texto (a uma situação concreta de comunicação discursiva) e contexto (a um território preciso de materialidade imediata e ideológica) de língua e interação.

Sua sensibilidade e sua pureza se apresentam, mas não a tornam transparente; a palavra é opacionada a cada utilização que dela se faz, sendo que a materialidade contextual a embebe de cargas ideológicas, de marcas *signicas*, por isso a palavra é um fenômeno *signico* por excelência e manifestação fenomenológica do mundo, pois pertence transitoriamente aos que dela se utilizam [“a palavra é prostituta por excelência¹⁶”]. Por outro lado, torna-se um signo puro, por sua infinita potencialidade de ressurreição e disponibilidade de emprego; embora, não haja pureza dentro da linguagem. Em outros termos, a palavra é um signo puro pelas possibilidades de sujar-se a cada contexto ou sistema ideológico (religião, ciência etc). Sendo assim, a palavra e sua ubiquidade estão na causa da dinâmica de todo grupo social. Nela há perspectivas humanas em jogo e diálogos, portanto incalculáveis, e modos incomensuráveis de atividade social. Afinal é por ela que falamos, nela transitamos em todos os diálogos. A palavra dialogicamente está no não-tempo e no não-espaco para estar em todos os tempos e lugares a que é chamada. Em outros termos, a palavra é o paradoxo primevo do mundo, é a dialogia que, por vitalidade, nada excluí, pois consegue com toda sua carga ideológica ser ucrônica [não-tempo], utópica [não-lugar] e ser imaterial.

No dizer de Bakhtin, nosso veículo simbólico primordial está em relação material direta com conceituações ideológicas: “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um

¹⁶ Como costuma enunciar Miotello nas reuniões do Grupo de Estudos dos Gêneros Discursivos – GEGE – em São Carlos.

signo e sem signo não existe ideologia” (1929, p.31). Sem signo, sem ideologia não há a materialidade histórica, não haveria organização social em torno de um código lingüístico, não haveria o território preciso de comunicação social. A sociedade se constitui na dinâmica construção de signos para estabelecer diálogos com suas partes e significar o cotidiano. É imprescindível nas leituras bakhtinianas dar ao signo lugar de destaque, pois ele é lugar de partida e de chegada de toda filosofia, que trata as relações entre linguagem e sociedade colocadas sob uma espécie de dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais.

Vejamos essas relações da estrutura com o signo interagindo em um artigo jornalístico:

NEGÓCIOS À PARTE ¹⁷

Apesar da retórica, comércio entre Venezuela e EUA sobe

"O capitalismo vai levar à destruição da humanidade", disse o presidente Hugo Chávez neste mês em discurso no Vietnã, em viagem que incluiu escalas no Irã e em Belarus. Os EUA, acrescentou, são "o demônio que representa o capitalismo". Apesar da hostilidade, o comércio entre a Venezuela e os EUA vem aumentando. As exportações petrolíferas da Venezuela representam a parte maior desse comércio - o país é o quarto maior fornecedor dos EUA. Movido em grande parte pelo petróleo, o comércio bilateral teve aumento de 36% em 2005, chegando a US\$ 40,4 bilhões, o crescimento mais acelerado entre os 20 maiores parceiros comerciais dos EUA, de acordo com a WorldCity, uma empresa de Miami que acompanha o comércio externo dos EUA. Mas as empresas americanas também vêm se beneficiando, já que a demanda venezuelana por produtos americanos como automóveis, equipamentos de construção e computadores vem crescendo, subindo de US\$4,8 bilhões para US\$6,4 bilhões no ano passado. O crescimento recente se dá apesar dos esforços de Chávez para redirecionar o comércio da Venezuela para países que ele vê como tendo mais afinidades com o seu. Chávez fez acordos com Cuba e Bolívia. Carros chineses já podem ser vistos em showrooms de Caracas. Tratores iranianos saem de uma nova linha de montagem. Washington, por sua vez, procura cortar as vendas por terceiros de armas americanas à Venezuela. Mas alguns dizem que os dois países estão interligados a tal ponto que dificilmente qualquer disputa poderia desfazer esses vínculos. "Os EUA é o maior parceiro comercial da Venezuela há um século", diz Robert Bottome, editor do boletim de negócios "Venecomia".

¹⁷ Caderno Mundo da FSP, quinta-feira 17 de agosto de 2006. Título da reportagem: NEGÓCIOS À PARTE. Apesar da retórica, comércio entre Venezuela e EUA sobe. Reportagem de: Simon Romero do "New York Times", em Caracas, capital venezuelana. Tradução de: Clara ALain

Crescimento

As exportações venezuelanas não petrolíferas para os EUA aumentaram 116% nos três primeiros meses do ano, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas. A Venezuela também tem laços estreitos com bancos de Wall Street - o Morgan Stanley e o Crédit Suisse aconselharam os governos venezuelano e argentino sobre a venda de US\$ 2 bilhões em títulos. A economia venezuelana cresceu 9,4% no primeiro trimestre deste ano, o que está levando muitas empresas americanas a aumentar seus lucros. Companhias de serviços petrolíferos, como a Halliburton, símbolo da rejeição do governo venezuelano à política externa americana, estão na linha de frente dessa interdependência. Com dez escritórios e mil funcionários na Venezuela, a Halliburton venceu uma licitação de assistência à Petrozuata, uma joint venture entre a estatal petrolífera venezuelana e a ConocoPhillips. Ao mesmo tempo, o governo venezuelano freqüentemente se manifesta contra o poder das multinacionais. A Chevron disse que neste ano a reorganização do setor petrolífero venezuelano deve reduzir sua produção em 90 mil barris por dia. Chávez também vem fazendo críticas a empresas americanas de softwares, como a Microsoft, e um decreto dele estabeleceu que os gabinetes governamentais comecem a utilizar alternativas como o sistema operacional Linux. Mesmo assim, a demanda pelos produtos americanos continua grande. A General Motors, a Ford e outras montadoras de veículos vêm se esforçando para satisfazer a demanda crescente; suas vendas em julho foram 28% superiores às de julho do ano passado.

Os efeitos do signo são detectáveis nas manifestações sociais, políticas e econômicas; em outras palavras, os efeitos do signo são também de natureza ideológica e são detectáveis nas estruturas sociais, e vice e versa, já que os efeitos da estrutura são sentidos no signo. O discurso re-proferido pela *FSP* coloca os signos da globalização, do capitalismo em jogo em todo artigo jornalístico em contraponto com as declarações de Chávez. Os efeitos transparecem os interesses e intenções de cada ambiente discursivo, e na *FSP* não é diferente.

O jornal *FSP* re-publica a notícia sobre a fragilidade retórica do presidente venezuelano ao negar o imperialismo estadunidense, ao mesmo tempo, que fatos transparentes (dados estatísticos e números econômicos) comprovam algo controverso; nada incomum se analisarmos o veículo de notícias, afetando as condições de produção, já que a notícia vem de uma filial venezuelana de um jornal nova-iorquino (que chega ao Brasil re-proferido pela *FSP*, porta-voz de um jornal de N.Y). A sutileza do título “Negócios à parte”, inverte a fala de um enunciador-genérico que diria (“Amigos, amigos.

Negócios à parte”) para uma relação distinta (“Inimigos, inimigos. Negócios à parte”), porém definitivamente declarada em discursos antiimperialistas de Hugo Chávez, relação tumultuada apontada no subtítulo da notícia “*Apesar de retórica, comércio entre Venezuela e EUA sobe*”. Revela-se no enunciado a intenção de despotencializar a fala do presidente venezuelano [poderíamos ler: “Apesar da retórica de Hugo Chávez (...)]. Todo o texto apresenta o fortalecimento da economia venezuelana com relação aos EUA e através de dados estatísticos e medidas político-econômicas neoliberais postas em contraste com a fala inicial de Chávez, que afirma o capitalismo como causador do fim da humanidade (Chávez, diz destruição da humanidade, diferentemente de fim, porém são conseqüentes uma da outra, sendo talvez a destruição o grande passo para o fim dela). A frase do chefe de estado venezuelano fica despropositada frente todos os argumentos postos na notícia (está clara a intenção do Jornal, de minar a imagem do comandante venezuelano). Chávez ganha uma imagem quixotesca na notícia, quando colocado em confronto com os montantes eólicos da crescente economia venezuelana em sintonia com a globalização. Enquanto o mundo consome *Windows*, Chávez incentiva a andar na contra-mão dos ventos com o *software-livre da Linux*; enquanto o mundo globaliza-se em torno de dois blocos econômicos guiados pelos EUA e a União Européia, Chávez nada na direção de parceiros regionais, como Cuba e Bolívia. A imagem quixotesca, atribuída pela notícia a Chávez, é apenas mais um sintoma dos apagamentos e silenciamentos discursivos que ocorrem na AL, na atualidade.

A notícia se analisada no *como diz o que diz* revela um hiato entre um trabalho ideológico no discurso de Chávez e o real poder do presidente na economia da Venezuela, economia que aparece na reportagem como algo independente das relações políticas e sociais tratadas pelo discurso de Chávez. Uma hipótese interessante que surge aí é a de que

não há força política (local) contra a economia (global) quando ela se torna “independente” de país/nação. A América Latina caminha rumo a uma economia global? Ou Chávez está realmente mudando os rumos futuros do signo América Latina?

Os discursos se demonstram poderosos nas mãos da mídia local e internacional. A palavra como signo ideológico por excelência deve ser todo o tempo associada à superestrutura e a infraestrutura das interações do global com o local. Esta dialogia da palavra deve ser ouvida, pois através dela a materialidade social está sendo erguida e estruturada.

A materialidade do social e do real seria, portanto, construída pelas infinitas capacidades da palavra, de modo que a história dos povos, seria resultado do complexo jogo social, que ela motiva e conduz de maneira dialógica. Para Miotello (2004, p. 70), há algo além na materialidade da palavra, ela pode mais, pois “A palavra é signo por excelência, pois ela pode carregar em si a história dos valores dos grupos humanos organizados”. Nela há história, subjetivações identitárias e de diferenciações; nela há espaço para o mesmo e para o diferente; nela há o traço distintivo e fundamental da existência do *Homo Sapiens-Sapiens* aos seus ancestrais primatas e aos outros seres, justamente pelo homem possuir a palavra e poder sobre a história.

O fenômeno ideológico por excelência distancia evolutivamente o homem dos outros animais, contudo não o afasta das condições naturais e mundanas de finitude e falibilidade. Ele registra a história, entretanto registra também apagamentos estruturantes e silenciamentos provisórios. Abre assim fendas alarmantes da incompletude material que cada fenômeno carrega em si: a incapacidade de dar conta de todo real, a impossibilidade de atingir o real da história, a impotência natural de um filtro subjetivo e humano de construir história com a memória.

Abro então uma problemática comum aos estudos críticos do estruturalismo filosófico e lingüístico, a da história não ser linear, idealistamente cronológica e evolutiva. Pois se “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”, então há nelas registros das múltiplas vozes silenciadas pelos regimes hegemônicos construtores de monologia no percurso das quedas, manutenções e formações de impérios em toda a história humana em seus mais recônditos esconderijos ou aparentes cimios. Há, portanto, modos de se produzir história não-linear.

A não-linearidade-histórica faz também pensar um ponto de vista próximo e continental, por exemplo, muito se deixou e se deixa de ouvir e de dizer em quase quinhentos anos de domínio europeu e/ou norte-americano na América Latina. As características iminentes nas culturas latino-americanas foram e continuam sendo apagadas e silenciadas pelas vozes de outrem, pelas vozes das hegemonias fabricantes de monologia, mesmo o mundo se constituindo sempre pela heterogeneidade de suas atividades humanas: pela dialogia.

Parece haver uma contradição no modo como visualizamos o mundo. “Nós” abaixo de uma linha divisória qualquer que não seria a Linha do Equador, ou mesmo o fronteiroço (estadunidense-mexicano) rio Bravo, e “Eles”¹⁸, acima dessa linha não tão imaginária como aquela. Para visualizar melhor as variadas atividades do real e do social nos

¹⁸ “Nós”, segundo a atual divisão global dos geógrafos, somos os países pertencentes ao Hemisfério Sul, com exceção da Austrália, e “Eles”, os habitantes do Hemisfério Norte. Mas, Marx & Engels definiram de um modo mais próximo a dicotomia do mundo econômico, da qual utilizou-se Bakhtin para analisar as questões dialógicas das culturas: “As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas ao mesmo tempo e em média, as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as idéias de sua dominação.” (Marx & Engels, 1987, p.72). Hardt & Negri (2004) dividem as relações do globo também em dois conceitos próximos aos do materialismo histórico dialético de Marx em: Império e Contra-império (ou Multidão).

continentes, países e meios sociais mais restritos precisaríamos desvendar nossos olhos, para revelar o que há na materialidade dos discursos de cada jogo social (mais especificamente em cada gênero discursivo em que essas variações se manifestam).

O jogo social ganha materialidade teórica através dos signos. Em outras palavras, ganha vivacidade, vozes e ouvidos com a *dialética dialógica* estabelecida entre a *superestrutura* e a *infraestrutura*; entre a *ideologia oficial* e a *ideologia do cotidiano*; entre os *gêneros primários* e *gêneros secundários*; entre a *subjetividade* e a *alteridade*; entre *Eu* e o *Outro*; entre a *memória de passado* e a *memória de futuro*; entre o *relativamente estável* e *relativamente instável*; entre a *polifonia* e a *monologia*.

Analisando tais conceitos bakhtinianos constituintes da materialidade social, podemos ouvir, ler, tocar, sentir e pensar os signos (e palavras) que promovem o atual presente da América Latina. Contudo, diríamos mais, que o presente seria resultante de cálculos futuros:

Do ponto de vista bakhtiniano, no mundo da vida ‘calculamos’, a todo instante, com base na memória de futuro desejada, as possibilidades de ação no presente. Não se trata de re-introduzir, a partir da idéia de memória de futuro, a idéia de salvação terrestre. O ‘dever’ está problematizado e assim ficará sempre (...), trata-se de pensar que a todo o momento, a todo acontecimento, o futuro é recusado, refeito e neste lugar desterritorializado, sempre mutável, o sujeito se situa para analisar o presente vivido e, nos limites de suas condições e dos instrumentos disponíveis, construídos pela herança cultural e reconstruído, modificados, abandonados, ou recriados pelo presente, selecionar uma das possibilidades de ação. Somos movidos pelas utopias, pelos sonhos, pois ‘nada é mais pobre que uma verdade sem o sentimento de verdade’ (Geraldi, 2003, p. 60).

Situando nosso percurso de análise em compreender também a *memória de futuro* bakhtiniana que alguns sujeitos através dos textos do jornal *Folha de São Paulo* e da agência *Carta Maior* constroem a respeito da América Latina na produção de seus

discursos, teríamos a condição de coletar indícios de uma nova ou uma diferente visão para a América Latina de amanhã, no hoje. Mas (a)onde estarão estes indícios futuros na materialidade do real discursivo dos textos da *Folha de São Paulo* e da *Carta Maior*?¹⁹ Estão no diálogo entre as heterogeneidades e as ideologias materiais memoráveis, em torno do signo "América Latina"; pode estar nas atividades humanas que se inter-relacionam dentro das esferas discursivas do universo que delimito [os diálogos em torno do signo América Latina no jornal *Folha de São Paulo* e na agência *Carta Maior*, no ano de 2005 e 2006] através de relações intergenéricas e os sempre re-vivos enunciados dos textos escritos no jornal.

O enunciado em sua plenitude é enformado como tal elemento extralingüístico [dialógico], está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralingüísticos [dialógicos] penetram o enunciado também por dentro (Bakhtin, 2003, p.313).

Para Bakhtin o enunciado pode ser tido como texto, e vice versa, sendo que os dois elementos que determinam o texto como enunciado são: a sua idéia (intenção) e a sua realização (dessa intenção).

As inter-relações desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto. [...] O texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo. O texto como mônada original, que reflete todos os textos (no limite) de um dado campo do sentido. A concatenação de todos os sentidos (uma vez que se realizam nos enunciados). As relações dialógicas entre os textos e no interior de um texto. Sua índole específica (não lingüística). Dialógica e dialética (Ibid, p.308–309).

¹⁹ As respostas para esta pergunta podem estar na análise da fala do homem (in)comum [na ideologia do cotidiano, tanto na ideologia do não-oficial, quanto na ideologia oficial], na do cientista político, na do geógrafo, na do pai para o filho, na do presidente da Venezuela, na do ministro da fazenda do Brasil, nos discursos, nas palavras, na materialidade dos textos e tratados econômicos, nas poesias, nas falas da boca do Outro que apontam dentro dos enunciados dos artigos jornalísticos da *FSP* ou da *CM*. O que eram perguntas se torna afirmação. Os indícios estão nos signos dialogizados na materialidade dos textos e respectivos contextos.

Mas há um manuseio específico do humanista com o texto, justamente pelo texto ser um re-vivo enunciado inicial, ser texto surgido de textos, em nossas mãos de humanistas temos uma profissão de fé na originalidade de cada sujeito/autor que está falando por aquele enunciado, e de desconfiança dessa própria originalidade, já que cada sujeito é também reproduzido pelo seu enunciado de outros enunciados.

O texto (escrito e oral) como dado primário de todas as disciplinas mencionadas e de todo pensamento humanístico e filosófico em geral (incluindo o pensamento teológico e filosófico em suas origens). O texto é a única realidade imediata (realidade do pensamento e da vivência) que vem ser o ponto de partida para todas as disciplinas e para esse tipo de pensamento. Onde não há texto, não há objeto de investigação e de pensamento.

O texto ‘subentendido’. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, texto sobre textos. Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e as naturais (sobre natureza), embora aqui não haja fronteiras absolutas, impenetráveis[...] (Ibid, p. 307)

O texto deve ser tratado com especial manuseio pelo cientista, pois é nosso tratado de fé e também de desconfiança. Ao observarmos o entrelaçamento de textos com outros textos, vemos uma perene intercambialidade entre as ciências. Por exemplo, o jogo social está amarrado a outras áreas, como na política, na biologia, na economia; nesta última, principalmente, ainda mais no nosso tempo, a partir do nascimento do capitalismo financeiro que pariu o século XX (notadamente, com a quebra da bolsa de NY em 1929, vimos essa ligação estreita entre o século e o capitalismo financeiro). Ou mesmo se houver uma investigação do momento político-cultural que se introduz na América Latina a partir das décadas de 60 e 70 – em seus respectivos regimes militares – já que ocorreram em

muitas nações da parte sul e central do continente americano – também poderia se configurar como um bom solo para estabelecer alguns paralelos entre os textos e as ciências (política, economia, antropologia e filosofia). Dentro deste período surge um discurso *denuncista* que procura revitalizar o caráter de convívios heteróclitos do continente frente aos abusos do novo imperialismo – o norte-americano –, da nova política econômica – neoliberal – e da nova proposta artística surgida em meados do século XX – a pós-modernidade. E o discurso denunciante pertence a Eduardo Galeano (1970), em seu aclamado “Veias Abertas da América Latina”.

Eduardo Galeano, naquele momento, foi a “antena das raças” (Ezra Pound) e o nome da voz que trouxe a denúncia das outras vozes, forçando diálogos com as hegemônicas. Entretanto, a pós-modernidade e o neoliberalismo trazem novos ares para a América Latina, suas culturas e seus povos; aparentemente trazem um certo cultivo da heterogeneidade, ‘abertura’ de mercado e multiculturalismo; por isso, seriam mais condizentes com a realidade e com a história das culturas que aqui vivem e viveram.

Se a pós-modernidade e o neoliberalismo trazem novos ares para a história da América Latina, como fica a liberdade de ações dentro desses regimes pós-modernos de organização político-econômica? Há espaço realmente para as liberdades e vozes latino-americanas dentro desses regimes do século XX, como algo que dialogasse pela diferença? Não. Não houve abertura para o diálogo das diferenças. Houve apenas uma criação de um autogoverno formando uma falsa imagem de liberdade (Geraldini, 2003), contudo os discursos hegemônicos estão em luta com outros discursos pela manutenção da ordem pré-estabelecida. Podemos observar isso, nos estudos sobre as turbulências discursivas entre as hegemônias e os movimentos sociais - em torno do MST - no Brasil, de Miotello (2001),

que relata os *intrincamentos* entre os discursos em conflito e visível manutenção da hegemonia iniciada na segunda metade do século XX.

Poderosos os discursos! Eles quase sempre dão conta de apagar diferenças fundamentais entre sujeitos e classes sociais; de sumir e de distorcer com a visão concreta do corpo; de subverter as subjetividades constituídas e reformatá-las de acordo com os interesses maiores dos dominantes; disfarçam o lucro e a exploração; escondem a importância social dos modos de produção. E não realizam essa obra hercúlea enfrentando tais concepções à luz do dia, mas fazem isso velando a realidade e construindo consciências subalternizantes e caudatárias de seus interesses.

Enfrentar tal hegemonia discursiva, que se serve de todos os instrumentos necessários para a sua manutenção, e apresentar a ela outras palavras carregadas de novos sentidos, é tarefa não para os discursos fundadores e explicadores, que formam seu fundamento nas concepções do passado apenas, e reverberam suas próprias vozes, mas para os discursos formadores, que olham para o futuro [...], em função com os destinos visualizados pela ‘memória do futuro’ (Miotello, 2001, p. 19).

O apagamento da heterogeneidade ainda ocorre para conforto de “todos” do *status quo*, se assim, não *contrapalavrarmos*, ou seja, se não contestarmos com contrapalavras e diversidade o monolítico hegemônico, que só investe em uma espécie de ditadura de discurso único, uma ditadura do *logos*, que quer conduzir-nos a uma espécie de *re-neocolonização*.

Entretanto, os discursos diversos do jornal *Folha de São Paulo* e da *Carta Maior*, no ano de 2005 e de 2006, aliados aos diálogos que esta dissertação se propõe com os discursos teóricos de Galeano (1970), Bakhtin (1929 e 1979), Ponzio (1998), Rancière (1996 e 1999) e Hardt & Negri (2004), que aqui considero como discursos importantes, por observarem a relevância da diferença e do Outro, e que aqui utilizo para precisar melhor a atualidade da América Latina, já que os discursos desses teóricos estão prenhes de

memória de futuro, pois eles olham para o futuro analisando o presente, para o porvir com os pés no chão, são discursos que não se desfazem do passado, contudo não permitem que apenas as vozes do passado reverberem.

Estudar a produção discursiva desses autores - Bakhtin, Galeano, Ponzio, Rancière e também Hardt & Negri - auxilia na observação da eficácia formadora deles na (des)construção do hoje e do presente processo neoliberal e pós-moderno do início do século XXI, no Brasil e na América Latina. Das observações e análises surgem questões: tais discursos promovem outros nascentes discursos? Se dialogam com outros em respeito e promoção das culturas heteróclitas da América Latina²⁰, ou se mais uma vez, ocultam e apagam o caráter múltiplo dessa nossa parte continental? Se a identidade latino-americana seria mesmo subalternizada (subalterna) aos ditames hegemônicos, ou seria resultante de mais uma construção discursiva da hegemonia em constante pé-de-guerra com a construção discursiva não-hegemônica, assim como provoca Miotello (2001, p.19)? Se alguma subjetividade social apresentada poderia reverter os cinco séculos de dominação europeia ou norte-americana? Se a abertura econômica através do Mercosul fortalece a região da AL ou fortifica a hegemonia? Será que com tais teorias e atividades é possível buscar para os próximos 500 anos um diálogo mais horizontal com a ideologia oficial, diferente dos últimos 500 anos²¹?

²⁰ As culturas na América Latina possuem temporalidades próprias, por isso são heteróclitas e heterogêneas, em suas dinâmicas são semelhantes aos gêneros do discurso, são distintas entre si, em suas excentricidades, textualidades, ideologias e modos de exploração *signica*. A proposta, aqui, é analisar a América Latina de modo Bakhtiniano, fazendo uma análise cronotópica e dialógica. Assumindo que cada acontecimento tem sua temporalidade e cada signo se alimenta das dadas temporalidades.

²¹ Por que não temos aulas de cultura latino-americana nas escolas brasileiras, ou de cultura brasileira e portuguesa nas escolas dos países de fala espanhola na América Latina? Por que teremos aulas de cultura e história da África como disciplinas nas escolas brasileiras, estranhamente em um mesmo tempo que a Europa se interessa pela África, formulando assim parâmetros outra vez paralelos e parecidos entre Brasil e Europa? O distanciamento do Brasil das outras nações latino-americanas não está somente no nível lingüístico (o que implica dizer que nossas distinções estão em tantos outros campos, como o cultural e o educacional) ou no

Neste ponto, já temos claro que o neoliberalismo e a pós-modernidade pode na realidade estar abrindo falsamente um espaço para a liberdade, criando um falso conforto para os discursos heteróclitos que se movimentam hoje na América Latina; mas que na verdade o que os discursos que se demonstram litigiosos estão cobrando é uma relação de alteridade, de tratamento pelas diferenças, e não o tratamento pela igualdade que os discursos pós-modernos oferecem. Aí está a celeuma da modernidade, a categoria da identidade aparece como categoria dominante no pensamento e na práxis ocidental.

O pensamento ocidental anda cobrando nesta nossa era de neoliberalismo e pós-modernidade das nações alianças econômicas em torno de blocos regionais. Mas como isso vem trabalhando o signo “América Latina”? Vem trabalhando com força. Os blocos econômicos aparecem como única alternativa no mundo globalizado para nações de toda parte do continente, talvez por isso a AL esteja ganhando tanto destaque e discussão discursiva.

Modelo de integração física segue polêmico na América do Sul²²

COCHABAMBA – Entre os temas que tangenciaram o encontro da sociedade civil – Cúpula Social pela Integração dos Povos – e o processo oficial da Comunidade Sul-americana de Nações (Casa) em Cochabamba, Bolívia, na última semana, o mais importante foi o debate sobre a infra-estrutura física de integração regional do projeto Iirsa (Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul-americana).

A mesa de diálogo entre os movimentos e os representantes governamentais sobre a Iirsa, realizada na última sexta (8), trouxe os maiores questionamentos aos posicionamentos dos governos, tanto no que diz respeito aos objetivos sobre a aplicação da Iirsa quanto na falta de transparência e participação frente à sociedade civil.

As principais críticas à Iirsa, enumeradas num documento entregue aos

silenciamento de nossas identidades, semelhanças e diferenças em relação aos nossos vizinhos em prol da hegemonia em voga, seja ela qual for.

²² 11/12/2006. Publicado na Carta Maior. Título: Modelo de integração física segue polêmico na América do Sul. Autor: Sebastián Valdomir - Especial para a Carta Maior*

negociadores governamentais, acusam o projeto de justificar um modelo econômico de exportação dos bens naturais dos povos sul-americanos, o que se opõe frontalmente às demandas de sustentabilidade do desenvolvimento demandado pelas comunidades e povos do continente, sendo “totalmente incompatível com a construção de uma integração que busca a construção da cidadania sul-americana”

Poucos avanços

Como a própria concepção de integração tem causado tensões entre os vários membros da Comunidade Sul-americana de Nações, era previsível que não houvesse avanços extraordinários na II Cúpula de Presidentes. No tema Iirsa, e mais concretamente sobre a possibilidade de reformular o projeto e revisar seus objetivos e modos de implantação, permaneceu a dualidade que acabou marcando a maior parte das decisões políticas do evento.

Na declaração final da Cúpula presidencial assinada pelos 12 Estados que são membros da Casa, se estabeleceu uma fórmula bastante conhecida, de promover a integração “em harmonia com a natureza para um desenvolvimento sustentável, garantindo que as preocupações de caráter ambiental estejam presentes em todas as iniciativas de desenvolvimento regional, fundamentalmente nas obras de infraestrutura e energia, preservando o equilíbrio do ecossistema e a proteção da biodiversidade, com reconhecimento e valorização dos conhecimentos tradicionais”.

De acordo com o negociador boliviano para a Casa, Pablo Sólon, a questão da Iirsa acabou tendo mais importância entre os países-membro do que o tema energético. No documento oficial específico sobre a iniciativa, ficou acordado que se deve “aprofundar e aperfeiçoar os avanços na identificação, avaliação e execução de projetos de integração no marco do processo de planejamento em escala regional dos países da América do Sul”.

O documento afirma ainda que a Iirsa deve continuar promovendo o objetivo da integração da infra-estrutura atendendo às necessidades de desenvolvimento social e econômico sustentável das nações para acelerar o processo de integração”. Ou, traduzindo, que se continue no rumo adotado, sem mudanças, para acelerar o crescimento econômico da região.

Os que esperavam mudanças concretas nos rumos da Iirsa ficaram desiludidos. Por outro lado, para os que tinham expectativas moderadas, o resultado final não é tão ruim, já que ficou claro, uma vez mais, que os processos políticos são mais importantes do que os acordos pontuais das Cúpulas presidenciais.

Neste sentido, existe tanto a possibilidade de que a Iirsa se modifique lentamente, como que seja implantada através de suas obras, sem nenhuma mudança substancial, mas com declarações de preocupação com o meio ambiente e as comunidades afetadas. Como o tema da Iirsa está ligada a um modelo específico de desenvolvimento, a pergunta que fica é se os países-membros estão convencidos de que é preciso mudar o modelo, pergunta bem mais complexa.

Histórico

Criada em 2000, a Iirsa é um processo multissetorial que pretende desenvolver e integrar as áreas de transporte, energia e telecomunicações da América do Sul, em dez anos. A base do planejamento são 10 eixos de integração da América do Sul, que abrangem faixas geográficas de vários países que concentram ou possuem potencial para desenvolver bons fluxos comerciais, visando a formar cadeias produtivas e, assim, estimular o desenvolvimento regional

De acordo com a Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais, as críticas à Iirsa estão centradas em seu caráter ou objetivo de fortalecimento das instituições e dos mecanismos de mercado, estando, desta forma, em sintonia com as principais diretrizes de instituições como o BID, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, confrontando-se com as políticas públicas baseadas na

universalização de direitos.

Ainda segundo a Rede Brasil, a Iirsa foi elaborada e está sendo executada enquanto a materialização da terceira etapa das reformas estruturais de caráter neoliberal. A estratégia de desenvolvimento baseada na implementação de "cinturões de desenvolvimento" a partir dos "eixos de integração" tende a perpetuar a fragmentação espacial do desenvolvimento, através da concentração dos investimentos públicos e privados naquelas partes dos territórios nacionais que efetivamente interessem ao grande capital, por disporem de melhores condições para conectar-se ao fluxo internacional de mercadorias. Em consequência disso, a Iirsa tenderia a agravar as disparidades no interior de cada região e entre as diferentes regiões de cada país, conclui a organização.

A problemática da integração da AL segue-se já alguns anos, e irá se prolongar por tantos outros. Está aí a tentativa de colocar unidade onde o múltiplo é fonte de manifestação e organização. Não dá para pensar AL por uma identidade, para pensar o signo AL é preciso olhar o diverso e unir os pontos de interesse comum, sem que se obliterem culturas inteiras e discursos marginais à grande mídia discursiva. O diferente deve ter lugar nesse jogo global e de signos.

2.2. Para ler o signo “América Latina”, a [AL]teridade é ponto de partida.

“O *centro* organizador e toda enunciação, de toda expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”
(Bakhtin, 1929, p.121).

No signo as multiplicidades dialogam e litigiosamente o constituem. Na arena que é o signo os embates são constantes, na busca de valores para a materialidade histórica. Porém, o que se buscou desde o início da colonização foi estabelecer-se através de silenciamentos em prol de uma identidade. A busca incessante pela identidade minou o humano do homem latino-americano, antes ameríndio e elaborador de uma *ideologia bipartite* (Lévi-Strauss, 1991); antes crente em uma alteridade como destino do eu, que se tornou dominado pelo *logos europeu* em seus modos de ler a realidade e registrar história.

É certo que a história da América Latina elaborou-se em torno desse *logos* causando identidades históricas relevantes. Transformando-se identitariamente em um continente subalternizado, colonizado, dependente de investimentos externos e com sistemas políticos muito semelhantes cronologicamente (quase todos os países tornaram-se independentes no século XIX, com algumas exceções, porém todos caíram em uma espécie de tirania pós-moderna no século XX – ditaduras militares - patrocinadas pelo novo colonizador – EUA - ou pelos velhos tiranos dos séculos anteriores - Espanha, Portugal, França, Inglaterra). E viram-se cada vez mais unidos ao término, ao menos teórico, das ditaduras e tiranias imperialistas, pelas fissuras causadas pelas mesmas nos sistemas sociais e nas relações interpessoais. A América Latina se viu unida pela miséria da situação de crises de suas respectivas economias e dívidas externas aos bancos mundiais sediados nas antigas nações colonizadoras, ou mesmo pelas crises agrárias, indígenas e discussões em

torno do narcotráfico. Essas crises se transformaram em traços identitários da América Latina.

O Brasil passou a olhar para o continente, na entrada do século XXI, de forma mais compreensiva, menos distante. A “crise da dívida”, nos recolocou a todos no patamar que o capitalismo neoliberal nos reserva: o de “mercados emergentes em crise”. Fomos rebaixados de “potência intermediária emergente” a um mercado para investimentos especulativos, com economia nacional desarticulada e fragilizada pela dependência do capital especulativo, com Estado impotente e corroído pelas dívidas e pelo capital financeiro. Perdemos destino e identidade, história e futuro” (Sader, 2006, p.182).

Sader também vê traços identitários latino-americanos para além da “crise da dívida” na montagem do Mercosul; segundo ele, o Mercosul representa, pela primeira vez, a abertura de um caminho e um espaço para a construção coletiva da identidade latino-americana. Mas esta identidade, não mais pode ser pensada como lugar do *mesmo*, e sim como espaço comum onde interagem o *diferente*. Então o que precisa ser lembrado é que o lugar da identidade é o lugar da alteridade.

Podemos ler paralelos de identidades enfrentados pelos países latino-americanos, porém com distinções culturais nos discursos do cotidiano, como é o caso da *FSP*, de 17/08/06, em que um fato político colombiano pode ser detectado igualmente em outros países latino-americanos, contudo com distinções cronotópicas e dialógicas de cada interação:

Uribe captura as principais lideranças paramilitares.²³

Os mais emblemáticos chefes do **grupo paramilitar** de extrema direita Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC) foram capturados ontem por determinação do presidente colombiano, Álvaro Uribe, que justificou a ação afirmando que "é um esforço" para que a negociação de desmobilização "ganhe credibilidade". Entre a dezena de detidos estão Ramón Isaza, um dos fundadores das AUC Ernesto Báez, ideólogo e ex-líder político e o ex-comandante

²³ Caderno Mundo, quinta-feira, 17 de agosto de 2006. Colômbia. Uribe captura as principais lideranças paramilitares.

militar Salvatore Mancuso, informou a agência de notícias France Presse. As prisões ocorreram depois de Uribe ter novamente exortado ontem os chefes paramilitares para que se colocassem à disposição da Justiça, caso contrário perderiam os benefícios previstos nas negociações iniciadas em 2003, como a não-extradição aos EUA, onde são acusados de **narcotráfico**. "Os processos de paz avançam quando ganham credibilidade. [As detenções] são esforços para que esse processo avance ganhando credibilidade", disse Uribe. O presidente colombiano tomou a decisão em meio a uma grande pressão por parte da oposição, de **organismos internacionais e de Washington** para que acatasse uma decisão da Corte Constitucional que reduziu os benefícios jurídicos dos paramilitares recentemente desmobilizados. [grifos são meus]

Enquanto na Colômbia o governo enfrenta FARC's (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e grupos paramilitares que se nutrem do narcotráfico e da falta de reforma agrária, no Brasil procura-se negociar com grupos de "sem terra" ocupações somente de latifúndios improdutivos e também com grupos armados que dentro dos presídios comandam o narcotráfico, diferentemente da Bolívia que ao menos conseguiu uma reforma agrária em 1952, embora não sirva muito de parâmetro, por ter a mesma eficiência ou deficiência que os países vizinhos e outros países latino-americanos, pois também tem parte de suas terras associadas a grupos de narcotráfico (plantadores de coca), como na Colômbia. Em comum nos países latino-americanos a constante pressão de organismos internacionais e da política estadunidense ao combate ao narcotráfico e grupos armados. Porém, a identidade basta-se às reverberações de dependências coloniais e ditatoriais passadas, que ainda fazem efeito nos discursos. Os casos em cada país, embora, envolvam os mesmos termos (narcotráfico, questão agrária e pressões internacionais) se dissipam às particularidades de cada contexto e organização cultural, embora vizinhos de fronteira as políticas são dessemelhantes, por que os sujeitos o são²⁴.

²⁴ O texto da *FSP* traz algumas pistas importantes do panorama discursivo que se propõe significar a AL atualmente em três núcleos de identificação, em três temas: 1) o narcotráfico, que estaria ligado ao tema da Moral; 2) a questão agrária, que se ligaria ao tema do latifúndio; e 3) a pressão internacional, que está no âmbito do tema da colonização. Veremos isto no capítulo cinco (5) desta dissertação em que o caleidoscópio da AL se apresenta.

Por isso, se nós trabalhássemos a idéia de identidade sem alteridade revelaria-se um estudo do signo muito parcial e monológico. Seria transformar o signo em monológico sinal, seria não aceitar a natureza do signo, que é dialógica. Signo constituído pelo conflito litigioso dos termos e valores de cada interlocutor, estabelecido pelo desentendimento político contido nas múltiplas arenas sociais e comunicacionais. Signo constituído pelo embate de alteridades, de distinções e não só de identidades. Está na alteridade a base da revolução fenomenológica bakhtiniana que dá para o signo, América Latina, outras possibilidades que não as mesmas de um *logos* apenas *occidental*.

La revolución de Bajtín consiste en haber cambiado el punto de referencia de la fenomenología, que ya no se coloca en el horizonte del yo, sino en horizonte del otro. Un cambio que no sólo pone en discusión toda la dirección de la filosofía, sino también la visión del mundo dominante en nuestra cultura.

La ideología dominante se basa en la categoría de la identidad, Y está presente, no sólo en los proyectos que tienen a conversar y reproducir las actuales relaciones sociales, sino también en los que se proponen modificarlas o sustituirlas. **El dominio de la identidad es tal que toda forma de reivindicación se basa en la identificación:** tener los mismos derechos de los que mandan, las idénticas oportunidades, la idéntica vida, la idéntica felicidad de quien ostenta el poder. Todo ello crea un universo comunicativo, en el que todo lo más son posibles alternativas, pero en el que el mecanismo de la identificación, de la homologación excluye cualquier alteridad (Ponzio, 1998, p. 13 – os grifos são meus).

A alteridade, portanto, desde suas manifestações macro-políticas afeta as subjetividades das relações interpessoais. A palavra é capaz de transparecer a alteridade²⁵,

²⁵ A natureza dos discursos circulados na mídia brasileira nos últimos anos demonstra uma tendência a reconhecer na alteridade uma fonte de diálogo de culturas, embora ainda concentrados os diálogos estão em dois pontos: a economia e a política. Por exemplo, no Caderno Mundo da *FSP*, os assuntos e temas são todos relacionados a esses dois pontos (economia e política) sintomáticos. Não há nenhuma seção no jornal para Caderno Latino-americano, Caderno Regional Sul-americano, ou Caderno do Mercosul. A América Latina está posta na seção Mundo, propositadamente há uma certa distância das relações cotidianas brasileiras. Poucas ocorrências envolvendo o signo América Latina aparecem na primeira página ou nos cadernos de Opinião e Debate da *FSP*, as exceções são assuntos que feriram a ordem política internacional, como a crise

ela é em si a manifestação maior da alteridade na formação do ser, pois é empregada para estabelecer a ponte de comunicação com o Outro; e do Outro com o Eu. A revolução bakhtiniana que coloca o ponto de referência no Outro e não no Eu, rompe com a simplória tentativa de identificação, e esta é a categoria que dá bases às ideologias dominantes.

Sendo assim, estudos na filosofia da linguagem devem definir melhor a dialogia da alteridade dentro da categoria da palavra. Justamente por que “A palavra atravessa toda a estrutura social e se dá em todas as relações sociais, o que Bakhtin chama de ‘ubiquidade social’ do signo lingüístico” (Miotello, 2001, p. 121). Este caráter do signo projeta-se em muitos campos de estudo, ainda mais no da filosofia da linguagem que engloba as discussões em quase todas as áreas de estudos humanos.

De acordo com Bakhtin (1979, p. 31): “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo”; assim o externo, em um contínuo processo de interação com o interno do homem, é provocado pela materialidade dos discursos, pela discursividade, de modo que os discursos propõem as mudanças no âmbito social. Mas uma ideologia nova que nasce do interior das práticas sociais exige um *sujeito novo*, fundado na alteridade e constituído pela linguagem em uso.

Bakhtinianamente, esse seria o processo que se deveria utilizar para estudar a materialidade histórica (dialógica) e as construções materiais de onde o sujeito está, como fatores constituidores dele mesmo. Tal processo também transforma as condições materiais, complementando assim o processo de diálogo, isto é, o material entra no

do gás em maio de 2006 ou disputas diplomáticas em torno do mercosul ou ALCA. Mesmo assim é possível ler que a alteridade latino-americana começa a ser trabalhada com maior frequência na *FSP*, pressionada pelo aumento qualitativo das discussões sobre o tema em outros meios midiáticos e sociais (como exemplo, temos a agência Carta Maior que se apresenta como um espaço alternativo para os discursos da *FSP*). Parece que o Outro dialógico do brasileiro nos últimos anos tornou-se também a América Latina, observada agora como constituidora e complementar, embora discursos ainda insistam em não nos aproximar na *FSP*, ao contrário dos da *CM*.

humano, no sujeito, na ideologia e na sociedade através da linguagem (do discurso e atividades humanas), e vice-versa. É a humanização do objeto²⁶.

Surgiria, então, a subjetividade, a consciência individual que em embates com as forças dominantes produziriam a ideologia, segundo Marx e Engels. Mas a subjetividade estaria incompleta sem a alteridade, sem a interação do Eu com o Outro. Não haveria o mundo como o vemos hoje, ou vemos em nossas memórias de futuro. Não haveria as conhecidas criações humanas e construções históricas de que temos relato.

Apesar dessas criações/construções humanas em nossos milhares de anos, atualmente os sistemas político-econômicos elidem nossa necessidade absoluta do Outro, em favor da manutenção de hegemonias e imperialismos (ainda mais na América latina). Formula-se, assim, uma necessidade artificial: a necessidade ‘absoluta’ de dominar o Outro.

Vemos mesmo manifestações artísticas na América Latina sendo conduzidas por interesses financeiros e particulares das elites; conseqüentemente as culturas vão sendo formatadas, apagadas e esquecidas em favorecimento de poucos. Com isso, a língua também reflete os abusos cometidos pelas atividades humanas que desconsidera o Outro como parte integrante e *inter-agente* da construção do Eu, de sua subjetividade, e de sua identidade. A máquina hegemônica desconstrói universos para estabelecer novos mundos, um velho/novo mundo monológico. Resultando desses processos a corrupção e erosão de culturas e povos inteiros em todos os continentes, mais claro ainda na América, em sua heteróclita e rica porção latina.

²⁶ Pensamento que vai ao encontro dos estudos do GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso -que propõe a inversão dos sentidos das ciências, colocando o sujeito no centro, no lugar do objeto. A busca do GEGE é por uma humanística gegeliana que estude o humano do homem e em suas manifestação com a língua. Miotello... [et al]. Veredas Bakhtinianas – De Objetos a Sujeitos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

É preciso que diferenças existam e que se relacionem, mas é também preciso que se mantenham diferentes, pois é a distância entre opostos, seu potencial de diferença, que constitui o mundo. Pode se ver, no mito *oiampi*, esse necessário afastamento lógico expresso em termos espaciais: foi preciso empurrar o céu, diferenciando-o da terra, e é nesse espaço diferencial que se instala a alternância entre opostos (...) Os mitos ameríndios de gêmeos fazendo diferença, e da multiplicação de diferenças, o eixo de sua reflexão. Não é dialética, pois não há síntese, mas alternância constante, movimento recíproco em que o afastamento diferencial, longe de ser anulado, é intensificado, multiplicado, repostado. A ideologia bipartite dos ameríndios afirma a diferença como essencial e fundante, mola do universo e força geradora, sob as suas formas (Perrone-Moisés, 2006, p. 254-255).

Obviamente necessitamos da existência das diferenças, para estabelecermo-nos como alteridades. Mas esta leitura só se tornou possível a partir de uma ruptura da identidade como categoria ideológica, através da leitura descontínua da realidade histórica que possivelmente pela óptica da diversidade, aqui representada por Galeano já na década de 70 do século XX; outros relatos procuram atestar a dessemelhança com a Europa em Frei Bartolomeu de Las Casas ou José Martí, ganhando contornos divergentes aos dados pelos relatos históricos dos livros didáticos de história da América Latina.

O uruguaio Eduardo Galeano elucida as explorações às quais submeteram-se os povos de vários países latino-americanos nos cinco séculos de ‘vida’ do continente. Os brasileiros considerados estrangeiros em uma América Latina de fala espanhola. A voz de Eduardo Galeano *exponencia* discursos silenciados e ocultos pelas hegemonias históricas, mas o distanciamento (das outras nações latino-americanas) que se tem do Brasil se fez muito presente durante muito tempo, entretanto, paradoxalmente, o discurso começa a mudar pela própria política econômica que vem sendo implementada com o Mercosul, ALCA (Área de Livre Comércio entre as Américas) e ALBA (América Latina Bolivariana)

e pelo neoliberalismo emergente das últimas três décadas, que são ditados pela hegemonia e se constrói como hegemonia.

É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra (há quatro séculos já existiam dezesseis das vinte cidades latino-americanas mais populosas da atualidade) (Galeano, 1970, p.14).

O Império (Hardt & Negri, 2004) tornou-se hegemônico no século XX se apresentando assustador e monstruoso, se propondo matar sonhos e vontades, roubar a lua e o sol, os mitos ameríndios, sem que pudessem gritar, roubando até o grito, elidindo os nomes latino-americanos, endereços, alteridades, subjetividades. Afinal são os latino-americanos os perdedores desse jogo inventado por eles-outros, arbitrado por eles-outros, manipulado por eles-outros²⁷, “*até perdemos o direito de chamarmo-nos Americanos*”. As trocas de metrópoles estrangeiras e suas cadeias de dependências sucessivas são o mais puro envolvimento à engrenagem universal do capitalismo que na América Latina se

²⁷ Eles-Outros aparece aqui em uma perspectiva hegeliana, em uma dialética que promove apenas a síntese consensual entre os opostos, ser e não-ser, tese e antítese. Eles-Outros se apresenta distante de uma forma de pensar dialogicamente, aparecem situados em um lugar estanque, combativo e inimigo, entretanto desconsiderando a contrapalavra, a resposta e a interação. A história não é mais assim, não pode ser mais assim se quisermos construir uma dialogia da ideologia bipartite, ou uma dialogia da alteridade.

perpetuou nos últimos 500 anos. Porém, os princípios de dialogia e de alteridade podem romper o gesto de leitura dos últimos 500 anos para os próximos.

A fim de respeitar a heterogeneidade, a unidade diversificada de sistemas e temporalidades dessa nossa América Latina, seria importante propor o reconhecimento do Outro como fundante e formador do cotidiano das individualidades em suas relações materiais e sociais. A alteridade promove a realidade, o jogo social, a construção contínua e ininterrupta da atividade humana – *perpetuum mobile* – e conduzindo o humano do homem, segundo seus sonhos - ‘memória de futuro’- ao ‘por-vir’, ao concreto ‘presente – futuro’ ou ‘futuro-presente’.

[...] temos uma necessidade absoluta do Outro, do jogo social. Fechar-se ao Outro é decretar a morte dos sentidos; é quebrar a corrente comunicativa que deve ser ininterrupta; é expulsar de dentro do Eu o mundo, expulsando-se com ele, é assujeitar-se (Miotello, 2004, p. 71).

Quebrada a corrente comunicativa, que deve ser ininterrupta, rompidos estarão os sonhos. O futuro não mais caminhará para o presente, não estará contido no presente e nem o presente o vislumbrará. A alteridade afeta e liberta a subjetividade humana das amarras das ordens de mercado e das ordens discursivas; o contato com o Outro torna o sujeito múltiplo²⁸. A desordem dos discursos afeta a concretude da materialidade histórica de

²⁸ Interessante o que os estudos de Marandin conjuntamente com o grupo de Pêcheux através de leituras obviamente Foucaultianas e Bakhtinianas (Materialidades Discursivas, Presses Universitaires de Lille, 1981) afirmam sobre o sujeito na lingüística, o sujeito para Marandin se constrói em uma dispersão de enunciados da qual, ele é o elemento unificador, sem, entretanto introduzir a homogeneidade no interior da heterogeneidade. O sujeito se instala nos dispositivos do arquivo (Foucault, 1969) – espaço, não institucionais, mas historicamente comprovados pela diversidade do arquivo - e intervém no exato momento em que algo é enunciado relatado, categorizado, conceituado. Vale lembrar que, Fernando Pessoa já havia detectado e apresentado à multiplicidade no sujeito, através de seus memoráveis heterônimos. As ciências demoram um pouco para se revitalizarem na literatura, mas quando o fazem andamos mais rumo às condições específicas de produção cronotópicas de cada sociedade e conseqüentemente às condições

forma histórica e social, e não mais idealista e abstrata, fazendo parte daquilo que Ponzio (1998) chama de revolução bakhtiniana, que nos trouxe a dialogia da alteridade.

La revolución bajtiniana consiste en volver a proponer - y además como condición de posibilidad concreta objetiva, material, histórica-social, y no abstracta, utópica – la dialogía de una diferencia que, por su constitución, está imposibilitada a ser indiferente respecto al otro (Ponzio, 1998, p.15).

É preciso pensar a dialogia da alteridade nos fatos cotidianos que se fazem na AL, e ver o movimento das forças que insistem em resistir em seu corpo social. Os fatos discursivos estão percorrendo o mundo, é preciso observá-los.

Narcotráfico é maior desafio para novo presidente²⁹

CIDADE DO MÉXICO – (...) Durante os últimos meses, enquanto os candidatos presidenciais embarcavam no último trecho da campanha rumo às eleições de domingo (2), os poderosos cartéis travavam uma guerra surda entre si e contra as forças de segurança, deixando estupefata a opinião pública, que majoritariamente considera a insegurança pública como um problema central para a futura administração, já que a atual não conseguiu mitigar o problema. Ou seja, segundo uma recente pesquisa de opinião da Secretaria de governo, para a maioria dos mexicanos, Vicente Fox “está perdendo a luta contra o narcotráfico”.

Segundo o jornalista Darío Fritz, especializado no crime organizado, porém, as propostas dos principais candidatos, Andrés Manuel López Obrador, Felipe Calderón e Roberto Madrazo, não abordam o tema com o rigor necessário. “Os três tocam no assunto muito superficialmente. O que eles têm feito é falar em endurecimento da repressão e que darão maior participação ao Exército nesta briga. Mas só falaram generalidades”, apesar de Lopez Obrador, do cento-esquerdista PRD, Calderón Hinojosa, do conservador PAN, e Madrazo, do centrodireitista PRI, terem se comprometido publicamente com a ONG México Unido Contra a Delinqüência, de atacar o problema desde o primeiro dia de mandato.

López Obrador prometeu convocar as Forças Armadas para reprimir o narcotráfico se for necessário, mas advertiu que esta seria uma solução extrema. Sua prioridade será sanear a polícia e purgar os elementos corruptos dos presídios de segurança máxima, como o de La Palma, onde impera o poder de Osiel Cárdenas Guillén e

humanas do homem de cada atualidade discursiva. Basta saber ouvir que a poesia pode romper a trivialidade do mundo.

²⁹ Data: 30/06/2006. Carta Maior. Autor: Pablo Velázquez. Título: Narcotráfico é maior desafio para novo presidente.

Benjamín Arellano Félix, chefes dos quartéis do Golfo (do México) y Tijuana.

Mesmo assim, diz o perredista, não há solução estrutural sem atacar os problemas sociais. Milhares de jovens desempregados acabaram, nos últimos anos, no pequeno comércio de drogas, o “narcomenudeo”, que tem crescido exponencialmente nos grandes centros urbanos, como Cidade do México, com 5 mil pontos de venda, grande parte nos bairros mais violentos como Tepito e Iztapalapa. O alvo são jovens de classe média e média-baixa, partes da estratégia de mercado do narcotráfico para ampliar uma demanda que já vem crescendo depois de 11 de setembro de 2001, com o acirramento do controle na fronteira com os EUA (...) De acordo com o pesquisador Dario Fritz, o Estado mexicano carece de quadros competentes para enfrentar o flagelo do crime organizado, ao mesmo tempo em que avança a corrupção dos agentes encarregados da segurança nas fronteiras e rodovias. E agrega: faz anos o narcotráfico se infiltrou nos partidos políticos; como por exemplo o ex-governador de Quintana Roo, Mario Villanueva, do PRI, atualmente preso e condenado como traficante. Villanueva chegou a usar o jatinho oficial para transportar cocaína procedente da Colômbia. “Mas a proximidade com o crime é algo que também ocorre no PAN, vários governadores do Norte teriam vinculações, em algum grau, com essas organizações”, diz Fritz.

Em todo caso, não existem elementos para afirmar que, nas eleições do próximo domingo, as sete maiores organizações mafiosas do país apostem organicamente em um candidato. Mesmo porque foi declarada no ano passado uma guerra entre as facções pelo controle das principais rotas de transporte das drogas ao mercado americano.

“COLOMBIANIZAÇÃO”

Uma das vias em disputa pelos diferentes grupos do narcotráfico é a do Golfo da Califórnia, onde existem dezenas de “narcoilhas” cobiçadas pelas lanchas de alta velocidade e pelos jatinhos ilegais, que ali contam com pistas clandestinas.

O “capo” do Cartel de Sinaloa, na costa do Pacífico, Joaquin “el Chapo” Guzmán, ambiciona as praças do Golfo e de Tijuana, cujos líderes estão presos. Para os especialistas, Guzmán é uma prova da “colombianização” dos gangsters mexicanos, fortalecidos na última década com o eclipse dos cartéis de Medellín e Cali. A partir de então, a articulação com o emergente Cartel del Valle del Norte colombiano permitiu a Guzmán saltar de transportador a distribuidor e comerciante nos EUA. Com isso cresceu também o seu poder econômico e militar, que derivou de uma nova correlação de forças que está sendo dirimida neste momento em Tijuana, Nuevo Laredo, Acapulco e Matamoros.

Nesse quadro de “colombianização” que dá ao narcotráfico o status de um virtual Estado paralelo, se inscreve a incorporação de novos exércitos irregulares aos já existentes, como os temíveis “Zetas” no estado de Tamaulipas. A imprensa local especula que sicários procedentes de gangues juvenis seriam responsáveis por algumas das recentes decapitações. Se trata de uma “irmandade” com mais de 100 mil membros disseminados na América Central e nos EUA desde os anos 1980. Ao final dos 90, um braço da organização penetrou no México, onde atua no tráfico de seres humanos e drogas, e controla várias penitenciárias.

Finalmente, a gradual “colombianização” do mercado de cocaína mexicano, que tem fortalecido o poder criminoso privado dos grandes traficantes, debilita extremamente o poder público, as instituições democráticas e a capacidade de manobra internacional do futuro governo mexicano, especialmente se vencer Lopez Obrador. É verossímil supor que toda iniciativa de autonomia de Washington, ensaiada pelo candidato, terá como resposta fortes pressões na agenda de luta contra o narcotráfico, área em que o departamento anti-drogas dos EUA (DEA) tem adquirido

atribuições extraordinárias no território mexicano, concedidas pelo presidente Vicente Fox.

Embora pareça que os temas no globo sejam os mesmos, nas relações eles se fazem diferentes. O narcotráfico no México aparece como forte núcleo político: já que é consultado e tem peso nas eleições presidenciais, ou mesmo aparecendo como Estado Paralelo. Há semelhanças com o narcotráfico na Colômbia, há até um intercâmbio de informações e técnicas da organização das forças entre os países. Esses diálogos da política com os grupos do narcotráfico está cada dia mais freqüente no interior das sociedades na atualidade. Os narcotraficantes tentam suprir carências deixadas pelo Estado em comunidades ditas marginais, e esquecidas. Surgem os Estados Paralelos, que no Brasil, no México e na Colômbia já perduram como cultura e história das sociedades. O narcotráfico é um tema recorrente na AL, porém precisa ser visto também pela óptica da resistência aos regimes ditos democráticos, e que deixam tais grupos armados se constituírem como poder. As relações de poder na AL são outras, que não se cabem medir pelo metro de países desenvolvidos. É preciso obedecer o ritmo próprio, antes de ouvir ou seguir os discursos alheios de *logos eupropeu*.

Capítulo Terceiro

Arena de diálogo com Rancière: Dissenso

“[...] Todas as linguagens são, com efeito, produtos híbridos.[...] O que é relevante- acredito que para os estudos científicos na lingüística - são antes os deslocamentos semânticos e condensações simbólicas violentamente impostos sob os signos e as armas do colonizador e do pós-colonizador. E o importante, do ponto de vista poético e político, é descobrir as resistências e subversões gramaticais que atravessam a história da colonização simbólica das linguagens e das culturas colonizadas[...].”

(Eduardo Subirat)

3.1. A crise da racionalidade e a atualidade litigiosa da filosofia de Rancière

“[...] o dano não é simplesmente a luta de classes.”
Rancière, O Desentendimento.

Pensar a atualidade passa por territórios tangíveis, textuais, extra-textuais e dialógicos para os inúmeros campos teóricos, relacionados à linguagem como a filosofia, a política, a filosofia política, a sociologia e mesmo a física, que se utilizam tanto da linguagem quanto qualquer outra atividade científica e humana, e seus códigos para estabelecer relações entre as partes interlocutoras, principalmente a partir do último século (século XX), em que a física ganhou contornos probabilísticos, quânticos e relativistas. Contornos muito influentes para as teorias da linguagem, por exemplo, Bakhtin com seu conceito cronotópico aproxima-se muito da teoria da relatividade de Einstein; claro que guardadas suas proporções e execuções em seus respectivos campos de trabalho e pesquisa.

Na filosofia política dos últimos anos, uma teoria nos chama especial atenção: a teoria litigiosa de Jacques Rancière (1996 e 1999), com sua política do Dissenso, que vê em toda atividade humana o desentendimento como motor da história política. Quebrando com isso o paradigma do *consensualismo*, da lógica pura, da racionalidade indelével instaurada por teorias estruturalistas e funcionalistas dos últimos dois séculos, introduzindo assim o litígio natural das relações perenes em dissenso. Rancière aproxima-se em grande medida daquilo que Bakhtin havia apresentado pela filosofia da linguagem e pela lingüística, já que contamina o ar com embates, com jogos de interesses dialógicos nas arenas de lutas de classes e conflitos humanos, convencendo-nos da luta em torno de cada signo, cada palavra por cada ideologia. É possível afirmar, estabelecendo paralelos entre as

teorias que Rancière está muito relacionado com a filosofia da linguagem de Bakhtin - digo isso em respeito ao papel central que tem a palavra na filosofia política de Rancière e o modo litigioso da manifestação política.

A luta de classes não está ‘sob’ a política. [...] A luta de classes, o cômputo polêmico enquanto um todo dos que são nada, é a própria política. A divisão do sensível pertence à definição mesma da política como modo específico da ação humana. O cômputo enquanto um todo dos que não são nada define uma comunidade que só pode ser uma comunidade do litígio (Rancière, 1999, p.371).

A litigiosa teoria de Rancière apresenta-nos a crise da racionalidade. Abre futuros para teorizações perenes de humano do homem, como a de Bakhtin. O universo humanista é um fantasma bem-vindo que circula os campos teóricos da pós-modernidade. Fantasmagoricamente, Rancière irrompe o estruturalismo forçado dos racionalistas com a apresentação de três paradoxos da atualidade política, que dela se pautaria na racionalidade política como consenso, gerando conseqüentemente o que chamamos de democracia. Rancière crítica o *consensualismo* nos seus três paradoxos, segundo ele:

- 1) O consenso cria a idéia de uma necessidade objetiva, um tipo de totalitarismo, em que não nos deixa soluções alternativas; não há soluções alternativas; ou ao menos não aparecem em favor do consenso ditado pela necessidade de capital que nutre as relações dos corpos na sociedade do capitalismo financeiro. “*Sob o termo consenso a democracia é concebida como o regime puro da necessidade econômica*” (Rancière, 1999, p. 367). Paradoxo gravíssimo este primeiro, já que nos propõe apagamentos e *silenciamentos* em detrimento da ordem do capital e da política da igualdade, pautadas nas gastas idéias de pureza, verdade

e unicidade. Surge, portanto, neste primeiro paradoxo uma máxima: regimes puros destroem a dinâmica dialógica da atualidade!

2) Já o segundo paradoxo é no mínimo sintomático para uma leitura de nosso tempo. Pois, é paradoxal vermos surgir em meio à *filosofia da necessidade* uma *filosofia política* que motive o retorno do ator político, um tipo de ator racional que tem pouco a discutir e muito a celebrar e demonstrar. “*Quanto menos coisas há a discutir, mais se celebra a ética da discussão, da razão comunicativa, como fundamento da política*” (Rancière, 1999, p. 367). Temos aí uma segunda máxima: a liberdade de discursos nos regimes pós-modernos é bem delimitada!

3) Em um momento de celebração dos espaços supranacionais, globalizados e mundializados abrem-se margens para paradoxos brutais como racismos, xenofobias, conflitos étnicos e religiosos. Há, portanto, a ruptura clara entre a razão modernista e a velha irracionalidade da lei do sangue – ou, arcaísmo radical. “*Há uma solidariedade entre a razão política e o irracional*” (Rancière, 1999, p. 368). Então temos uma terceira máxima: a identidade ainda quer se construir longe da alteridade!

EUA querem que o Brasil pressione Cuba (...) ³⁰

O governo norte-americano vê no recente afastamento de Fidel Castro do comando do regime cubano uma oportunidade para a transição democrática e quer o envolvimento do governo brasileiro e do PT no processo, afirmou ontem o secretário-adjunto de Estado para Assuntos Latino-Americanos, Thomas Shannon. "O Brasil, tanto no nível governamental quanto de partidos políticos,

³⁰ Caderno Mundo *FSP*. Sexta-feira, 18 de agosto de 2006. Fabiano Maisonave da reportagem local. Título da reportagem: EUA querem que o Brasil pressione Cuba por abertura Responsável por América Latina e no Departamento de Estado nega intervenção Thomas Shannon defende embargo econômico sobre Havana e diz que aliança entre Chávez e Fidel "não preocupa" Washington.

tem relações com Cuba que podem ser importantes e muito úteis neste momento", disse Shannon, em alusão ao partido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Vamos continuar nossas consultas para assegurar que EUA e Brasil atuem de forma complementar, refletindo nossos valores políticos e agenda em comum." As declarações de Shannon foram feitas de Washington durante uma entrevista coletiva por teleconferência com jornalistas brasileiros, da qual a Folha participou, no Consulado dos EUA em São Paulo. Anteontem, o diplomata americano utilizou o mesmo formato com jornalistas argentinos. Segundo o consulado, Shannon também conversaria com meios de comunicação da Colômbia e da Espanha. Antes das perguntas, Shannon falou da avaliação de Washington sobre o afastamento do ditador, que acaba de completar 80 anos, por problemas de saúde no último dia 31. "O que veremos é um arranjo de divisão de poder entre um pequeno número de indivíduos que representam o Partido Comunista, as Forças Armadas e outros aspectos do Estado totalitário."

Essa é uma transferência de poder lenta e delicada porque Castro ainda está vivo", apesar de, segundo Shannon, ele ter "cada vez menos habilidade para lidar com as operações diárias do governo cubano".

Envolvimento externo

O funcionário do governo de George W. Bush defendeu que, neste momento, "é importante que a comunidade internacional, tanto publicamente quanto de forma privada, envie mensagens fortes para o regime de que esta é a hora para uma transição para a democracia". Shannon deu a entender ainda que os EUA não farão nenhum tipo de intervenção direta em Cuba. "Quero ressaltar que uma transição para a democracia em Cuba tem de ser uma transição cubana. Soluções políticas para Cuba não podem ser impostas de fora para que sejam duradouras e bem-sucedidas. O povo lidera, embora regimes totalitários não queiram deixar o poder." As declarações divergem do objetivo declarado da Comissão de Assistência para uma Cuba Livre, criada pelo governo Bush para "acelerar a derrocada da tirania de Castro", na definição da secretária de Estado, Condoleezza Rice.

Questionado sobre qual seria o papel dessa comissão após a morte de Fidel, Shannon disse que se limitará a "preparar o governo americano para ajudar Cuba em sua transição para a democracia e a dar ajuda específica, se solicitada por um governo cubano em transição". O diplomata também minimizou a histórica divergência entre os EUA e outros países, como o Brasil, por conta do embargo econômico sobre Cuba. "Reconhecemos e entendemos que há muita discordância. Nosso argumento é que é importante negar recursos ao regime. Mas, em última instância, o importante é que o governo Bush tem focado sua política na promoção de uma transição para democracia", afirmou. Shannon, ao ser questionado sobre o Brasil, disse ainda que os dois governos "compartilham o objetivo de uma Cuba independente e democrática que possa se integrar no sistema interamericano".

Chávez "irrelevante"

Questionado sobre se o papel da Venezuela na transição cubana preocupa os EUA, Shannon disse ter "esperança" de que Hugo Chávez "reconheça que pode usar suas relações com o regime cubano para achar um caminho para promover uma transição bem-sucedida para a democracia, e não se deixe cair na armadilha de apoiar um regime totalitário".

"Chávez participa algumas vezes dessa agenda [democrática], outras vezes, não. Quando ele quer participar dessa agenda maior, é bem-vindo. Quando não quer participar, se torna irrelevante", afirmou.

Os três paradoxos de Rancière estão revelados em variadas reportagens do gênero notícia da *FSP*; na "EUA querem que o Brasil pressione Cuba por abertura" a análise da ocorrência dos paradoxos demonstra-se logo no título. 1) o primeiro paradoxo trabalha a idéia do consenso como forma totalitária, fechada a soluções alternativas (representadas

por Cuba ou Venezuela); consenso forçoso guiado pela ordem do capital e de uma política da igualdade capitalista neoliberal para todos (guiada pela economia estadunidense), mascarada pelo termo democracia. 2) o segundo paradoxo está na utilização de atores políticos em um momento em que pouco se discutem alternativas, após a queda do muro de Berlim, após a guerra fria; a liberdade ficou delimitada pela força das armas e políticas neoliberais. 3) A existência de espaços supranacionais que nada fazem para combater a antiética mundial. É um paradoxo enorme. A ONU de nada serviu para frear as intervenções militares no Afeganistão (2002) e no Iraque (2003) e Líbano (2006); o Brasil aparece na reportagem como o ator político convidado a espaços supranacionais com o papel diplomático para pressionar outros países latino-americanos a mergulharem no consenso da ordem do capital dos bancos mundiais. Ainda mais quando as alternativas aparecem silenciadas por enunciados como nos subtítulos: “Chávez ‘irrelevante’” ou “[...]aliança entre Chávez e Fidel ‘não preocupa’ Washington.” Aí, neste terceiro paradoxo temos a tentativa de apagar o dissenso pelo força dos discurso de identidade, que diz que, ou o Brasil entra no jogo que enuncia o mesmo , que enuncia o consenso, ou se torna “irrelevante” como seus vizinhos.

O consenso que aparece com face de monstro pelas palavras de Rancière, e seus três paradoxos da atualidade política é o esquecimento do meio de racionalidade próprio à política. O esquecimento da real natureza política, da racionalidade *dissensual*. “O consenso é a supressão da política” (Rancière, 1999, p.379). Sendo assim o dissenso é a verdadeira natureza da política, pois faz viver o antagonismo social, o conflito de opiniões e a multiplicidade de culturas valorizando a diferença e o embate. O dissenso é a divisão no núcleo do mundo sensível que institui a política e sua racionalidade própria. É a divisão

do mundo sensível em seu núcleo racional³¹. Levando Rancière à seguinte hipótese: a racionalidade política é a de um mundo tornado comum pela própria divisão.

A crítica ao consenso da racionalidade política em Rancière chega às bases clássicas de Aristóteles na Antiguidade e Hobbes na Modernidade, que em ambos os modelos de política resumem-se em reunião de indivíduos ligados entre si (família, tribo, grupo social, entre outros) a fim de assegurar sua conservação. No primeiro filósofo, aparece o mito do animal político, e no segundo, o do contrato que põe fim a luta entre homens – lobos. As duas concepções não servirão a Rancière, como já foi dito, pois política para ele é um recorte de mundo sensível que se opõe a outro mundo sensível. “O dissenso: ou seja, a ruptura nas formas sensíveis da comunidade” (Rancière, 1999, p. 370).

As rupturas ocorrem “a olhos vistos”. Ocorrem na realidade, pautadas nos discursos da filosofia política clássica em Platão e Aristóteles, já que no primeiro as leis e os títulos legitimam a governabilidade, estabelecendo um par de opostos (governantes – os das ciências, e governados – os ignorantes), e apresenta-se no segundo através de uma

³¹ Nota-se a referência a um novo pensamento humanista (um fantasma humanista), no conceito *mundo sensível*. Pois não há muitos objetos do mundo exterior que não tenham sido interpretados, calculados, sentidos e significados pelo subjetivo do homem (diria que não são muitos os paraísos perdidos ainda existentes). Complementando, os signos são de natureza sócio-interacionista e por isso, sócio-ideológica; ou melhor, em Bakhtin (1929, p.33) “*um signo é um fenômeno do mundo exterior*”. O mundo sensível depende da divisão racional para estabelecer o consenso (e esta é a parte triste!), contudo é promotor também do dissenso, do litígio, do desentendimento, do refratar, da metáfora e da polissemia (e esta é a poesia da tristeza!). No mundo sensível cindido pelo racional o signo torna-se arena de lutas, porque todo signo está sujeito ao confronto; por estar sujeito a ataques de ideologias. Notemos, mais em meio aos conceitos, que as ciências não podem deixar escapar às análises o *humano do homem* e a concepção de *homo sapiens-demens* de Edgar Morin (1997), que coloca o humano em um jogo dialógico de razão e loucura, consciência e demência, siso e sensibilidade. Atestando o sensível no núcleo racional, e vice e versa. Mas surge uma pergunta: como a linguagem pode revelar esse jogo dialógico do racional com o sensível? A linguagem é esse jogo duplo, ou melhor, jogo múltiplo, uma espécie de razão sensível ou sensibilidade racional, pois brota de uma lógica sentida pelo humano a cada interação. “*Há um logos do mundo sensível e um espírito selvagem que animam a linguagem; a comunicação no invisível dá continuidade àquilo que é instituído pela comunicação no visível.*” (Adauto Novaes, A lógica atormentada. In: A Crise da Razão. Cia das Letras. São Paulo. 1999). O jogo dialógico consoma-se além de jogos duplos, a dialogia consoma-se além da dialética, Fernando Pessoa com seus heterônimos já havia transcendido o certo/errado mecanicista com seu “eu” múltiplo póstumo a Nietzsche e contemporâneo a Bakhtin, Einstein e Freud. A literatura de Fernando Pessoa traz a razão sensível para o interior das ciências, basta saber sentir com o pensamento, “*o que em mim sente está pensando*” (Alberto Caeiro).

enunciação contraditória e de contrários “cidadão é aquele que participa do ato de **governar** e do de **ser governado**” (Aristóteles no Livro III da Política; os grifos são meus). Governar, portanto, estabelece-se em Platão e Aristóteles por nobreza, competência, consideração ou riqueza como adjetivos de classes. O modo de quebra litigiosa dessa filosofia política clássica seria, em Rancière, pelo dissenso. Como ruptura radical de toda lógica da dominação legítima, sendo o litígio o *habitat* natural próprio da política.

Entretanto o conceito mais perturbador às consciências tranqüilas do mundo levantado por Rancière confunde-se com ordenador, chamado de polícia em oposição à política do litígio.

Já que “a política não advém naturalmente nas sociedades humanas. Advém como um desvio extraordinário, um acaso ou uma violência em relação ao curso ordinário das coisas, ao jogo normal da dominação” (Rancière, 1999, p. 371), então as sociedades precisariam de um órgão regulador da desordem causada pela política, uma estrutura que ordene o desvio extraordinário da política, um sistema que transforme o dialógico em monológico, como em Bakhtin o estável tentando reter a fecundidade irreprimível da instabilidade.

Dessa tentativa Rancière traz uma hipótese assustadora ao discurso político racionalista, já que chama de polícia o que desastrosamente chamamos (chamávamos) de política:

Minha hipótese supõe uma reformulação do conceito de política em relação às noções habitualmente aceitas. Estas designam com a palavra política o conjunto dos processos pelos quais se operam a agressão e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes e a gestão das populações, a distribuição dos lugares e das funções e os sistemas de

legitimação dessa distribuição. Proponho dar a esse conjunto de processos um outro nome. Proponho chamá-lo polícia (Ibid., p. 372).

Propõe uma racionalidade nova e uma nova noção de política, já que o conjunto dos processos pelos quais operam o consentimento como fim e estabelece a ordem e a distribuição sensível dos corpos é denominado por ele como polícia (colocado em um sentido neutro, não pejorativo, em que o termo é ampliado para o sentido de ordenador e distribuidor da ordem). Inusitadamente a política apresenta-se agora como um conjunto de atividades (de pressuposições heterogêneas) que perturbam a ordem da polícia.

Instaura-se aí a polêmica do cômputo dos não-contados. O movimento polêmico da crise promotora do litígio entre potenciais sujeitos. Os sujeitos políticos são potências de enunciação e de manifestação do litígio que se inscrevem como algo além do cômputo. Existe política para Rancière porque aqueles que não têm direito de ser contados como seres falantes, (desde as organizações da democracia clássica em que os não-escravos, as não-mulheres, não-crianças é que tinham direito à voz e voto, portanto podiam falar) conseguem ser contados e instituem uma comunidade pelo fato de colocarem em comum o dano.

Se a política começa com o cômputo litigioso dos não-contados, isso implica que os sujeitos políticos em geral só existem por sua distinção em relação a qualquer grupo social, a qualquer parte da sociedade ou função do corpo social. O que os constrói é o próprio litígio. Os sujeitos políticos são potências de enunciação e de manifestação do litígio que se inscrevem como algo a mais, algo sobreposto, em relação a qualquer composição do corpo social (Rancière, 1999, p. 377).

Se em Bakhtin faz-se uma crítica análise sociológica das relações entre as ideologias (oficial e “não-oficial” ou cotidiana) em seus estudos literários, lingüísticos e de

filosofia da linguagem, em Rancière o estudo da filosofia política instaura-se na luta por termos, na luta pela palavra e pela fala como maneiras de serem contados os não-contados. A teoria litigiosa de Rancière também trata de uma crítica sociológica pelo viés da linguagem, pelo conflito em torno do direito de fala. “Há política se a comunidade de capacidade argumentativa e da capacidade metafórica são, a qualquer hora e pela ação de qualquer um, passível de ocorrer” (ib., 1996, p. 70), gerando assim o dano como simples modo de subjetivação em que a verificação de igualdade assume figura política. O dano não é computado muitas em favor do consenso. “O consenso suprime todo cômputo dos não-contados, toda parte dos sem-parte.” (ib., 1999, p. 379)

O pensamento consensual representa de forma cômoda (..)a exclusão na relação simples de um dentro e de um fora. Mas o que está em jogo, sob o nome de exclusão não é só o estar-fora. É o modo da divisão segundo a qual um dentro e um fora podem estar juntos. E a “exclusão” de que se fala hoje é uma forma bem determinada dessa divisão. É a invisibilidade da própria divisão, o apagamento das marcas que permitem argumentos num dispositivo político de subjetivação da relação da comunidade e da não-comunidade”(ib.,1996, p.117).

Essa invisibilidade da própria divisão da exclusão são efeitos dos silenciamentos e apagamentos discursivos no interior das dinâmicas interações em torno do signo “América Latina”. E exclusão é matéria-prima dos ambientes sociais em toda América Latina; falar de excluídos latino-americanos é colocar um dado indentitário aos nossos olhos; os grupos indígenas não dizimados pela colonização buscam hoje a inclusão no sistema de ordens das sociedades ditas democráticas na latino-américa. A eleição de Evo Morales exemplifica o dano institucionalizado, por ser um índio a conquistar o cargo de primeiro mandatário do governo boliviano; Morales subiu ao cargo como simbólico representante das dezenas de tribos indígenas. Evo é um índio Aymara aliado dos cocaleiros bolivianos, por isso é um

dano à ordem, por ser duplamente não-contado (índio e cocaleiro). Fatos interligados que apareceram em evidência na mídia.

Morales é eleito presidente em 1º turno³²

Projeções de apuração divulgadas ontem à noite mostram que, com 60% das urnas apuradas, o candidato socialista à Presidência da Bolívia Evo Morales recebeu surpreendentes 50,5% dos votos, o que lhe assegura uma convincente vitória logo no primeiro turno, fato inédito na história recente da Bolívia.

O segundo colocado, o direitista Jorge "Tuto" Quiroga, do partido Podemos, que aparece com 31,6% dos votos, admitiu a derrota ontem às 21h locais. "Felicito publicamente a Evo Morales e a seu vice, Álvaro Garcia Linera, pelos resultados eleitorais." O terceiro colocado nas eleições, Samuel Doria Medina, disse que "Morales terá o mandato mais claro da história da nossa democracia".

Mesmo sem o resultado final, Morales já conseguiu a maior votação de um candidato a presidente obtida desde a volta da Bolívia à democracia, em 1982. **É a primeira eleição de um indígena ao cargo máximo do país.** Segundo analistas, a tendência é que Morales aumente ainda mais a sua vantagem sobre o segundo colocado, já que a maioria dos votos apurados é das principais cidades, e o candidato socialista leva uma vantagem ainda maior na zona rural, onde vivem cerca de 40% dos bolivianos.

O primeiro líder opositor a admitir a derrota foi José Luis Paredes, governador virtualmente eleito do Departamento de La Paz pelo Podemos. "Morales fez uma campanha bem-sucedida ao se colocar como o líder das mudanças", disse, em entrevista. A votação supera todas as pesquisas de intenção de voto divulgadas na semana passada, que davam a Morales em torno de 34% e até oito pontos percentuais sobre Quiroga. Confirmada a maioria simples, Morales evita que o segundo turno seja realizado de forma indireta no Congresso, como vinha ocorrendo desde 1985. A ampla vantagem, além disso, lhe dá mais força política para enfrentar um Congresso dividido e a oposição do poderoso Departamento de Santa Cruz, onde o socialista perdeu para Quiroga e foco de um forte movimento autonomista com relação a La Paz. Morales votou ontem de manhã em Villa Tunari, na região do Chapare (centro do país), **onde se projetou politicamente como o principal líder dos plantadores de coca bolivianos. "Essa é a hora dos desprezados, dos massacrados, dos esquecidos em 180 anos de história boliviana", disse. "Desafio os EUA a criar uma aliança real contra o narcotráfico", afirmou, rodeado de pequenos agricultores que mascavam folhas de coca, costume tradicional do altiplano boliviano. Morales voltou a prometer a nacionalização das riquezas naturais "não só o gás" e disse que não erradicará a coca, mas "a cocaína e o narcotráfico".**

Admirador de Fidel Castro e Hugo Chávez, disse que **"vamos compartilhar com todos os (governos) antineoliberais, antiimperialistas. É importante ter aliados na América Latina".** (Os grifos são meus)

Evo Morales é definitivamente o dano para o consenso das democracias neoliberais, pois se alia às alternativas (Fidel e Chávez) em meio ao totalitarismo da ordem do capital. O presidente boliviano ao ganhar as eleições já incomoda o comodismo erguido pelos

³² Caderno Mundo da FSP. 19/12/2005. Autor: Fabiano Maisonnave. Enviado especial a La Paz. Título da reportagem: Morales é eleito presidente em 1º turno. Fato inédito na história da Bolívia, vitória de cocaleiro, com 50,5% dos votos, leva um indígena à Presidência.

discursos hegemônicos. “Desafio os EUA a criar uma aliança real contra o narcotráfico.” Pois é fato paradoxal que os EUA são os maiores importadores de cocaína produzida da América Latina, além de serem os principais fornecedores de componentes químicos para a fabricação da droga, fatos que colocam o desafio de Evo Morales mais real que o discurso estadunidense. As alternativas discursivas outrora apagadas se apresentam na figura de Evo Morales, como sujeito político com potencial de enunciação e manifestação de litígio, incluindo entre os contados, mas como discurso outro ao liberalismo. Discurso antiimperialista que busca alianças na América Latina através das memórias imaginárias que envolvem Fidel Castro e Hugo Chávez, a figuras históricas como Che Guevara e Simón Bolívar como bases para um projeto identitário cultural da América latina com fundamento no dissenso, ator e garantidor das diferenças.

3.2 . O ponto nodal do diálogo entre a Filosofia da Linguagem em Bakhtin com a Filosofia Política em Rancière.

“o desentendimento se refere ao que é ser um ser que se serve da palavra para discutir.”

(Rancière, Desentendimento)

“É apenas sob esta condição [mútua influencia do signo e do ser] que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo refração realmente dialético do ser no signo” (Bakhtin, 1929, p.44)

As distâncias entre as filosofias da linguagem de Bakhtin e a filosofia política de Rancière são claras, pela separação do tempo, dos contextos e dos objetos teóricos, porém há pontos de encontro entre a obra de Rancière (1996 e 1999) com a de Bakhtin (1929 e 1979) que aqui dialogam e auxiliam na visada das relações de poder das quais o signo ideológico está embebido, em pelo menos três pontos centrais:

- 1) Tanto para Bakhtin quanto para Rancière a natureza dos valores ideológicos (da palavra, do signo, do dissenso, do litígio) refletem relações de lutas sociais. Tanto no signo quanto na política a natureza é de disputa. As arenas são litigiosas e os conflitos refletem e refratam a luta de classes (no primeiro, entre “Ideologia oficial” e “Ideologia não-oficial”; no segundo, entre “os contados” e os “não-contados”).

“O fim do conflito de classes é uma ilusão. O fim dos “mitos” do povo, a invisibilidade operária, é o não-lugar dos modos de subjetivação que permitiam incluir-se como excluído, contar-se como incontado” (Rancière: 1996, p. 119).

- 2) Há, portanto, em ambos, uma visão aparentemente marxista das relações de poder, porém estas visões revolucionam a visão marxista, já que não se baseiam no materialismo histórico dialético, mas sim em um materialismo histórico dialógico para Bakhtin e no Dissenso para Rancière, em que o progresso (a síntese) não é o único caminho ou fim para os embates. Há em ambas visões uma problemática da *relação recíproca* entre a infra-estrutura e as superestruturas que podem ser esclarecidas pelo material verbal. *“De fato, a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber como a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação”* (Bakhtin, 1929, p.41).
- 3) Tanto para Bakhtin quanto para Rancière a palavra (o signo verbal e ideológico) ocupa lugar de destaque em suas filosofias. Primeiro, por sua ubiqüidade social, em poder penetrar em todas as relações entre indivíduos, sejam elas cotidianas ou de caráter político. Segundo, pelo signo ideológico, a palavra (*logos*) em sua própria existência já instaura o dano, pois é o lugar da correção da nossa animalidade (voz) e da nossa racionalidade (entendida como consenso). *“A destinação supremamente política do homem atesta-se por um indício: a posse do logos, ou seja, da palavra, que manifesta, enquanto a voz apenas indica”* (Rancière, 1996, p.17). Entretanto, por ser a palavra danosa, por ser um filtro individual ou social que reflete interesses e ideologias, é uma “ferramenta imperfeita” capaz de iluminar e cegar os caminhos do homem.

Nas teorias de Rancière (1996 e 1999) e Bakhtin (1929 e 1979), podemos notar a aproximação dos conceitos de signo e dissenso, já que signo aparece como arena das lutas de classe, e dissenso como algo inerente à natureza da manifestação social, sendo o signo a materialização primeira do dissenso político. Sendo assim, o signo aparece como a *célula-mater*, “a arena em miniatura das lutas de classes” (Bakhtin), das relações litigiosas de toda a sociedade, ou seja, no material verbal refletem-se e refratam-se os jogos sociais.

Interessante dizer que o dissenso em Rancière e a luta de classes em Bakhtin não ficam apenas na superfície dos estudos lingüísticos, como no caso de alguns estudos na área da semântica. Os estudos de ambos vão mais fundo na questão da potencialidade do signo, pois vêem no fundo as raízes das relações materiais e da manifestação ideológica: a diferença, a polissemia e a alteridade. Mais abaixo dos valores, dos tons apreciativos, das cargas semânticas estão a natureza dissensual do dizer, já que o dizer é a manifestação primordial da diferença. Falamos *por* desentendimento e não *por* entendimento [pode ser que às vezes *para* um entendimento], já que se todos se entendessem não necessitaríamos nem falar. Por isso a natureza política é o desentendimento, o litígio, o dissenso, pressupostos, subentendidos, não-ditos e os embates ideológicos através do signo verbal.

Por desentendimento entenderemos um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro. O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. (Rancière, 1996, p.11).

O litígio está posto desde a briga por termos, mesmo que os interlocutores estejam no mesmo espaço enunciativo ou *território preciso de comunicação social*; as diferenças entre os interlocutores aparecem na manifestação lingüística de quantos interlocutores estiverem em jogo. Importante ressaltar que desentendimento não é desconhecimento, pois se os interlocutores pertencem a mesma esfera social e discursiva, não há tantos hiatos de desconhecimento entre eles. Mas haverá sempre desentendimento.

Os casos de desentendimento são aqueles em que a disputa sobre o que quer dizer falar constitui a própria racionalidade da situação de palavra. Os interlocutores então entendem e não entendem aí a mesma coisa nas mesmas palavras. Há todas as espécies de razão para que X entenda claramente o que o outro diz, ele não vê o objeto do qual o outro lhe fala; ou então porque ele entende e deve entender, vê e quer fazer ver um objeto diferente sob a mesma palavra, uma razão diferente no mesmo argumento. (...) O desentendimento não diz respeito à questão da heterogeneidade dos regimes de frases e da presença ou ausência de uma regra para julgar gêneros de discursos heterogêneos. Diz respeito menos à argumentação que ao argumentável, à presença ou ausência de um objeto comum entre X e um Y. Diz respeito à apresentação sensível desse comum, à própria qualidade dos interlocutores em apresentá-lo. A situação extrema de desentendimento é aquela em que X não vê o objeto comum que Y lhe apresenta porque não entende que os sons emitidos por Y compõem palavras e agenciamentos de palavras semelhantes aos seus (Rancière, 1996, p. 12-13).

Como já notamos, não há consenso na natureza da manifestação do signo (em casos cotidianos, ou em casos extremos, como na política)³³. O consenso é provisório e ilusório. “O discurso do consenso oculta a natureza das relações sociais que são

³³ “Ela, a política, designa a visibilidade, conforme a cena, a uns e, em outros casos, a outros. Política é o nome de um possível elo entre os mundos (classes), elo que traz consigo a marca de um conflito, elo que é a todo momento uma tensão entre partes, uma comunicação até então impossível entre os ditos falantes e os dito não falantes. Elo que de fato encerra uma divisão, elo que pinta de consenso o estar todos ali sendo contados. Elo que é uma aparência, uma relação que no extremo invoca uma separação. É preciso estarmos separados, cindidos para estabelecermos uma relação”. (Kátia Vanessa Tarantini Silvestre –Dissertação de Mestrado)

imprescindivelmente conflituosas”. (Silvestre, K. V. 2006. p. 48). O consenso existe em um momento fugaz, quando se dá o nascimento do signo na interação, porém ali já perde seu caráter consensual, pois as interações vão se multiplicando pelas atividades humanas, em que o signo e o ser vão se transformando.

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso [*provisório*] entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontecer. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar esta evolução social do signo lingüístico. Só esta abordagem pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo (Bakhtin, 1929, p. 44).

Os conceitos de Rancière (1996 e 1999) e Bakhtin (1929 e 1979) se entrecruzam, aqui, para pensar o real e as significações que o signo “América Latina” pelos discursos da *FSP* e da *CM* tomaram em dois anos de textos selecionados. O diálogo entre os dois auxilia em uma visão da micro-estrutura à macro-estrutura, já que apontam a centralidade das relações sociais na manifestação lingüística básica (micro), que é o signo ideológico de toda e qualquer interlocução, podendo ser ela desde diálogos fortuitos do cotidiano até reuniões de cúpulas mundiais de comércio e política (macro). Em ambos os teóricos, o signo está embebido da materialidade histórica em que é proferido, isto é, sua ubiqüidade social é

latente; e sua sensibilidade reflexiva e refratária do próprio ser no signo, e vice e versa, é excepcional, pois o signo é a pista primordial de que o ser, o sujeito, tem para demarcar sua diferença.

Contra Bush, Chávez vai a 'anticúpula'. Conflito entre presidentes dos EUA e Venezuela deve ter destaque em reunião de Mar del Plata.³⁴

Sem grandes avanços práticos previstos, deve ganhar espaço na Cúpula das Américas o conflito entre o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, e o presidente dos EUA, George W. Bush. O venezuelano já confirmou que estará presente também na Cúpula dos Povos, que ocorre paralelamente em Mar del Plata e que tem como objetivo repudiar a Alca e a presença de Bush.

Chávez estará presente em um estádio da cidade, onde ocorrerá essa "anticúpula", como vem sendo chamada na imprensa argentina, na próxima sexta-feira. "Chegará o 4 de novembro e estaremos em Mar del Plata para dizer: a Alca ao c...", afirmou o presidente venezuelano.

Os passos de Chávez são acompanhados com lupa pelo governo dos EUA, já que ele é visto com suspeitas devido a seu discurso nacionalista e seus contatos com Cuba. Ele defende a Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas) como alternativa de integração latino-americana à Alca.

A visita de Bush à Argentina, na semana que vem, já provoca protestos de organizações sociais e políticas, que realizarão em Mar del Plata passeatas de repúdio à presença de Bush.

A imagem do presidente americano, que depois da Argentina visitará o Brasil, está debilitada na América Latina, e, segundo analistas, um dos seus desafios na cúpula será melhorar sua relação com os países da região.

Os litígios discursivos estão movimentando a AL. Nos últimos anos os discursos sobre a AL estão entrando em pauta nos maiores foros de discussão do globo. As cúpulas internacionais ocorrem quase que mensalmente em território latino-americano. Na mesa de negociações estão sendo postas propostas para a melhoria da distribuição de recursos dentro do próprio continente americano, para que não haja tamanha dependência da porção latina em relação aos estadunidenses. A ALCA – Área de Livre Comércio entre as Américas – está cedendo aos poucos às tensões discursivas que cobram maior isonomia

³⁴ 30 de outubro de 2005. Publicado na FSP. Título: Contra Bush, Chávez vai a 'anticúpula'. Conflito entre presidentes dos EUA e Venezuela deve ter destaque em reunião de Mar del Plata. Autor: Maeli Prado - de Buenos Aires.

das relações comerciais e políticas. Surgem alternativas, oficiais e não oficiais. A ALBA - Alternativa Bolivariana para as Américas – se oficializou nos últimos meses como a principal alternativa aos ditames hegemônicos do imperialismo estadunidense. Vale salientar que a ALBA é uma alternativa ao modelo de bloco econômico, por outro; porém, a troca de blocos econômicos está além das reuniões de poder entre governantes. Os litígios de esferas cotidianas vão continuar forçando às cúpulas, e vice-versa. E tais desentendimentos cotidianos apontam primeiro na língua; o signo demarca as diferenças em enunciados como o que Chávez fez questão de proferir no encontro de Mar Del Plata: “ALCA al Carajo”. Enunciado que condensa parte das insatisfações do povo latino-americano frente políticas como a da ALCA. O enunciado de Chávez aponta na superfície discursiva dos litígios o que no cotidiano já é combustível para as resistências. Cada vez está mais nítido que o momento latino-americano é propício para produziu respostas que não sejam as mesmas hegemônicas. O sujeito na AL está se movendo, e o signo aponta e acompanha o mover.

Capítulo Quarto

O Marxismo da atu(AL)idade de Hardt & Negri: Império.

“A problemática do Império é determinada, em primeiro lugar, por um fato singular: a existência de uma ordem mundial. Essa ordem é expressa como uma formação jurídica. Nossa tarefa inicial, portanto, é entender a *constituição* da ordem que está sendo formada hoje. Para isso, já de saída, eliminamos duas concepções comuns a respeito dessa ordem que partem de extremos opostos: a primeira delas é a moção de que a ordem atual surge, de algumas formas, *espontaneamente* da interação de forças globais radicalmente heterogêneas, como se essa ordem fosse um concerto harmonioso orquestrado pela mão neutra e oculta do mercado mundial; a segunda é a idéia de que a ordem é ditada por uma única potência e um único centro de racionalidade *transcendente* para as forças globais, guiando as diversas fases de desenvolvimento histórico segundo um plano consciente e onisciente, algo assim como uma teoria conspiratória da globalização.”

(Hardt & Negri. A constituição política do presente.

Parte 1. In: Império)

4.1. O Império em diálogo com o signo - América Latina.

Nosso delicado momento histórico precisa de uma leitura global. Para que associemos a potencialidade da filosofia da linguagem bakhtiniana às subjetividades dos indivíduos latino-americanos e às organizações políticas que ditam as ordens - a uma ordem mundial do presente - é preciso ir a uma leitura da ordem para descobrir a fecundidade da instabilidade produzida pelo humano do homem. É preciso averiguar a ubiqüidade social da palavra no horizonte social na qual ela está inserida e na qual ela se desenha atualmente através de uma leitura mundial. O signo - América Latina - está em meio às condições tecnológicas e técnicas materiais de produção, condições dadas pela atualidade dos signos, que se refletem e refratam no código lingüístico, condicionando os modos de subjetivação, de dominação e dependência históricas e atuais.

Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e, portanto também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado [...] O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes.[...] Conseqüentemente em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Essa pluralidade social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade.[...] Mas aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente (Bakhtin, 1929, p. 44 – 47).

Quando Bakhtin nos diz que “a classe dominante tende a conferir ao signo um caráter intangível e acima das diferenças de classes”, logo associamos a Rancière, ao conceito de consenso erguido pelos discursos paradoxais da classe dos contados, elidindo a natureza política *dissensual* da racionalidade política. A classe dominante tende a silenciar o dano, tornando a realidade discursiva monovalente e cômoda aos governos e às ordens financeiras mundiais. Interessante pensar como a América Latina vem aparecendo dentro dessa perspectiva de Império e ordens financeiras, pois ela aparece como espaço discursivo de interlocução, mas ainda associada a imagem de dependente.

Mas que sistema de ordens financeiras é este nosso? Nosso momento histórico é passível de análises discursivas que compreendam os jogos superestruturais e infra-estruturais do globo? Como fica a presença da América Latina neste jogo global?

Analisar nosso momento histórico é delicado, porque ainda caminhamos no fio da navalha tentando domar o presente, sabendo que em instantes ele torna-se passado. Este sentimento de impotência é registrado pelas principais teorias globais da atualidade; mesmo assim, uma das mais promissoras e criticadas teorias filosóficas globais nos servirá de base para fotografar o instante, como pista e indício da atualidade política da superestrutura e da infra-estrutura. Afinal, a América Latina precisa ser pensada em meio aos movimentos da atualidade discursiva, que impera como ordem econômica. Hardt & Negri (2004), pela raiz marxista, nos servem em uma aproximação da teoria bakhtiniana da linguagem com uma elaboração de uma visão/leitura mundial – chamada Império. O que Bakhtin chamou de ideologia oficial e cotidiana respectivamente, Hardt & Negri denominam Império e Multidão (Contra-Império). Sendo que também em ambas as filosofias haverá o embate entre a monologia e a dialogia discursivas dos variados

horizontes sociais. Como houve com Rancière e Bakhtin, há paralelos entre Bakhtin e Hardt & Negri.

Mais de uma década depois do fim da bipolarização global – capitalismo e socialismo – vive-se uma época de ideologia ímpar, em que os discursos e vozes variadas e opostas constroem a unidade sistêmica do Império. Termo teórico cunhado por Antonio Negri e Michael Hardt na década de 90 para denominar a organização política e atividades humanas no mundo, que aqui nos serve como base para discussão em busca de esclarecimentos para uma teoria da constituição global (pós-moderna e neoliberal) do hoje. Contudo, a biopolítica aparece como princípio fundamental para o Império, já que na biopolítica o centro gerador das atividades políticas é a vida humana. Uma espécie de humanismo bakhtiniano se ergue pelas teorias de Hardt & Negri. Para tanto, *a priori* uma leitura do Império poderá levar-nos a uma noção histórica não-linear que explique “o oco da noite” em que estamos vivendo.

“Oco da noite”, estranho momento este nosso, visto pela óptica do Império, em que ONGs aparecem como sustentáculos morais para a “guerra justa” das polícias do mundo de nossa *sociedade de controle*, segundo Hardt & Negri, ou seja, até o discurso de paz e as atividades humanitárias são justificativas à guerra – por exemplo, a presença da ONU durante uma década no Iraque serviu de etapa intermediária e de preparação para o palco da Segunda Guerra do Iraque em 2003. Como Rancière havia apontado no último de seus três paradoxos da atual racionalidade política, o paradoxo da existência de locais supranacionais em época de irracionalismo, preconceitos, xenofobias e guerras infames.

Essas ONGs movem “guerras justas” sem armas, sem violência, sem fronteiras (...). Dessa forma, a intervenção moral tornou-se a linha de frente da intervenção imperial.

(...). A intervenção moral geralmente serve como primeiro ato que prepara o palco para a intervenção militar (Hardt & Negri, 2004, p. 55).

Atualidade assombrosa a nossa, em que o marxismo re-configurado ganha campo dentro do capitalismo, por evidenciar as assimetrias do jogo social que movimentam o próprio sistema. Marx não falhou ao dizer no século XIX que o *capitalismo industrial* estava fadado ao fim; ele fez mais que isso, pois observou e apontou a problemática do sistema, conseqüentemente seus herdeiros históricos resolveram parte do problema de limite de mercado com a *globalização e mundialização da economia*, ampliando mercados e diálogos nacionais. Resultando na aparição de um *capitalismo financeiro*, que se apresentou arrebatador, promissor, embora, com aspecto efêmero já no fim do século XIX para ser implementado efetivamente na segunda metade do século XX. No *capitalismo financeiro* somos consumidores, e não há espaços para sujeitos; os indivíduos são constituídos em consumidores, pela ideologia financeira, e não em sujeitos, como diria Althusser, Pêcheux e Foucault em suas primeiras fases teóricas. A dinamicidade das relações dentro do sistema político-financeiro transfigurou as relações humanas, as subjetividades e a linguagem, que por seus turnos forçam a transmutação em um outro paradigma baseado na demonstração e na virtualidade do poder, apontando para uma espécie de *capitalismo virtual*, prestes a nascer.

A passagem de um *capitalismo financeiro* para um *virtual* ainda levará tempo, embora haja indícios (talvez ele poderá nem vir a ser) mas, por hora, vale observar as intervenções e questionamentos de filosofias importantes para o século XX, que contribuíram em questões para o sistema global que hoje vivenciamos, por *atomizarem* o poder em suas teorias – Foucault (1979) com a *microfísica do poder*; e Nietzsche (1888) com contribuições para uma “Nova História” erguida por Jacques Le Goff (1992). São

exemplos. São nomes que ao (des)construírem as verdades e discursos globais favoráveis a uma história mais real, ajudaram a romper com um ideal de mundo objetivo, mecanicista, medido pela unidade de um *logos europeu* dialético, porém, monológico.

Filosofias que procuraram uma história que não silenciasse tanto as vozes das classes dominadas (excluídas), já que historicamente se ouviu mais os discursos, relatos e vozes dos dominantes (classes incluídas, dos contados e dos emergentes), seja na passagem da era moderna para a era contemporânea, em que a burguesia maquiou a realidade com os ares românticos, ou ainda em nossos dias, em que temos uma verdadeira hegemonia midiática – pois vivemos na “idade da mídia” – em que os discursos são maquiados e sobredourados como, ainda são, as sardas e espinhas das atrizes de telenovelas. A ruptura com a história tradicional, linear e objetiva, por uma “Nova História”, em Le Goff (1992), Nietzsche (1888) e Foucault (1969) construiu uma política mais orgânica, que atestasse a interdependência e interação das ciências e dos discursos através da biopolítica e do biopoder. Olhar a América Latina com essa descontinuidade teórica acrescenta muito à forma de representação do próprio signo – América Latina, pois ela precisa ser olhada com olhos repletos de dialogismo.

As vozes outrora ocultadas escapam pelas frestas e reverberam em nosso cotidiano com a *descontinuidade* histórica de Foucault, de Nietzsche e com o *(des)construcionismo* de Jacques Derrida podendo-se observar a heterogeneidade discursiva e o império polissêmico, que movimentam a materialidade real e histórica de todo jogo social. Entretanto, surgem questionamentos, em meio ao capitalismo financeiro que interpela o indivíduo em consumidor, e consumidor em sujeito; e em meio a *descontinuidade* histórica que (re)considera a *polifonia* e a *heteroglossia* – ambos conceitos da filosofia da linguagem bakhtiniana, que verificam a interação dialógica entre vozes variadas e opostas

– como possíveis promotoras e peças do perpétuo móvel de um império global que se apresenta; estabelece-se a pergunta: como se constituem discursivamente o sujeito e as subjetividades da pós-modernidade–neoliberal no *Império*? As interações verbais são respostas prenes de compreensão. Analisa-las em suas interações cronotópicas conforme apresentadas nos meios de comunicação como a *FSP* e a agência *Carta Maior* em um período curto pode evidenciar indícios sintomáticos e tendências discursivas reveladoras do sujeito sob as leis e a liberdade do Império. Os discursos assim revelam contradições sociais, danos litigiosos, opacidades constituidoras e silêncios estruturadores, pois há neles a carga ideológica dos respectivos horizontes sociais em suas interações verbais.

A América Latina é um signo cheio de alteridade e interações; olhar o espaço imperial do globo na atualidade requer olhos atentos nas movimentações biopolíticas da ação lingüística, das atividades sociais e políticas. As presenças políticas de presidentes de linhas mais socialistas ou linhas ditas mais democráticas nos últimos anos na América Latina, como Evo Morales (Bolívia), Chávez (Venezuela), Lula (Brasil), Calderón (México), Kishner (Argentina), Correa (Equador) e Vasquez (Uruguai), vem causando movimentações no campo dos discursos da ordem mundial antes nunca vistos sobre América Latina. Houve consoante ao momento de surgimento do conceito de Império, que fala de um mundo interdependente rompendo com a velha dependência, mudanças relevantes no modo de discursar sobre o signo “América Latina”. O signo América latina é hoje glob(AL), no sentido de causar e sofrer mais interdependências, e menos dependências e subalternizações³⁵.

³⁵ Interessante como a AL está aparecendo discursivamente pelo mundo. Os olhos do mundo estão atentos aos movimentos das políticas na AL. Antonio Negri, co-autor do livro *Império* com Michael Hardt, logo no ano de 2005 em co-autoria com Giuseppe Cocco, aplicou os conceitos de Império e Multidão no espaço da América Latina, em um livro que descobri recentemente chamado: *Glob(AL): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. publicado no Brasil pela editora Record, em agosto de 2005.

Lista é liderada por países fortes em inovação.³⁶

“No topo do ranking de competitividade global do Fórum Econômico Mundial estão os países que mais investem em pesquisa e inovação tecnológica. É o caso, por exemplo, da Finlândia, que se sustenta no primeiro lugar há três anos.

Isso, segundo o diretor da Fundação Dom Cabral e coordenador da pesquisa no Brasil, Carlos Arruda, deve-se à política de desenvolvimento sustentado baseada no investimento em soluções tecnológicas.

O Chile controlou os gastos do governo, investiu em saúde e educação e melhorou a legislação para funcionamento das empresa e pagamento de impostos", afirma o coordenador.

Também chama a atenção entre os emergentes da América Latina a grande distância dos melhores classificados no ranking. O Chile está 31 posições à frente do segundo colocado: o Uruguai, que ocupa o 54º lugar. Em 2004, a distância do Chile para o segundo colocado da América Latina, o México, era de 26 posições.

"O Chile é disparado o mais competitivo da região e vem avançando mais. Isso dificulta o desenvolvimento regional em conjunto", diz Arruda.”

O signo América Latina hoje abre diálogos com o globo em todos os campos de atuação, porém ainda continua sendo a região mais desigual do mundo. Todas as regiões do globo melhoraram suas taxas de desigualdade, com exceção da AL que piorou, ou seja, a AL tem os maiores índices de desigualdade social do mundo. Em contraponto com a notícia da FSP colocada acima, essas desigualdades ficam cada vez mais latentes. Os investimentos em tecnologia na AL competem com o primeiro mundo, mas os investimentos na infra-estrutura das nações ainda está aquém de disputas, pois a AL é imbatível no descaso com as populações. E este descaso acaba apontam nos discursos, os governos e as políticas estão sofrendo mudanças, principalmente, pelo voto direto nas democracias latino-americanas.

³⁶ 29/09/2005. Publica do na FSP. Título: Lista é liderada por países fortes em inovação. Autoria: Sucursal de Brasília.

4.2. Império: um conceito monstruoso

Creio que é preciso ter a modéstia de dizer que, por um lado, o momento em que se vive não é esse momento único, fundamental ou irruptivo da história, a partir do qual tudo se realiza ou tudo recomeça; é preciso ter a modéstia de se dizer ao mesmo tempo que – mesmo sem essa solenidade – o momento em que se vive é muito interessante e precisa ser analisado, decomposto, e que de fato sabemos nos colocar a questão: o que é a atualidade? (...) A tarefa da filosofia é dizer o que é a atualidade, dizer o que somos esse “nós hoje”. Mas se permitindo a facilidade um pouco dramática e teatral de afirmar que esse momento em que vivemos é, no oco da noite, aquele da maior perdição ou, ao contrário, aquele em que o sol triunfa. Não, é um dia como os outros, ou melhor, é um dia que jamais é realmente como os outros.

(Michel Foucault, *Estruturalismo e pós-estruturalismo*, 1983)

No “oco da noite” quase não há olhar que não se perca em paranóias, conspirações e *assujeitamentos* ao definir a atualidade. Michael Hardt e Antônio Negri ao conceituarem o jogo social em uma teoria política que abarcasse o global não deixaram suas psicoses de lado para conceituar o Império. Um dos caminhos possíveis para investigar a atualidade discursiva do mundo seria observar a teoria filosófica de Hardt & Negri sobre a constituição global da atualidade. Abrindo um diálogo como interpretação com o que conceituaram na primeira parte do livro, *Império*.

Na “maior perdição do oco da noite” assombra constatar que o imperialismo acabou, segundo Hardt & Negri, conseqüentemente com ele superou-se o período do colonialismo (interessante pensar que na América latina, ainda perduram alguns discursos que vão contra essa teorização do Império, pois muitos discursos ainda tratam a AL como signo de dependência colonial). Vivemos o Império, conceito que abarca todas os discursos da materialidade histórica dos últimos dois mil anos, apenas trocando o uniforme de acordo com o espírito de época e a vontade de verdade. Paradoxalmente, o imperialismo não se

configura como Império, entretanto o último abarca o primeiro, e também a globalização e o neoliberalismo, ou como em outro momento, abarcou o absolutismo; ele muda de forma e uniforme. Não seria aplicável qualquer metáfora ao Império, pois ele é um conceito que engloba todas as atividades humanas e seus discursos, já que se alimenta do movimento vivo e contínuo presente nas relações humanas, sejam elas políticas, econômicas, culturais e/ou lingüísticas. É, em outras palavras, um conceito monstruoso que modifica porque é modificado, por forças centrífugas e centrípetas da realidade discursiva superestrutural e infra-estrutural.

O conceito de Hardt & Negri (2004) está em contínuo movimento, além do mais descentraliza e desterritorializa o plano mundial, tira as fronteiras fixas do globo. Ele administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras, o que por prolongamento elimina com o imperialismo, já que não há como uma única nação dominar a ordem mundial. Não há segundo mundo nesse nosso império de fatos e de economia global, há apenas um mundo que unifica e mescla as cores nacionais em um arco-íris imperial global. Definitivamente, segundo a teoria, não há espaço, nessa configuração política, para um país com soberania mundial, mas como liderança mundial ainda há, pois o poder está distribuído em redes e de forma assimétrica – a conceituação de *microfísica do poder* em Foucault (1979) elucida bem a distribuição em redes, a ausência de um poder central em detrimento da presença de poderes capilares, com vários focos e centros.

Assusta olhar o jogo social que se configura e ver indivíduos interpelados em consumidores, ver um momento em que não há tempo para o diálogo, mas apenas o tempo para o consumo. O único diálogo possível que o consumidor faz é com o produto consumido, conseqüentemente as relações humanas estariam se esvaziando. Há um culto

ao consumo nos discursos da mídia, no discurso e nas subjetividades, principalmente, das crianças e adolescentes (público alvo das propagandas, já que são as crianças e adolescentes que impulsionam o consumismo hoje no globo) que dialogam e interagem com os enunciados midiáticos. O tempo único do consumo retira o inimaginável como possibilidade futura, já que retiram do sujeito perspectivas que sequer vão além dos produtos consumíveis expostos nas prateleiras. O “oco da noite” baseia-se em *ter* e não em *ser*, cindindo dois lados de uma mesma folha estética e ética. Há o perigo de cairmos cada vez mais fundo na era na reprodutibilidade de enunciados e da *liberdade vigiada*, em que o novo é apenas uma reprodução, uma réplica, um já-dito, uma paráfrase, um fundo estético falso.

Usar o controle remoto para trocar de canais, eis a caricatura desta **liberdade vigiada**, regulamentada, normalizada, em que nos isolamos numa suposta interioridade de *leitores-espectadores* condenados a ler o mesmo e sua reprodução nas inúmeras novidades que as programações de televisão oferecem, seja esta novidade a passagem veloz de um fragmento de notícia para outro, deslocando-nos todas as noites pelo mundo sem que dele apreendamos a história de sua construção, seja esta novidade o retorno cada vez mais insistente dos mesmos estereótipos, quase sempre preconceituosos. Na “idade da mídia”, a relação com o aparelho de tevê talvez seja a melhor síntese do isolamento do sujeito, apertado pelos círculos que o individualizam e que simultaneamente lhe exigem ser regulado, igual aos outros e autêntico (Geraldí, 2003, p. 256).

Assombrosamente, só o consumo nos transfigura em sujeitos nesse regime ideológico político-financeiro imperial, entretanto a resposta, nossa contrapalavra, para essa ideologia paranóica e abrangente está na capacidade polissêmica da linguagem, nas metáforas possíveis aos signos que o sujeito em atividade *reponsiva-ativa* - nome dado por

Bakhtin para a intensa e perpétua atividade humana em criar significações - faz pela interação.

Hardt & Negri chegaram a conclusões semelhantes a Bakhtin sobre o sujeito da interação, que vem sendo construído através da dialogia com os discursos consumistas. Embora coloquem o sujeito em uma temporalidade histórica singular de não-linearidade quase mítica, pois o mundo através dos discursos se formula dialógico e vem se fundamentando na ausência de fronteiras e a falta de limites ao conceito Império, por ele exaurir a noção de História. E exaurir a história é condenar o sujeito a uma *liberdade vigiada*.

O Império exaure o tempo histórico, suspende a História, e convoca o passado e o futuro para dentro de sua própria ordem ética. Em outras, palavras, o Império apresenta sua ordem como algo permanente, eterno e necessário (Hardt & Negri, 2004, p. 29).

Os sujeitos interpelados em consumidores com pouca consciência histórica e que desconsideram as heranças obtidas pela própria história humana podem fazer com que surja um grande número de sujeitos impassíveis, indiferentes, desconectados e sem perspectivas, bovinamente sentados frente aos aparelhos de tevê. Sendo assim uma pergunta deveria nos apavorar: pois, se o Império exaure a História, ele também retira nossos sonhos, nossas utopias? Hardt & Negri (2004) não atestam isso, por crerem na biopolítica capaz de produzir polissemias e dialogismos através das responsabilidades da multidão. Ainda mais porque a história se torna descontínua e (des)construída pela força do indivíduo coletivo, *sujeito em um grupo social organizado*; por isso os sonhos não estão “já perdidos”, e também por isso a história é reinventada, remontada, recontada, re-lida e não destruída. Com isso, cria-se uma contradição, dentro do regime imperial capitalista: o

indivíduo tem o potencial de libertação aumentado, já que não vive mais em regimes totalitários tendo, agora, a possibilidade de (des)construir o real da história. E este é um ponto crucial que dialoga com a teoria bakhtiniana: a crença no sujeito agente histórico. Embora no Império (2004) o sujeito agente é coletivo, e recebe o nome de multidão. Em Bakhtin, o sujeito mesmo quando se enuncia Eu é sujeito social, já em Hardt & Negri o social (multidão) é o ator histórico.

Já uma das faces da monstruosidade do Império reside no fato de que ele administra, cria e rege diretamente a natureza humana – é a definitiva aplicação detectada como biopoder e biopolítica. O interior do humano está sendo regido (monitorado) pelo conceito imperial de poder vivo (ativo). Há uma natureza biopolítica no novo paradigma do poder imperial, pois o biopoder seria a forma de poder que administra, molda, regula a vida por dentro. A vida é o combustível do biopoder, por isso ele está permanentemente ativo. “O poder é, dessa forma, expressão como um controle que se estende pelas profundezas da consciência e dos corpos da população e ao mesmo tempo através da totalidade das relações sociais” (Hardt & Negri, 2004, p. 44).

Esse monstro imperial seria alimentado pela vida, mas também pela crise que eternamente vive em seu interior. “O império nasce e se revela como crise” (Ibid., p. 38). Conquanto, ele sempre caminha para a paz de forma e sentido positivista, mesmo estando em constante conflito de vozes variadas e opostas - heteroglossia. Há um permanente estado de emergência de exceção justificado pelo apelo a valores essenciais de justiça, em outras palavras, o direito de polícia é legitimado por valores éticos universais, por exemplo, é comum ouvirmos que a guerra é justa quando busca promover a paz.

Deleuze & Guattari são dois teóricos que contribuem com o paradoxo da pluralidade e da multiplicidade, as quais produzem positivamente uma sociedade que se abre em redes.

Em que o poder é, definitivamente, desigual por fundação, mas movimenta o real continuamente. Segundo eles, há uma substância ontológica de produção social, confirmando um movimento contínuo e fluxos absolutos que geram a crise do novo paradigma. Essa substância selvagem, visceral, instintiva e natural ao ser seria o ponto nevrálgico de todo biopoder imperial, sendo a multidão a potencialidade metafórica do ser humano socialmente organizado no centro motriz da biopolítica.

Em meio aos centros de poder distribuídos pela superfície global – poder capilar – há dois pontos que se destacam como mais visíveis: o poder do dinheiro – que é um fato sócio-ideológico - capaz de moldar subjetividades; e o da poder comunicação – que é um fato sócio-econômico-cultural-, pois na “era da mídia”, apresenta-se como um dos setores hegemônicos de produção. “A fonte de normatividade imperial nasceu de uma máquina, uma nova máquina econômica-industrial-comunicativa, em resumo, uma máquina biopolítica globalizada” (Ibid., p. 59).

Na América Latina os efeitos dessa máquina biopolítica globalizada apontam nos discursos. Hoje, as populações procuram forçar o litígio dos discursos para que as mídias se abram para as mudanças cotidianas, e não mais se fechem em núcleos de capital. A história da AL está se movendo em todos os lados, fazendo a mídia se democratizar para acompanhar os fluxos de mudanças. A história na AL deixou de ser linear também na mídia e agora se amplia em diversidade discursiva, mesmo quando Hugo Chávez diz, em dezembro de 2006, que não irá renovar a concessão da maior TV aberta da Venezuela – RDC - pode estar aí um novo modo de renovação das mídias. Se observarmos o que acontece na AL com a mesma objetividade histórica linear, que diz que a história vive de ciclos, perdemos a chance olhar o fato novo de modo atual, em acordo com as condições de circulação do fato.

Notadamente a objetividade histórica que vínhamos reproduzindo antes de Nietzsche (1888) e Foucault (1969) não nos serviria mais. Precisamos considerar a *descontinuidade* histórica foucaultiana, que considera o poder da multidão de fazer história, como poder ativo dentro desse monstro imperial. A história contada de baixo é um dos centros de poder do próprio novo paradigma. Ou seja, contra-poder está dentro do próprio sistema biopolítico. Por isso, não há espaços para revoluções radicais (“A crise do gás” entre Bolívia e Brasil, entre Evo Morales e Lula, ocorrida em maio de 2006; transparece um conflito entre os discursos hegemônicos e as resistências), mas para reformas estruturais (como cobram as instituições internacionais, no caso da “crise do gás”, foram as pressões de órgãos internacionais que fizeram com que Evo Morales amenizasse o discurso em relação ao Brasil). Parece que no regime imperial todos os discursos estão presentes, mesmo que contrários e contraditórios. Para revolucionar o império é preciso colocar-se dentro do jogo do regime imperial. Sem esquecer que o poder visceral do Império é a força ontológica da multidão que o gera e o coloca em eterna crise; por outro lado, é o Império o vampiro que suga a vitalidade das subjetividades da multidão.

Tensão entre vizinhos³⁷

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva retomou o conceito que começou a usar logo no início da Presidência para situá-lo no contexto da crise Brasil-Bolívia.

³⁷ Folha Dinheiro, Domingo, 14 de maio de 2006. Título: Tensão entre vizinhos. Presidente pede a colegas da AL que parem de ‘remoer’ o passado. Reportagem de: Clóvis Rossi, enviado especial a Viena. Neste caso a seção Folha Dinheiro trouxe informações complementares ao Caderno Mundo da FSP, que muitas vezes não dá conta dos acontecimentos e fatos jornalísticos envolvendo o signo, América Latina. É notório que no Caderno Mundo os assuntos em torno do signo caminham entre economia e política, embora já exista no jornal cadernos de política e dinheiro delimitados. Durante as análises desses dois anos de reportagens na FSP, as ocorrências que ganharam maior notoriedade sobre a América Latina estavam associadas ou escritas na Folha Dinheiro, como é o caso da “crise do gás” em maio de 2006 e a “Cúpula das Américas” em outubro de 2005. Essa intercambialidade entre seções para assuntos sobre América Latina, embora, centrados em economia, na maior parte, demonstram também a busca de uma maior integração dos mercados, porém ainda não uma integração cultural consistente entre os povos latino – americanos.

“É preciso parar, na América Latina, de um presidente ficar culpando o mundo pela pobreza de seu país. É preciso saber o que nós deixamos de fazer em algum momento da nossa história e acho que, se agente pode dar um salto de qualidade, deve dar. Se a gente ficar remoendo o passado, na verdade nós não andaremos.”

A frase de Lula foi dita em resposta à única pergunta que o presidente respondeu, ao sair do Hotel Imperial para almoçar na Embaixada do Brasil na Áustria.

Anteriormente, Lula já havia usado esse conceito, mas em alusão às queixas dos países em desenvolvimento sobre a ação dos países ricos.

No caso mais específico e conjuntural do gás boliviano. Lula relatou sua conversa com Evo Morales, pouco antes, nos seguintes termos: “Eu disse ao presidente Morales que o Brasil precisa do gás da Bolívia e a Bolívia precisa do Brasil. Portanto é preciso encontrar o ponto de equilíbrio justo para que o Brasil fique satisfeito e a Bolívia fique satisfeita. Eu acho que, tendo essa compreensão, nós não teremos problema nenhum no continente”.

Contra todas as evidências, Lula se disse otimista em relação ao processo de integração na América Latina. Culpou, em parte, a juventude da democracia na região, pelas dificuldades de integração.

Por fim, no que parece recado a presidentes como Hugo Chávez e Evo Morales, com os quais Lula está bastante incomodado, prescreveu um receita. “As pessoas precisam aprender a conviver democraticamente na diversidade. Ninguém precisa ser igual a ninguém, ninguém precisa querer fazer a mesma coisa, mas nós precisamos compreender que somente muita tranquilidade, muita paz, muito entrosamento vão nos dar a chance de deixar de ser um continente subdesenvolvido ou em desenvolvimento para nos transformarmos em um continente desenvolvido. Sonho com isso, trabalho para isso e vou continuar acreditando nisso”, afirmou o presidente.

A multidão, em Hardt & Negri, e sua força ontológica confunde-se em Bakhtin com a ideologia do cotidiano, com a ideologia não-oficial já que ambas são capazes de revolucionar os modos de vida com suas vitalidades. Não são forças estanques, separadas da superestrutura, das hegemonias ou mesmo da ideologia oficial; estão em constante diálogo, produzindo respostas às imposições. São resistências ao monologismo, ao Império e às hegemonias. Evo Morales e Lula representam esta ontologia da multidão, não-oficial, pois em nossas memórias suas histórias se confundem com a história das massas operárias da Bolívia e do Brasil. Ambos são presidentes eleitos do povo e pelo povo em regimes democráticos, embora possam ser reconhecidos mais tarde pela história como governos não-populistas, o que será difícil. O que se discute na reportagem vai de encontro com os modelos de integração de mercados, com a globalização das economias através da cooperação política – vai de encontro com a vestimenta que o Império se utiliza nos últimos tempos, ditos pós-imperialistas. Evo Morales sofreu pressões do mercado durante

aquela semana para encontrar-se com Lula e explicar-se sobre a nacionalização do gás boliviano. Nitidamente as pressões foram imperiosas, mas Evo, Chávez e Lula representam a necessidade de revitalização da racionalidade política através das representações do cotidiano, de ícones orgânicos nascidos do cômputo nos não-contados para que haja o dano promotor do Império.

Evo (na Bolívia) e Lula (no Brasil) representam forças populares e a necessidade de revitalização das relações de poder na atualidade discursiva do mundo. Andam mexendo tanto com os discursos no globo que as enunciações sobre o signo América Latina estão revelando um novo jogo das relações, por exemplo, como disparou Boaventura Sousa Santos para um auditório repleto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) durante seminário sobre a reinvenção da democracia na IV Conferência Latino-Americana de Ciências Sociais, em agosto de 2006: “A América Latina é hoje o centro da resistência do capitalismo global”. Essas resistências forçam a revitalização do poder, e vêm aparecendo em discursos nas cobranças que o signo – América Latina - faz ao global, por exemplo, discursos que resistem quando cobram: o fim dos subsídios agrícolas, que inviabiliza um maior comércio dos produtos latino-americanos; a diminuição drástica das taxas de juros das dívidas dos países latino-americanos; luta pelo fim da pobreza, encabeçada por governantes latino-americanos nas rodadas de negociações na OMC (Organização Mundial do Comércio), no FSM (Fórum Social Mundial) e no FEM (Fórum Econômico Mundial).

Em meio a turbilhão de discursos ocorre a soberania do Império, porque ele se autogoverna, por motivações internas e biopolíticas. O Império é uma quimera, que aglutina e deixa viver os opostos apontando para o futuro, para o *porvir*, para o *devenir*. Essas motivações estão tanto nas margens, onde as fronteiras são flexíveis e as identidades

são híbridas e fluídas, como no seu centro. Com efeito, o centro – *locus* da ideologia oficial considerada mais estabilizada – e as margens – *locus* da ideologia do cotidiano considerada mais instabilizada – estão constantemente trocando de posição, fugindo assim de qualquer localização determinada. Podemos até dizer que o processo, propriamente, é virtual e que ter poder reside na esfera das virtualidades.

A superfície do mundo visualmente não é plana com apenas um ou dois cumes ao centro; o biopoder está espalhado e distribuído por toda superfície. A superfície do Império é poliédrica, cheia de inimigos espalhados e de pontos de poder, multipontos, alimentada pela pluralidade e plurivocidade dos discursos e vozes. Embora estejamos na “idade da mídia” e o poder se localiza bem próximo aos meios de comunicação, condutores de multidões e condicionadores de subjetividades, ainda há poderes nas margens em movimento ao centro virtual. Um centro virtual que não é necessariamente o centro. O centro de poder está nas margens também. O que poderia nos levar a pensar que ilusoriamente, o poder em nosso momento histórico é virtual, já que não o aplicamos efetivamente, mas apenas o demonstramos, pois o que anda valendo é a demonstração do poder. Os discursos são poderosos, justamente por isso, por demonstrarem - porém as relações ainda são bem reais.

As relações entre países e blocos econômicos são o próprio poder. As relações são múltiplas e se dão em atividades espalhadas por todo o globo, o poder pode se modificar de acordo com as modificações das relações. Mas as relações estão no centro da questão do poder, visto hoje como Império.

As subjetividades se constituem em interação com nosso momento histórico, em que demonstramos poder em meio às virtualidades de redes mundiais, e transferências de

poder já são formas reais de o obtermos. Mesmo que ele seja virtual, as aplicações são reais, observáveis, tangíveis e materializadas em nossos dias. O Poder virtual é real!

Porém, há problemas em pensarmos que as virtualidades superam as relações materiais e interindividuais. Os discursos pós-modernos são bem sedutores (Hardt & Negri se incluem entre eles), por isso, precisamos tomar cuidado com o estruturalismo mascarado dos discursos pós-modernos, que podem nos levar a um relativismo abstrato ou a um dogmatismo idealista. Hardt & Negri (2004) só não nos deixam cair na sedução da pós-modernidade relativista e dogmática por considerarem as relações de poder no interior das relações sociais. A materialidade das relações primária de troca e de produção continua pautada na tecnologia, dinheiro, pessoas e bens; e por isso as relações sociais em sua materialidade conduzem os discursos, e os discursos em suas esferas complementam os sujeitos envolvidos nas relações. A força do signo, da linguagem e da comunicação fazem parte da essência dessa materialidade que coloca o mundo dependente de suas relações e proporções de poder. As manifestações através do signo estão em movimento, como o mundo está se dando (“o mundo não é, o mundo está sendo”- Paulo Freire). E esta perenidade do movimento da materialidade histórica em jogo com o signo ideológico é mais pertinente se os embates ideológicos e materiais se interpenetram desde o micro-social (a palavra) até o macro-social (o Estado). Afinal, “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, 1979, p. 261).

4.3 Os pontos de entendimento no diálogo de Bakhtin com Hardt & Negri.

“Cumpre dizer que tanto o relativismo como o dogmatismo excluem igualmente qualquer discussão, qualquer diálogo autêntico, tornando-os seja inúteis (o relativismo), seja impossíveis (o dogmatismo).”

Dostoievski

A hipótese para trazer o relativismo dos discursos pós-modernos para o chão é aquilo que os discursos de Hardt & Negri já dão pistas: que a ação lingüística é um fato importante para se assentar teorias que não flutuem simplesmente, mas que trabalhem o real das relações (a biopolítica). Nota-se que a visão da filosofia política de Hardt & Negri sobre o global – ou da política da globalização -, através dos conceitos Império e Multidão, alimenta-se da fonte da ação lingüística e do espaço da comunicação, como forças biopolíticas que movimentam o real. Em outras palavras, a materialidade das relações reflete e refrata no signo verbal (ideológico), e são ambos (materialidade e signo) capazes de colocar os discursos pós-modernos no chão da tangibilidade e pertinência. A força da materialidade e do signo é incontestável frente à montagem da História, por estarem indissociáveis. “Um signo é um fenômeno do mundo exterior” (Bakhtin, 1929, p. 33). O signo se dá nas relações, e vice-versa, é material sócio-ideológico e habita todas as atividades humanas; sua ubiquidade social é imensurável, porém detectável a cada território preciso em que há diálogo.

A hipótese lançada no parágrafo anterior é um dos pontos de diálogo entre o que disse Bakhtin e o que diz Hardt & Negri sobre a importância da materialidade das relações sociais para posicionar o valor ideológico e discursivo em um ambiente preciso para que

ocorra a comunicação social, ou seja, a hipótese levanta que as teorias dialogam através de um materialismo histórico; mas há outros pontos de diálogo entre o que eles ponderaram sobre a filosofia da linguagem e filosofia política – ou a política da globalização:

- 1) O papel da linguagem, da ação lingüística e da comunicação é central dentro dos espaços sociais cotidianos e oficiais. Principalmente, nos tempos pós-modernos, em que os meios de comunicação desempenham função fundamental no centro de poder global e capital;
- 2) Ainda há uma dialética marxista clara nos espaços sociais, porém dialógica, ou seja, há uma luta de classes intensa desde o interior da palavra até as disputas políticas da globalização;
- 3) Os sujeitos são co-promotores da história, são a fonte e o filtro do signo ideológico (material e histórico);
- 4) A história é não-linear, descontínua, fragmentada pelos modos de contar da Multidão e do Império – da “ideologia oficial” e da “não-oficial”. E este é um dos pontos principais que dão base para pensarmos juntos com Bakhtin, Hardt & Negri e Rancière o signo “América Latina”
- 5) Há dialogia e movimento no estudo das teorias de Hardt & Negri (2004), e declaradamente em Bakhtin (1929 e 1979), nos dão base para analisar o presente no curso dos acontecimentos.

Nota-se que há diálogo entre as teorias, mas que o ponto nodal entre elas é mesmo a ação lingüística, os atos gerados através da linguagem e da manifestação da língua, que colocam o sujeito-interlocutor como motor das relações históricas, sociais e ideológicas. Tanto em Hardt & Negri, quanto em Bakhtin o sujeito é ator lingüístico, por isso, político e

histórico. E isto faz a diferença, ao pensarmos no caleidoscópio de discursos que se formulam sobre o signo “América Latina”, no atual momento, já que coloca os discursos em pé de diálogo (interlocução) e não de apagamentos e silenciamentos (monologização do signo); assim todos os discursos são promotores de história.

Hardt & Negri (2004) não elaboraram nenhuma teoria lingüística específica, mas reconhecem a pertinência da ação lingüística em toda a instalação de ordem global. Por isso Bakhtin é o teórico da linguagem que aqui serve de interlocutor direto para os estudos da língua em ação, indissolúvelmente ligada à materialidade, sendo um fenômeno do mundo exterior (material), presente em toda interação, portanto, presente em toda forma de manifestação histórica. A conversa entre Hardt & Negri com Bakhtin nos dá uma análise lingüística material-histórica que articula o jogo entre as relatividades das relações sociais e seus variados contextos, trazendo a observação para o chão das atividades humanas e seus modos de comunicação e ação lingüística. E o método bakhtiniano para o estudo da língua é exemplar para observarmos as formas de interação verbal e evolução real da língua seguindo as relações sociais de cada contexto (cronotopo), em três pontos fundamentais:

- a) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
- b) As formas e os tipos de enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
- c) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

É nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função da infra-estrutura), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em conseqüência da interação

verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua (Bakhtin, 1929, p.124).

Em Bakhtin, as formas de interação em ligação com as condições concretas são imprescindíveis como já pudemos observar, porém há um conceito que consegue dialogar com os variados ambientes seguindo apenas três tópicos, que fazem com que o enunciado reflita as condições específicas e as finalidades de cada referido campo de atividade humana. Então, temos um conceito que nos serve para pensar a ação lingüística em seus espaços enunciativos, em seus cronotopos, e preso às suas relações materiais entre interlocutores; e este conceito é justamente o de *gênero do discurso*, de Bakhtin (1979).

O conceito é a ponte que os discursos da filosofia política de Rancière e Hardt & Negri precisam para resolver e observar com maior clareza as ações do signo, da palavra e da ação lingüística que tanto faz parte das suas conceituações. O gênero do discurso em suas três partes complementares, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo verbal, são produtos da materialidade das relações. Mas se pensarmos as relações hoje, elas estão pautadas em picos de poder, segundo Hardt & Negri, espalhadas pelo globo com uma nova roupagem que, entretanto se nutrem da força dos bens, dos sujeitos, das comunicações e tecnologias. As relações sociais e a biopolítica nutrem o motor dessa história contada pela teoria global de ambos, sendo o poder da comunicação algo central na figuração dos espaços políticos e sociais da atualidade.

A síntese política de espaço social é fixada no espaço de comunicação. É por isso que as indústrias de comunicação assumiram posição tão central. Elas não apenas organizam a produção numa nova escala e impõem uma nova estrutura adequada ao espaço global, mas também tornam imanente sua justificação. O poder, enquanto produz, organiza; enquanto organiza, fala e se expressa como autoridade. A linguagem, à medida que comunica, produz

mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas em relação às outras, e ordena-as. As indústrias de comunicações integram o imaginário e o simbólico dentro do tecido biopolítico, não simplesmente colocando-o a serviço do poder mas integrando-os, de fato, em seu próprio funcionamento (Hardt & Negri, 2004, p. 52).

Se a síntese política aponta no espaço da comunicação, parece imprescindível analisar os posicionamentos de dois grandes veículos de mídia – como já sabemos, alguns artigos jornalístico da *FSP* e da agência *CM* - sobre suas formas com que tratam o signo “América Latina”, através de uma perspectiva dialógica que observe os diferentes modos de dizer em ambos veículos sobre o objeto de pesquisa (qual o projeto de dizer de cada um deles), e como se dá este nascimento de fato de uma “história contada por baixo” dentre as teorias de filosofia política que se baseiam na ação lingüística como fonte de batalhas entre os mais diversos estratos sociais; será que este nascimento de discursos cotidianos que movem a história pelas bases está presente na diversidade de textos de dois jornais de mídia oficial no Brasil – *FSP* e *CM*? Sim; se considerarmos Bakhtin (1929): a interação é inteiramente recoberta pelos efeitos do material lingüístico e das consciências dos interlocutores, e vice-versa.

Mundo unipolar ou bipolar?³⁸

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, diante do boicote do governo dos EUA de abastecer o país em suas demandas de defesa, assinou contratos com o governo da Rússia no valor de 3 bilhões de dólares, para comprar 20 caças e 53 helicópteros. O representante do governo Bush, Thomas Casey, porta-voz do Departamento de Estado, criticou a medida, porque ela abre alternativas de defesa para um país acossado pela política

³⁸ 28/07/2006. Agência Carta Maior. Título: Mundo unipolar ou bipolar? Postado por Emir Sader às 11:43. No Blog do Emir.

de Washington, que não resigna aos embargos dos EUA.

O tema é essencial, porque tem a ver diretamente com a luta contra o mundo unipolar, sob a hegemonia imperial estadunidense, que tem levado à multiplicação dos focos de guerra, com os genocídios dos palestinos e dos libaneses como sua expressão mais recente. O ministro da defesa, Waldir Pires, assim como o presidente da Comissão de Relações Exteriores, Roberto Saturnino, ambos do PT, expressaram apoio à atitude do presidente venezuelano.

Saturnino declarou: “Acho que Chávez tem procurado diversificar os pólos do mundo. Todos nós ficamos preocupados com essa unipolaridade, vivida hoje, depois do fim da União Soviética. É claramente um movimento do presidente Chávez de afronta aos EUA”.

Já o deputado Alceu Collares, do PDT, presidente da Comissão de Defesa da Câmara, criticou a compra da Venezuela: “Toda corrida armamentista teve pretexto de auto-defesa e modernização de equipamentos. É o velho discurso”, disse o parlamentar gaúcho, para espanto do velho Brizola, se estivesse vivo. Sem se dar conta disso, Collares disse: “Chávez é um brutamontes (sic!) com ampla capacidade de comunicação com os pobres”. “Na cabeça dele, deve haver planos mais ousados.” “É preocupante esse exibicionismo da liderança de Chávez.”

Brizola e Getúlio, desde São Borja, tremeram nos seus túmulos. É um tema que separa direita – unipolar – e esquerda – multipolar – no mundo de hoje.

Mais do mesmo. No mundo dito globalizado nas tentativas de fazer resistência se desenvolvem na mesma moeda. Olho por olho, armas por armas. O título faz a crítica a ambas as visões de mundo. Nem defende Chávez, muito menos Bush. Critica a falta de visão dos políticos, deixando-os falar; porém o título já condena qualquer visão que não seja mais abrangente, que as perspectivas do imperialismo ou do socialismo chavista. Sader crítica a busca da bipolaridade pelo viés do discurso que a unipolaridade imperialista imprime sobre o globo: a corrida armamentista.

Interessante como os discursos passeiam nas mídias pelos mesmos temas, mas o tema da política voltou a apaixonar o povo latino-americano, já que as várias tentativas desde os anos sessenta foram obliteradas. Porém hoje volta com mais força e alimenta os

povos com discursos e alternativas de mundo. A unipolaridade do mundo incomoda o latino-americano, surge com ele uma tentativa de renovação dos moldes políticos através de voto direto e manifestações discursivas e sociais. Na *FSP* e na *CM*, os discursos da AL estão circulando com maior frequência em temas ligados à política global, local e regional. O Império ampliou o poder relacional dos povos. As relações estão mais poderosas desde o cotidiano até as cúpulas de comércio (Lula, Chávez, Evo estão presentes em quase todas as reuniões de cúpula da FEM – Fórum Econômico Mundial). Vivemos um momento diferenciado e propício a mudanças da AL; para o mundo e para si mesma.

Capítulo Último

A Litigiosidade da Dialogia Atu(AL)

“Diante da questão que se coloca a todos os humanos, da relação entre a identidade e a diferença, entre o eu e o outro, entre princípios opostos, não há apenas uma resposta possível. As diferenças podem ser anuladas, pela obliteração de um pólo, pelo englobamento, pela hierarquia, pela diluição. Ou podem ser mantidas, ampliadas, multiplicadas, e seus movimentos recíprocos ser considerados mola mestra de tudo, condição de existência de tudo. Os ameríndios optaram por essa última possibilidade lógica. Elegeram a diferença, ou, melhor dizendo, a diferença, como princípio” (Perrone-Moisés, 2006, p.245).

“no será el extranjero el que nos hace
conscientes de que también nosotros somos la
morada de lo ausente?”

Eliana Maria de Melo Souza

5.1 A di(AL)ogia dos litígios cotidianos

O nó dos diálogos de Bakhtin (1929 e 1979) com as teorias da Filosofia Política (Rancière, 1996 e 1999) e da Política da Globalização (Hardt & Negri, 2004) não poderia ser outro: o nó lingüístico. O pensamento bakhtiniano ganha fôlego na interlocução com essas teorias atuais, nos legando a fecundidade do signo verbal como arena primeira dos desentendimentos político-sociais, desde os diálogos de encontros fortuitos do cotidiano até as esferas mais complexas, desenvolvidas e organizadas de comunicação discursiva oficial.

Bakhtin nos emprestou lentes para olharmos o movimento das relações concretas da realidade, os jogos sociais e as interações verbais, através das dialogias discursivas. Já Rancière inseriu um modo novo de pensar a política e as relações; modo muito complementar ao pensamento bakhtiniano já que entende o conflito, o desentendimento, como a fonte da natureza político-social detectável pela língua. A natureza política se manifesta em litígio, portanto, desde o simples enunciar até as discussões em foros oficiais. Todo enunciado é de natureza dissensual, já que o dizer se dá *a priori* pela necessidade de entendimento entre os interlocutores desentendidos. O que nos leva a dizer que não há compreensão plena entre falantes, o que pode haver é um entendimento diplomático e provisório; afinal, o signo verbal é uma ferramenta ideológica, portanto, imperfeita (é o dano primevo das relações políticas, refletindo e refratando sentidos ideológicos da sociedade).

Se pensarmos a partir de Ponzio (1998) o que Rancière e Bakhtin instituem como teoria conjunta no nível da Filosofia é a dialogia da alteridade, em que a natureza irreduzível do Outro é a barreira promotora da linguagem, já que não haveria necessidade

de dizer se Outro concordasse e compreendesse plenamente o dito pelo Eu. Porém há a refração, além das variadas formas de reflexão do dizer que esbarra na alteridade irreduzível de cada sujeito. As combinações do signo ganham proporções imensuráveis no jogo social de interações das mais variadas.

Mas para estabelecer um teto para as possíveis combinações do signo, Hardt & Negri (2004) trouxeram uma visão global da atualidade política dos jogos sociais da infraestrutura à superestrutura. O Império se demonstrou eficaz como conceito teórico que sintetiza tais jogos. Eficaz, por considerar o hibridismo das relações de poder que movimentam o Império, relações que aparecem com força por um dos centros de poder (o da comunicação) que mais deslocam a ideologia oficial. O signo “América Latina”, pensado por uma óptica que vê aberturas e hibridismos no discurso oficial causadas pela força da multidão (através da ação lingüística) caminha para atestar a natureza ubíqua do signo verbal, como potente ator transformador, e não mais como privilégio de uma classe social de letrados e políticos (como Rama, 1984, bem nos alertou).

A teoria de Bakhtin, aqui, teve interlocução profunda com Hardt & Negri no ponto da ação lingüística, como ato verbal, político, ideológico e histórico. Se observada a ação lingüística pode-se caracterizar o pano de fundo como situação social concreta e real. Mas para tanto, há um modo de visualizar a ação lingüística em um território preciso, em uma esfera de comunicação discursiva, como se fossem tipos de enunciados relativamente estáveis da língua, que estejam em movimento no jogo dialógico dessas relações de poder.

Alta do petróleo terá impacto político na AL ³⁹

³⁹ 26/09/2005. Publicado na FSP. Título: Alta do petróleo terá impacto político na AL. Autor: Iuri Dantas – Enviado da FSP em Washington.

“A pressão inflacionária da alta do preço do petróleo no mercado internacional provocará mais um ano de forte restrição fiscal para evitar altas dos índices de preços, com especial impacto político na América Latina, onde haverá eleições gerais em 13 dos 16 países, incluindo o Brasil. (...) A avaliação, feita ontem pela agência de avaliação de risco Fitch, sugere que se a cotação do barril permanecer no patamar de US\$ 70, o crescimento da economia mundial amargará uma redução de um ponto percentual, ou mais.”

Os temas que circularam em maior número nos jornais foram os ligados a questões políticas. Olhar o signo América Latina hoje requer uma esfera de informações políticas envolvendo questões internacionais e alianças econômicas. O Petróleo é um assunto ligado ao tema recorrente nos jornais de pressão internacional. E este tema é realmente bem freqüente nas esferas de discursivas que trabalham a notícia sobre AL.

Os discursos circulam em uma esfera de mídia que interferem no como ele diz e divulga a notícia dos fatos. Essas esferas discursivas das mídias auxiliam na análise dos discursos:

Quadro das Esferas de Circulação, Recepção e Produção da *FSP* e da *CM*

Folha de São Paulo – <i>FSP</i>	Agência Carta Maior - <i>CM</i>
Distribuição: Nacional	Distribuição: Nacional e Internacional
Exemplares: 360.994 (domingos) e 287.842 (dias úteis)	Não distribui exemplares impressos
Leitores: 1.824.000	Leitores: cerca de 60 mil visitas diárias
Suporte: Jornal Impresso	Suporte: Página da web (na rede mundial de computadores)
Como se auto-denomina: “O jornal mais influente do Brasil (pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independente).” “1976 - É criada a seção "Tendências/Debates", pautada pelo princípio da pluralidade. A publicação de artigos de todos os matizes ideológicos desempenha papel importante no processo de	Como se auto-denomina: “Nosso compromisso é contribuir para desenvolver um sistema de mídia democrática no Brasil e, de modo mais amplo, trabalhar pela democratização do Estado brasileiro, pelo fortalecimento da integração sul-americana e de todos os movimentos que lutam pela construção de uma globalização solidária.” (...) “se tornou uma referência obrigatória de

<p>redemocratização do Brasil.”</p> <p>“1981 - Em junho, documento de circulação interna surge como a primeira sistematização de um projeto editorial. O texto fixa três metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões.”</p> <p>“1984 - É publicado o primeiro Projeto Editorial, que defende um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno.”</p> <p>“1991- O noticiário é reorganizado em cadernos temáticos. A Folha é o primeiro órgão da imprensa brasileira a pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, que renuncia no ano seguinte.”</p> <p>“1992 - O empresário Octavio Frias de Oliveira passa a deter a totalidade do controle acionário da companhia. A Folha se consolida como o jornal com a maior circulação paga aos domingos (média de 522.215 exemplares).”</p> <p>“1997 - O jornal publica a versão mais recente de seu projeto editorial, que propõe seleção criteriosa dos fatos a ser tratados jornalisticamente, abordagem aprofundada, crítica e pluralista, texto didático e interessante.”</p> <p>(www.folha.uol.com.br)</p>	<p>cobertura e análise jornalística crítica de fatos e movimentos ignorados ou distorcidos pela <i>mainstream media</i>.”</p> <p>(...) “Temos a convicção de que a tarefa estratégica de democratização da mídia não pode se restringir à esfera nacional. O novo mapa político que começa a se desenhar na América Latina, com a eleição de governos progressistas no Brasil, Argentina, Venezuela e Uruguai, abre novos e desafiadores espaços para a tarefa de democratizar a mídia no continente. Afinal de contas, um verdadeiro processo de integração latino-americana passa, entre outras coisas, pela construção de uma rede de comunicação que ajude a diminuir as distâncias entre nossos povos e culturas e mostre a natureza comum de muitos dos problemas sociais que caracterizam nosso continente. Acreditamos que esse trabalho é possível e, cada vez mais, necessário.”</p> <p>(www.cartamaior.com.br)</p>
<p>Anos de veiculação: 86 anos (desde 1921)</p>	<p>Anos de veiculação: 6 anos (desde 2001)</p>
<p>Principal pólo de recepção e resposta do leitor: Painel do leitor, na terceira página do jornal diário.</p>	<p>Principal pólo de recepção e resposta do leitor: Carta do Leitor, com link na página do artigo, e link para comentários sobre o artigo logo abaixo do artigo.</p>

As esferas de circulação, produção e recepção das duas mídias diferem bastante no propósito político, nas convicções, no formato, no histórico e veiculação, mas apesar da distância no alcance no número de leitores diários ser muito favorável a FSP (cerca de 1 milhão e 800 mil leitores diários, em comparação com os 60 mil da *CM*), não há muitas

diferenças no público leitor da *CM* e a *FSP*, pois é um público comum que está em busca de informações políticas atualizadas, portanto um público mais intelectualizado historicamente constituído no Brasil, pertencente em sua maioria às classes média e média alta (Classes A, B e C em mais de 80 %).

As pistas discursivas de cada editorial – tanto da *FSP* quanto da *CM* – são marcadas pelas convicções particulares e de interesses em cada jornal, mesmo que a máxima jornalística sempre diga que um noticiário deve ser sempre imparcial e apartidário. Porém, no enunciado sempre haverá pistas do estilo verbal individual em primeira instância e posteriormente da estrutura composicional, e do imaginário construído em torno do veículo de circulação de informação. Um dado, que pode ser sintomático está no fato da *FSP* ter como seu editor chefe e herdeiro um empresário e jornalista, que traz seu nome vinculado às notícias contidas no jornal, do qual é também seu maior acionista. As cargas de responsabilidade social em cima de Otávio Frias Filho fazem com que o jornal circule em uma esfera de discursos e ideologia oficiais, apontando-o como “o jornal mais influente do Brasil”, ainda mais sintomático no contexto da América Latina historicamente erguida por clientelismos, nepotismos, hierarquizações, aristocracias, oligarquias, colonialismos e exploração humana. Por outro lado, o apartidarismo da *CM* não é o foco de seus articuladores e colaboradores; é declarado a convicção política de integração da América Latina através de uma globalização solidária em seus artigos. E embora, os articulistas da *CM* sejam também em grande número os mesmos da *FSP*, o discurso modifica de acordo com o veículo de mídia – a esfera discursiva. Mas há algo mais em comum: os articulistas de ambos os veículos informativos são em sua grande maioria intelectuais renomados – na Carta Maior, por exemplo, entre os colunistas e colaboradores, estão nomes de destaque da intelectualidade brasileira e internacional, como os sociólogos Emir Sader, Boaventura de

Sousa Santos e Francisco de Oliveira, o economista Paulo Nogueira Batista, o cientista Político José Luís Fiori, o escritor uruguaio Eduardo Galeano, Ignacio Ramonet, Luiz Gonzaga Belluzzo, Flávio Aguiar, Bernardo Kucinski (licenciado), Marcio Pochmann, Maria Rita Kehl, Francisco Teixeira, Carlos Eduardo Carvalho, Juarez Guimarães, Moacir Gadotti, Mauro Santayana, Gilberto Maringoni, Leonilde de Medeiros, Faustino Teixeira, Venício Lima e Enio Squeff, e mais uma centena deles preocupados com a democratização da mídia, a integração latino-americana e globalização solidária.

Analisando o conteúdo temático das notícias da *CM* e da *FSP*, foi possível catalogar os temas em três núcleos recorrentes no modo de enunciar “América Latina”. Vejamos o quadro que trata dos temas mais recorrentes que aqui pautamos em três núcleos:

Gênero Notícias da <i>FSP</i> e da <i>CM</i>	
Tema geral	Assuntos mais frequentes relacionados ao tema geral
Pressão Internacional	Mercosul; ALCA; ALBA; Conselho de segurança da ONU; OMC; Bird; Chaves e o Anti-Imperialismo; Evo e a crise do gás; eleições de presidentes socialista na AL; etc.
Questão Agrária	Bolívia e a Coca; Venezuela e as expropriações de latifúndios; Brasil e os assentamentos; etc.
Narcotráfico	Colômbia e as Farc’s; Evo e os cocaleiros; Lula e o PCC; México e a fronteira estadunidense; etc

Conteúdo Temático	Data	Órgão divulgador/ Título das Reportagens
Pressão Internacional	26/09/2005	[FSP] Alta do Petróleo terá impacto político na AL
	30/10/2005	[FSP] Contra Bush, Chávez vai a ‘anti-cúpula’
	17/08/2006	[FSP] Negócios à parte
	18/08/2006	[FSP] EUA quem que Brasil pressione Cuba
	11/12/2006	[CM] Modelo de integração física segue polêmico na América do Sul
	20/12/2006	[CM] As “surpresas” da América Latina

Questão Agrária	07/10/2005	[FSP] Caracas vê até 80% das terras improdutivas
	06/11/2005	[CM] País (Brasil) tem o maior projeto de reassentados da AL
Narcotráfico	28/12/2005	[FSP] Ataque das Farc's mata 24 militares colombianos
	30/06/2006	[CM] Narcotráfico é maior desafio para novo presidente
	17/08/2006	[FSP] Uribe captura principais lideranças paramilitares
	19/12/2005	[FSP] Morales eleito Presidente em primeiro turno

O conteúdo temático das notícias circulou em três principais temas - Pressão Internacional, Questão Agrária e Narcotráfico – que abriram diálogo com outros assuntos e temas que estão em disputa na América Latina. Os três temas principais, foram escolhidos por indicarem três vias de discussão recorrentes na AL, e são também três pistas de traços identitários do signo nos discursos trabalhados pelas mídias.

Sob o primeiro (Pressão Internacional) está a latência das discussões e discursos sobre globalização, economia e mercado atuais. Discute-se a dialogia da atualidade, o presente em movimento, os rumos da ordem mundial e local através das economias e políticas oficiais internacionais. Abre-se margem para a pressão externa que a AL sofre historicamente por ter sido colonizada, e posteriormente permanecer dependente de capitais externos e políticas de salva-guardas de organismos internacionais. O tema da pressão internacional sobre a AL foi o mais abordado pelas notícias do jornal *FSP* nos anos de 2005 e 2006. A grande maioria das notícias que enunciavam “América Latina” podem ser catalogados entre os assuntos pertinentes ao tema (das 632 reportagens, 78% - 492 - discutiam pressão internacional). Na *CM* a ocorrência foi menor (das 435 reportagens, 63% - 274 - dos artigos de notícia tratavam das questões de pressão internacional). Os números

mostram como a AL anda interessando ao centro de poder financeiro, como mercado consumidor emergente e vivo espaço político-geográfico.

Sob o segundo tema (Questão Agrária) estão as discussões sobre latifúndios, expropriações, apropriação e uso da terra na AL desde Chiapas no México às serras bolivianas no cultivo da coca. A questão agrária na AL coloca os discursos em um nível correspondente às políticas de terra da Idade Média, pois apontam um uso e *adonamento* da terra ainda em moldes medievais. Nitidamente, o tema da questão agrária é tratado nas notícias como se a questão agrária na América Latina ainda estivesse na era medieval. Onde os latifúndios são feudos, já que a maioria das terras da AL estão nas mãos de um número muito pequeno de famílias, pois em sua maioria foram privilegiadas pela colonização dos séculos XV e XVI (na AL 90% das terras estão nas mãos de 100 mil famílias, enquanto a população da AL é de mais de ½ bilhão de habitantes). A problemática da questão agrária é grave na AL, é um dos temas que nos une, como povo latino-americano, e envolve uma ampla gama de desentendimentos discursivos históricos e atuais (como o MST no Brasil e os cocaleiros na Bolívia). A questão agrária constantemente nos faz recordar o passado dependente e colonizado que AL tem como traço histórico nos discursos da mídia, até mesmo quando a discussão parece apenas diplomática, o que se discute de fundo é também a questão agrária indissolivelmente ligada às pressões internacionais (no caso da crise do gás entre Brasil e Bolívia, em maio de 2006, causada pela re-nacionalização das reservas naturais e minerais do solo boliviano).

Já sob o terceiro tema (Narcotráfico) as discussões são interligadas aos dois temas anteriores, porém há o fato novo muito relevante, já que a questão do narcotráfico na AL dialoga com questões morais e culturais (o uso da coca pelos nativos bolivianos, por

exemplo, não é imoral, mas necessário para a sobrevivência em grandes altitudes nas proximidades com a Cordilheira dos Andes; a imoralidade de seu consumo desnecessário está mais ligada ao modo de vida urbano, ao modo de vida de primeiro mundo; há uma diferenciação clara e enorme entre o uso da coca e da cocaína). O narcotráfico é um tema constantemente levantado como traço identitário da AL, porém a questão é muito mais moral do que política (pensemos política como polícia, na conceituação de Rancière, como ordem pública reguladora dos desvios). Por trás do pano de fundo de uma discussão de polícia (Rancière) há uma luta contra o modo de vida dos povos autóctones e suas práticas culturais; sob o tema do narcotráfico está aparecendo um conjunto histórico que está em movimento, onde há o confronto de dois lados discursivos e ideológicos já bem conhecidos – o da ideologia oficial que quer apagar culturas e vozes para manter a opressão na região e o da ideologia do cotidiano, que aponta em manifestações como as dos cocaleiros da Bolívia ocorridas durante o ano de 2006⁴⁰. Interessante, que as discussões culturais e de movimentos sociais que aparecem na maioria dos artigos de notícia da *FSP*, nos anos de 2005 e 2006, são vinculadas sintomaticamente ao narcotráfico, a questão agrária e inoperância frente às pressões internacionais. Ou seja, os discursos de força popular e ideologia do cotidiano que circularam na *FSP* apareceram na superfície das notícias em sua maioria como caso de polícia (Rancière).

A questão moral, por trás do pano de fundo, do tratamento dado ao narcotráfico na América Latina também transparece pelos dois outros temas gerais (do conteúdo temático das mídias nos gêneros de notícia da *CM* e da *FSP*). Na superfície do tratamento dos assuntos e fatos jornalísticos encontramos os enunciados das reportagens, em seus títulos e subtítulos, que já indicam pistas para a espécie de tratamento dado pela *FSP* e pela *CM* ao

⁴⁰ Reportagem da *FSP*, do dia 30 de outubro de 2005, sobre a eleição em primeiro turno de Evo Morales na Bolívia e a ligação do novo presidente com os cocaleiros.

signo “América Latina”. Na *FSP*, por exemplo, os líderes políticos latino americanos, são associados nos artigos a políticas anti-desenvolvimentistas, inábeis, corruptas e/ou anti-democráticas em quase toda reportagem que evidencia o chamado constante das pressões internacionais sobre as políticas da América Latina.

O signo “América Latina” quando enunciado pela *FSP* está encoberto de atuais (novas) e históricas (velhas) roupagens, mas por trás do pluralismo jornalístico e do apartidarismo político fica cada enunciado mais nítido que pode estar promovendo uma ilusão de óptica no público leitor: ao dizer que faz um jornalismo imparcial, pode, na realidade, estar ajudando a manter os discursos muito bem cercados pela monologia, que a ideologia oficial sempre procura impor sobre as outras forças produtivas do cotidiano. Ironicamente, o pluralismo de suas reportagens pode estar a serviço da monologia, já que o número exacerbado de notícias em torno do signo “América Latina” na *FSP* tratam em sua maioria (83%) sobre ordem do mercado internacional, economia globalizada, políticas neoliberais (pressões internacionais) que caracterizam o mesmo discurso unipolar surgido após a queda do muro de Berlim em 1991, fazendo coro ao discurso em voga da ideologia oficial: o Império. Na *FSP* o signo América Latina é trabalhado muito mais como bloco econômico, do que lugar de culturas heteróclitas; e isto, ajuda a promover o distanciamento das culturas e facilita o apagamento de seus traços morais em detrimento de uma ordem mundial monológica. Uma alternativa ao monopólio dos discursos políticos e econômicos nas notícias sobre a América Latina, seria o aparecimento em maior número de manifestações culturais e artísticas (do que os pífios 2% de notícias culturais e artísticas sobre AL, na *FSP*), o que poderia abrir os olhos do brasileiro em relação às culturas continentais que o circundam. Mas não, os interesse da *FSP* são outros: os de mercado, no mínimo.

A agência *CM* oferece algumas alternativas ao discurso da *FSP*, trata de assuntos culturais em maior número, mas será o suficiente para quebrar a ilusão de óptica da *FSP*? Dificilmente a *CM* solitária responderia a tal pergunta. Contudo, levemos em consideração que a *CM* é a contrapalavra “oficial” da *FSP*⁴¹, e é o espaço na mídia para os discursos outros que não cabem na *FSP*. A *CM* oferece ao leitor o complemento da notícia da *FSP*, conseqüentemente democratiza o espaço da mídia. Mas a *CM*, sem o contrapeso da *FSP*, é apenas um meio de notícia partidário, perdido entre tantos outros que precisariam ser ouvidos já que contribuem para a realidade ser plural e dialógica.

Nota-se que tanto pelas reportagens da *CM* quanto pelas da *FSP* que os dissensos discursivos estão ocorrendo diariamente, como notícias, enunciados e fatos cotidianos. Os quadros acima servem para atestar o intenso movimento discursivo do mundo, promovido por litígios novos e emergentes dentro da América Latina ou sobre ela. Os quadros servem para vermos que a dialogia das relações na América Latina está se fazendo por relações de luta, por relações tensas, por relações de conflito e poder desde o interior do signo.

⁴¹ A Agência Carta Maior, estava até fevereiro de 2007 atrelada aos interesses do Grupo Uol e da Folha de S.Paulo. O que nos deixou apenas com a sensação de que os “discursos outros” sobre o signo, América Latina, não se compunham das verdadeiras vozes do cotidiano. A *CM* apenas foi durante muito tempo uma contrapalavra ligada aos “sistemas ideológicos constituídos”, como prefere Bakhtin. Portanto, a palavra democracia e democratização dos meios de mídia, apenas nos serve de falsa idéia e ilusão da realidade.

CONCLUSÃO

“As noites estão grávidas e ninguém sabe o dia que nascerá”.
(Provérbio Turco)

Definir um continente inteiro em apenas uma única forma é continuar contando a história de modo tradicional, linear e atrasado (como vimos, modo nada incomum ao tratamento dado à América Latina em muitas notícias). Assim como pensar o conjunto das nações da América Latina como “um espaço de tanta heterogeneidade”, e por isso tentar enfatizar em cima dessa heterogeneidade uma unidade – como se o fato de serem heterogêneas em diversos aspectos lhe causassem alguma unidade – pode ser interessante; pois, por um lado, é possível que essa idéia de mistura (quimera) cause alguma sensação de identificação entre dessemelhantes; mas por outro, a quase obviedade dessa caracterização heteróclita dos países latinos americanos não parece ser interessante para nações que passaram por processos históricos que nunca foram óbvios.

Nossa atualidade parece se guiar por duas grandes fontes motrizes de ideologia e história: a economia e a mídia⁴². E elas devem ser consideradas e amplamente estudadas, porém, precisamos pensar primeiro o papel do signo *monologizado* por interesse de determinada classe social, aquela que detém o discurso formador e

⁴² Lembrando que para Hardt & Negri, a mídia e a política econômica ficam no centro dos lugares de poder. Segundo eles, essas são duas fontes imprescindíveis para a dinâmica daquilo que se configura na atualidade político-econômica global, como conceito de Império. Conceito que nada exclui e que rompe receitas antigas, dizendo que o imperialismo acabou e que as hegemonias estão prestes a saírem do palco. Dizendo que há centros de poderes (e não mais um hegemônico), que se distribuem em redes, formando uma espécie de poder capilar. (HARDT, M. & NEGRI, A. Império: tradução de Berilo Varga. – 6ª edição- Rio de Janeiro: Record, 2004.)

direcionador de opinião, *a classe dona do discurso*, a qual propõe os limites ideológicos e disciplinares para a geografia e a história latino-americana. Em outras palavras, a economia e a mídia tradicionalmente definem e delimitam os termos dentro da América Latina⁴³, a partir da monologização do signo dentro do qual poderia se constituir a América Latina: a da subalternidade.

Por isso, pensar um espaço de tanta heterogeneidade sob a forma de uma unidade-categoria da identidade tão criticada por Ponzio (1998) - continental subalterna é permanecer distante e inerte dos processos históricos na América Latina. Mas a quem pode interessar ocultar e permanecer distante de um estudo mais abrangente, profícuo e verdadeiro que conote a heterogeneidade da América Latina plurivalente? Apenas aos que assassinam o signo tornando-o monovalente, um sinal. Papel monstruoso da *classe dona do discurso*, a que Angel Rama teria chamado de *letrados*, os que viviam e ainda vivem na “cidade das letras”, que têm interesse em estagnar o signo, para que este não sofra revoluções diárias em seu governo.

Entretanto, o signo é, por natureza vivo e móvel, plurivalente; *monologizá-lo* é contar muito parcialmente a história. Quando surgiu a pergunta: como estudar o signo América Latina na perspectiva de uma teoria histórica descontínua⁴⁴, que rompa com a história tradicional para que a “história de baixo” também seja ouvida e contada, sem que haja maiores silenciamentos de vozes e culturas; e para que nos serviria uma lingüística (ou

⁴³ Os artigos sob o tema “pressão Internacional” na maioria da *FSP* trataram a América Latina como lugar e espaço político-econômico sem ordem.

⁴⁴ A descontinuidade histórica dos fatos alavanca a construção de uma visão teórica do mundo mais próxima ao real. Jacques Derrida, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Jacques Le Goff são pilares da filosofia contemporânea para o entendimento de uma “nova história”, que considera as múltiplas fontes de vitalidade da realidade material, não se pretendendo somente ouvir as vozes de uma classe social, quebrando com isso uma visão romântica, burguesa, monológica e hegemônica sobre a construção histórica do real. Aliado a *descontinuidade* histórica, os conceitos bakhtinianos de filosofia da linguagem dão aos estudos sobre a América Latina um aporte maior para vislumbrar a heterogeneidade de vozes e discursos variados e opostos - polifonia e heteroglossia - que constituem dialogicamente a materialidade histórica.

melhor, dizendo, uma filosofia da linguagem) dialógica e materialista de Bakhtin nessa nossa leitura sobre América Latina? A resposta foi rápida.

Em qual filosofia, senão a do círculo de Bakhtin, poderíamos abrir o signo para “tanta” heterogeneidade, sem cair na obviedade já citada: fruto talvez de análises dialeticamente simplórias, que exploram apenas as contradições dos processos históricos da América Latina como se fossem causa e consequência, ou de atropelamentos das multiplicidades de todas as coisas por duvidosas “urgências humanas” em estabilizar ou estruturar (congelar) o que não é estável e congelado; ou ainda de acomodações de em um materialismo objetivista a fim de expor as nações latino-americanas aos diversos carimbos já ultrapassados: como “subalternas” e/ou “sem identidade”?

A filosofia bakhtiniana é fecunda e prova seu potencial nos diálogos com a atualidade material histórica, conjuntamente com as teorias (Rancière, Bakhtin, Ponzio e Hardt & Negri) que esta dissertação se propôs a pensar os discursos tensos que envolvem o signo “América Latina”. Pensar o signo, não requer simplesmente pensar a identidade deste signo, mas refletir as possibilidades de utilização dele no processo de dialogia social, no encontro dele com suas alteridades, com seus contatos concretos de cada embate social. O signo se faz no jogo social, se retorce, estica e avança na interação da vida cotidiana; o que parte das mídias andam fazem é reduzi-lo a uma centelha de signo, a um quase sinal ideológico; que no caso do signo “América Latina”, já nos cansamos de ouvir quais são as identidades e estereotipagens que são coladas ao signo (dependente, colonizado, subalterno, ou até mesmo mais atualmente, o signo é identificado como emergente). O signo “América Latina” hoje passeia com maior liberdade pelos foros de discussão, mas ainda é observado com os mesmos metros e medidas dos colonizadores. A ruptura dessas

visões virá com uma visada dialógica, atenta às movimentações de litígio e de tensões no ambiente discursivo.

O signo “América Latina” está grávido de futuro, de tantas tentativas discursivas promissoras e litigiosas que recorrentemente os meios oficiais e não-oficiais, de nossa dialógica atualidade material-histórica, insistem em proferir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. (1979). **Estética da Criação verbal**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CLARK, K. & HOLQUIST, M. (1984). **Mikhail Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1998.

FOUCAULT, M. (1969). **A arqueologia do Saber**. Trad. Brás. Luis Felipe Baeta Neves. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. (1979). **Microfísica do Poder**. Trad. e organização de Roberto Machado. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FLÓREZ, Mercedes Arriaga. Prefácio - Augusto Ponzio y Bajtín: el humanismo de la alteridad. In: PONZIO, A. **La Revolución Bajtiniana**. 1ª ed. Madrid. Ediciones Cátedra S.A., 1998.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: **Ciências Humanas e pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo, Cortez, 2003.

GALEANO, E. (1976). **As Veias abertas da América Latina**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GERALDI, João Wanderley. (2003a) A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In.: FREITAS, M. T. & JOBIM e SOUZA, S. & KRAMER, S. **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (2003b). Depois do “Show”, como encontrar encantamento? In.: **Cadernos de Estudos Lingüísticos (44)**, Campinas, p. 251-261, Jan/Jun.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. 1ª ed. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUIMARÃES, E. **Interpretar Língua e Acontecimento**. In: Revista Brasileira de Letras, Vol. 1, Nº1, São Carlos: Departamento de Letras-UFSCar, 1999, p.19-23.

_____. **Semântica do Acontecimento**. Um estudo enunciativo da designação. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

HARDT, M. & NEGRI, A. **Império**. tradução de Berilo Varga. – 6ª edição- Rio de Janeiro: Record, 2004.

LE GOFF, J. **A história nova**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Memória e História**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. 10ª ed. Trad. Bras. Wilson Martins. São Paulo: Anhembi, 1957.

_____. **Histoire de Lynx**. 5ª ed. Paris: Plon, 1991.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**/ Tradução Maria Leonor F.R Loureiro – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. (1997). 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MIOTELLO, Valdemir. **A construção turbulenta das hegemonias discursivas: Discurso Neoliberal e seus confrontos**. Tese (doutorado) – Unicamp. Campinas, SP, 2001.

_____. Os Discurso Hegemônicos são turbulentos. In: **Quimera** e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin. Miotello... [et al.]. 1ª ed. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE, 2004, p. 63 – 73.

_____. A questão dos discursos fundadores com os discursos formadores.

In: **Triboluminescência** – Hegelianos e Bakhtin ainda à sombra. Miotello... [et al.]. 1ª ed. São Carlos: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGE, 2005, p. 271- 282.

_____. De objetos a sujeitos – sentidos para os caminhos do humano do homem. In: **Veredas Bakhtinianas** - De objetos A sujeitos. Miotello...[et al]. 1ª ed. São Carlos: Pedro & João editores, 2006.

NEGRI, Antonio. **Global: biopoder e lutas em uma América Latina globalizada/** Antonio Negri e Giuseppe Mario Cocco; tradução Eliana Aguiar. 1ªed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NIETZSCHE., F. **Além do Bem e do Mal: pelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução Paulo César de Souza. 10ª ed. São Paulo: companhia das letras, 2005.

_____. **Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é.** Tradução Marcelo Backes. 7ª ed. Porto alegre: L&PM, 2003.

NOVAES, Adauto. Perto de um mundo distante. In: **Oito visões da América Latina.** Adauto Novaes (Org). 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 9 –21.

ORLANDI, Eni P. **Maio de 68: os silêncios da memória.** In: Papel da memória. Pierre Achard...[et al.]; Tradução e introdução José Horta Nunes. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. P. **Interpretação.** 1ª ed. Petrópolis, Ed.Vozes.1996

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira /** Octavio Paz. Tradução de Olga Savary - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PÊCHEUX, Michel. (1983) **O Discurso: estrutura ou acontecimento/** Michel Pêcheux; tradução Eni Pucinelli Orlandi. – 3 edição – Campinas, SP: Pontes, 2002.

PERRONE-MOISÉS, B. Mitos ameríndios e o princípio da diferença. In: **Oito visões da América Latina**. Aduato Novaes (org). São Paulo: Senac, 2006, p. 241-257.

PONZIO, Augusto. **La Revolución Bajtiniana**. El Pensamiento de Bajtín y la Ideología Contemporánea. Madrid, Ediciones Cátedra, 1998.

RANCIÈRE, J. **Dissenso**. In: Crise da Razão. (org) Aduato Novaes. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. **O Desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.

RAMA, A. (1984). **A Cidade das Letras**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

SADER, E. Encontros e Desencontros. In: **Oito visões da América Latina**. Aduato Novaes (org). São Paulo: Senac, 2006, p. 177 –190.

SILVESTRE, Kátia Vanessa Tarantini. **Política da Diferença: o Contra-Império desde a ação lingüística**. Dissertação (Mestrado em Lingüística -PPGL) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

Fontes eletrônicas – Sites de Internet:

Notícias coletadas no período de março de 2005 a janeiro de 2007 das páginas:

DANTAS, Uri .Título: **Alta do petróleo terá impacto político na AL**. Publicado na FSP. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 26/09/2005.

FOLHA DE SÃO PAULO - Sucursal de Brasília.Título: **Lista é liderada por países fortes em inovação**. Publicado na FSP. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 29/09/2005.

MAISSONNAVE, Fabiano. **Título da reportagem: EUA querem que o Brasil pressione Cuba por abertura.** Responsável por América Latina e no Departamento de Estado nega intervenção Thomas Shannon defende embargo econômico sobre Havana e diz que aliança entre Chávez e Fidel "não preocupa" Washington. Caderno Mundo *FSP*. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso: Sexta-feira, 18 de agosto de 2006.

_____. **Título da reportagem: Morales é eleito presidente em 1º turno.** Fato inédito na história da Bolívia, vitória de cocaleiro, com 50,5% dos votos, leva um indígena à Presidência. Caderno Mundo da *FSP*. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 19/12/2005.

PRADO, Maeli. **Título: Contra Bush, Chávez vai a 'anticúpula'.** Conflito entre presidentes dos EUA e Venezuela deve ter destaque em reunião de Mar del Plata. Publicado na *FSP*. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2005.

ROMERO, Simon. **Título: Negócios à parte.** Apesar da retórica, comércio entre Venezuela e EUA sobe. In: Caderno Mundo da *FSP*, reportagem de: Simon Romero do "New York Times", em Caracas, capital venezuelana. Tradução de: Clara Alain. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>> Acesso em: quinta-feira 17 de agosto de 2006.

ROSSI, Clóvis. **Título da reportagem: Caracas vê até 80% das terras 'improdutivas'.** Origem do texto: *FSP*. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 07/10/05.

ROSSI, Clóvis. **Colômbia. Uribe captura as principais lideranças paramilitares.** Caderno Mundo *FSP*. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: quinta-feira, 17 de agosto de 2006.

SADER, Emir. **Título: Mundo unipolar ou bipolar?** Agência Carta Maior - No Blog do Emir. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br>>. Acesso em: 28/07/2006. Postado por Emir Sader às 11h43min.

VALDOMIR, Sebastián. Título: **Modelo de integração física segue polêmico na América do Sul.** Publicado na Carta Maior. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br>>. Acesso em: [11/12/2006](#).

_____. Título: **Tensão entre vizinhos.** Presidente pede a colegas da AL que parem de ‘remoer’ o passado. Folha Dinheiro. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: Domingo, 14 de maio de 2006.

VELÁSQUEZ, Pablo. Título: **Narcotráfico é maior desafio para novo presidente.** Carta Maior. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br>>. Acesso em: 30/06/2006.